



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

GILMARA DE CAMPOS FERREIRA

**LAGOA DA CONCEIÇÃO E AS MARCAS DE UM PASSADO RURAL:
UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

GILMARA DE CAMPOS FERREIRA

**LAGOA DA CONCEIÇÃO E AS MARCAS DE UM PASSADO RURAL:
UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória - da Universidade Federal de Santa Catarina Para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora : Profa. Dra Mônica Martins da Silva
Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em diferentes espaços de memória.

FLORIANÓPOLIS
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferreira, Gilmara de Campos

Lagoa da Conceição e as marcas de um passado rural : uma proposta de educação patrimonial para o ensino de história / Gilmara de Campos Ferreira ; orientadora, Mônica Martins da Silva, 2022.

99 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Ensino de História. 3. Educação Patrimonial. 4. História Local. 5. Lagoa da Conceição, Florianópolis. I. Silva, Mônica Martins da . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Educação. III. Título.

Gilmara de Campos Ferreira
Lagoa da Conceição e as marcas de um passado rural: uma proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Sônia Regina Miranda
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Elison Antônio Paim
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann
Coordenador do ProfHistória/UFSC

Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
Orientadora

Florianópolis
2022

AGRADECIMENTOS

Ao Rafael, meu companheiro, que ao longo desses dez anos de docência sempre me motiva a criar aulas centradas no protagonismo dos/as estudantes, que me incentiva a sair da sala de aula e levar meus alunos e minhas alunas para conhecerem o mundo.

À minha mãe, que sonhou um dia ser professora, mas que acabou trilhando outros caminhos, e que sempre me aconselhou a estudar porque esse é o melhor caminho.

Aos meus alunos e alunas, foi e é um prazer enorme compartilhar a vida com vocês. Certamente, que a cada ano sendo motivada e inspirada a dar o melhor de mim, faz com que eu me torne uma pessoa melhor e orgulhosa de ser professora da escola pública.

Agradeço aos professores e professoras do ProfHistória que contribuíram de diversas formas para a realização deste trabalho. Um agradecimento especial às professoras Karen Rechia e Carmem Gil, suas participações na minha formação durante o curso foram extremamente valiosas.

À professora Mônica Silva, professora do ProfHistória, pessoa muito importante para este trabalho porque além de uma professora super dedicada, que contribuiu muito para a minha formação no curso e conseqüentemente para a minha forma de atuação no desenvolvimento do trabalho, é a orientadora desta pesquisa. Agradeço os momentos de orientação, de compreensão com as minhas indecisões, pelo apoio e incentivo e por sempre acreditar que esta proposta tinha um futuro.

Agradeço às professoras Sônia Miranda, Carmem Gil e Claricia Otto, e ao professor Elison Paim, que se dispuseram a fazer parte da banca, contribuindo grandemente com esta pesquisa.

À minha família, pai, mãe, irmãos, irmãs, sobrinhas, sobrinhos, cunhadas e cunhado por terem compreendido minha ausência nesses quase três anos e por sempre me apoiarem de alguma forma.

Aos amigos e às amigas, em especial, às minhas quase irmãs, Ariana Espindola e Cristiane Garcia, que em momento algum se ausentaram desta etapa da minha vida, ainda que distantes pela pandemia da Covid-19, estiveram sempre me motivando e me dando forças para seguir a jornada.

Às historinetes, pelo apoio, amizade, conversas e risadas, elementos fundamentais que fortalecem nossa crença num mundo possível.

Aos amigos e amigas do ProfHistória, pessoas incríveis que contribuíram de diversas formas para a realização deste trabalho.

Um agradecimento especial à Kátia, Jaqueline e ao Jaison, amigos especiais do ProfHistória, pelas boas risadas, parceria e companhia sempre agradável. Nossos momentos em Salvador ficaram para sempre entre as melhores lembranças da minha vida.

Quero agradecer à Mariana, amiga nova que o ProfHistória me presenteou, que esteve nessa caminhada comigo, e mesmo trilhando a sua própria, sempre se fez presente com palavras de afeto e incentivo.

Agradeço também aos colegas de labuta, professores e professoras, que se tornaram parceiros e parceiras de trabalho e com os quais pude dividir momentos de muita experiência e aprendizado. Com certeza, ao pensar e desenvolver a proposta metodológica desta pesquisa vocês estiveram presentes. Dentre esses colegas, quero agradecer especialmente à Maria Balem, à Laura Vargas e ao Eduardo de Souza.

À Ana Cristina Kruscinski, grande amiga, que sempre apoiou meus projetos e ideias e me incentivou na realização deste trabalho.

À Márcia Marcos, mulher inspiradora, pelo apoio e por sempre acreditar que é possível ir além, fazer mais e melhor.

Ao professor João Klug, pelo incentivo ao longo de todos esses anos e por ser uma inspiração para se pensar o tema da História Rural da Ilha de Santa Catarina.

Quero agradecer especialmente a todas as minhas professoras e aos meus professores da escola pública - da pré-escola ao ensino médio - lugar de onde eu vim e do qual tenho orgulho de fazer parte. Nessa caminhada, eu levo um pedaço de cada um de vocês.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta metodológica de Ensino de História para o bairro Lagoa da Conceição, em Florianópolis, a partir do diálogo entre Educação Patrimonial, História local e o uso escolar de fontes históricas. As possibilidades de ação se desdobrarão na investigação e reflexão a partir da proposta de análise de fontes históricas - fontes orais, fontes iconográficas, fontes judiciais, fontes jornalísticas, fontes historiográficas - relacionadas a Lagoa da Conceição; em um Roteiro-expedição pelo bairro, que procurará compreender as questões sócio históricas e ambientais como proposta de Educação Patrimonial e na sugestão de atividades correlatas para serem desenvolvidas durante toda a proposta metodológica. As fontes selecionadas e o roteiro-expedição sugeridos para esta proposta fornecem indícios sobre o passado e o presente da Lagoa e servem para a construção do conhecimento histórico sobre a dinâmica da vida agrícola existente na região até boa parte do século XX. Para além do passado rural, trazem informações do tempo presente do bairro e seus problemas atuais, como a ocupação desordenada, a destruição do meio ambiente natural e a transformação de sua paisagem. Um website foi desenvolvido especialmente para disponibilizar a proposta metodológica para professores, pesquisadores, estudantes e para o público em geral.

Palavras-chave: Ensino de História. Educação Patrimonial. História Local. Fontes Históricas. Lagoa da Conceição. Santa Catarina.

ABSTRACT

This work presents a methodological proposal for the Teaching of History for the Lagoa da Conceição neighborhood, in Florianópolis, based on the dialogue between Heritage Education, Local History and the school use of historical sources. The possibilities of action will unfold in the investigation and reflection from the proposal of analysis of historical sources - oral sources, iconographic sources, judicial sources, journalistic sources, historiographic sources - related to Lagoa da Conceição; in an expedition tour through the neighborhood, which will seek to understand the socio-historical and environmental issues as a proposal for Heritage Education and the suggestion of related activities to be developed throughout the methodological proposal. The selected sources and the expedition route suggested for this proposal provide clues about the past and present of Lagoa and serve to build historical knowledge about the dynamics of agricultural life in the region until much of the 20th century. In addition to the rural past, they bring information about the neighborhood's present time and its current problems, such as disorderly occupation, the destruction of the natural environment and the transformation of its landscape. A website was specially developed to make the methodological proposal available to professors, researchers, students and the general public.

Keywords: History teaching. Heritage Education. Local History. Historical Sources. Lagoa da Conceição. Santa Catarina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da Lagoa da Conceição - Freguesia da Lagoa.....	13
Figura 2 - Moradores locais pescando na Lagoa da Conceição	27
Figura 3 - Instalação dos postes de luz na Lagoa da Conceição, 1962.....	30
Figura 4 - Detalhe do site Uma História da Lagoa	34
Figura 5 - Estudantes fazendo a leitura e transcrição dos inventários <i>post-mortem</i>	35
Figura 6 - Um dos painéis expostos na mostra de trabalhos	36
Figura 7 - Montagem de fotos que mostra placas com palavras de protesto sobre o desastre ambiental ocorrido na Lagoa no início do ano de 2021.....	48
Figura 8 - Diagnóstico.....	52
Figura 9 - Detalhe do site que mostra o tema Patrimônio: Paisagem Cultural.....	56
Figura 10 - Detalhe da seção Roteiro de estudos mostrando as 4 fontes selecionadas para a análise e atividades do Tema Patrimônio: Paisagem Cultural.....	58
Figura 11 - Ficha de análise de fonte jornalística.....	59
Figura 12 - Ficha de análise da fonte 2: excerto de entrevista.....	61
Figura 13 - Montagem de fotografias da Lagoa da Conceição.....	62
Figura 14 - Ficha de análise de fonte iconográfica (fonte 3)	63
Figura 15 - Ficha de análise de fonte iconográfica (fonte 4)	64
Figura 16 - Detalhe da seção Roteiro de estudos do Tema Patrimônio: Paisagem cultural....	65
Figura 17 - Detalhe do site que mostra o tema Trabalho e memória: A vida em outros tempos.	67
Figura 18 - Detalhe do site que mostra a segunda etapa em Possibilidades metodológicas na seção Diálogos com os professores.....	69
Figura 19 - Detalhe do site que destaca a terceira etapa das Possibilidades metodológicas, na seção Diálogos com os professores.....	72
Figura 20 - Detalhe da seção Roteiro de estudos do Tema Trabalho e memória: a vida em outros tempos.....	73
Figura 21 - Detalhe da seção Roteiro de estudos do Tema Trabalho e memória: a vida em outros tempos.....	74
Figura 22 - Mapa mostrando o Caminho da Costa da Lagoa com pontos marcados do roteiro-expedição.....	75

Figura 23 - Detalhe da seção Diálogos com os professores mostrando parte inicial do Roteiro-expedição.....	77
Figura 24 - Detalhe do site que mostra a 4ª parada: Casa Engenho de farinha e as atividades propostas para esse momento.....	80
Figura 25 - Página inicial do site.....	87
Figura 26 - Detalhe do site que mostra a seção Para iniciar essa conversa!	88
Figura 27 - Detalhe do site que mostra a página principal da Oficina de fontes.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS

ACT - Admitido em caráter temporário

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CASAN - Companhia Catarinense de Águas e Saneamento

ENPEH - Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

ProfHistória - Mestrado Profissional em Ensino de História

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. LAGOA DA CONCEIÇÃO COMO TEMÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	22
2.1 História Local no contexto da minha prática profissional: construindo um olhar sobre a Lagoa da Conceição no Ensino de História.....	22
2.2 A Lagoa da Conceição como espaço de história e memória: revisitando estudos, pesquisas e impressões sobre o lugar.....	25
2.3 Construindo uma proposta de Ensino de História e Educação Patrimonial: entrelaçando abordagens e conceitos fundamentais.....	31
3. PRESSUPOSTOS PARA UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E USO DE FONTES HISTÓRICAS	47
3.1 Os caminhos de construção de uma proposta de Educação Patrimonial	49
3.2 Uma proposta de Educação Patrimonial para a Lagoa da Conceição	50
3.2.1 Para iniciar essa conversa	51
3.2.2 Construindo conhecimento por meio da investigação: Oficina de fontes históricas.....	53
3.2.2.1 Tema: Patrimônio: Paisagem cultural	54
3.2.2.2 Tema: Trabalho e memória: A vida em outros tempos.....	66
3.2.3 Roteiro-expedição pela Caminho da Costa da Lagoa	75
3.2.4 Exposição dos trabalhos	83
3.2.5 Ensinar História da Lagoa: estratégias para construção de um site pedagógico.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96

1. INTRODUÇÃO

A Lagoa da Conceição é composta por várias localidades em torno da sua principal atração, a laguna. Entre essas localidades está a Costa da Lagoa, lugar singular, que foi considerado por muitos pesquisadores da história ilha, como celeiro agrícola da Ilha de Santa Catarina durante o século XIX e início do século XX. Como moradora da Lagoa da Conceição há 20 anos acompanhei parte da sua transformação, de um bairro calmo e turístico no verão, para um bairro receptor de um número cada vez mais expressivo de moradores e com maior agitação ao longo de quase o ano inteiro. Como pessoa interessada por suas histórias e sua gente, busquei conhecer sua cultura, suas memórias e seu passado. Sempre que encontrava a oportunidade de conversar sobre o assunto com os moradores locais eu o fazia e as histórias me surpreendiam e me conectavam com a minha própria história como filha de agricultores, recém chegada do interior de São Paulo.

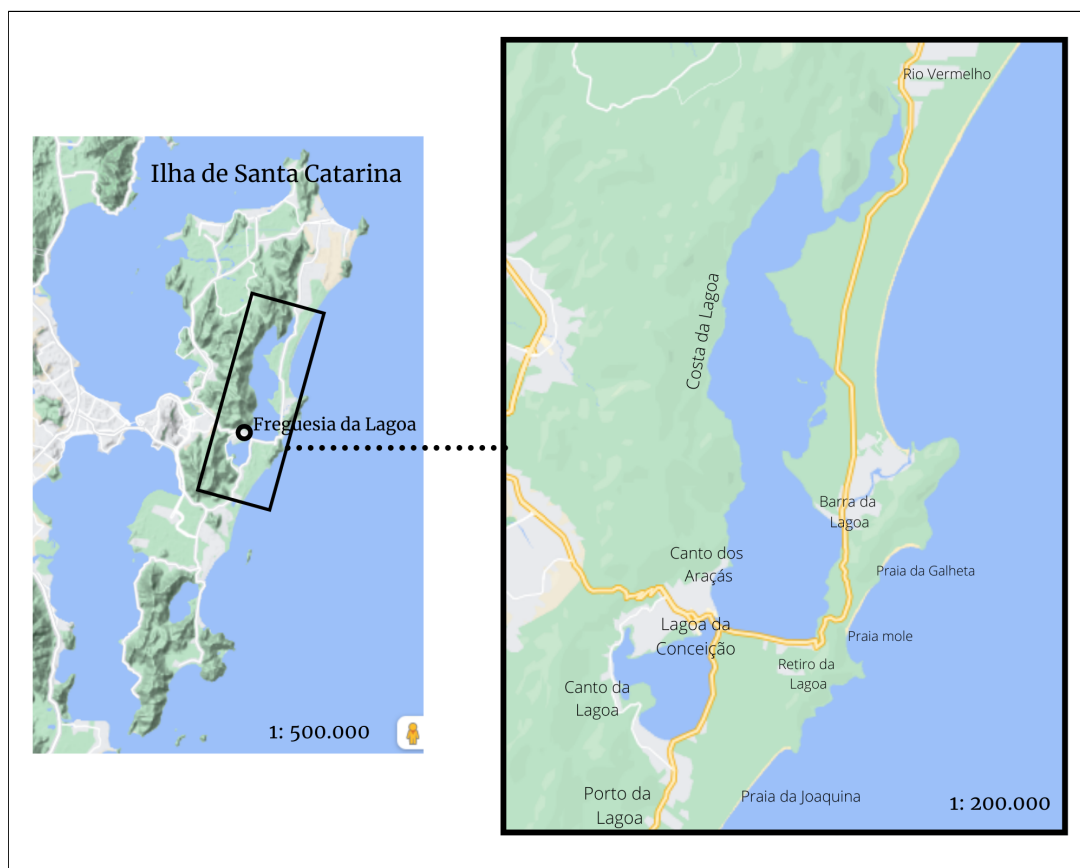


Figura 1: Mapa de localização da Lagoa da Conceição - Freguesia da Lagoa - e as demais localidades que compõem o Distrito da Lagoa, em relação à Ilha de Santa Catarina.
Fonte: Fotomontagem produzida pela autora a partir de imagens do Google Earth, 2021.

Apesar de ser uma ilha no litoral sul do Atlântico com características marcadamente praianas, a história de seu povo está intimamente ligada com um passado rural. Seus morros, que chamam atenção pelo verde escuro de belas matas, não evidenciam - para quem os aprecia ao longe - que estas terras já foram espaço de roças de mandioca, café, cana-de-açúcar, dentre outras culturas para subsistência e colaboraram para o desenvolvimento da velha Desterro.

O interesse por compreender melhor a história da Ilha e em especial do bairro Lagoa da Conceição me motivou, já como estudante do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, a desenvolver uma pesquisa sobre a vida rural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa como trabalho de conclusão do curso. A pesquisa teve como objetivo principal traçar um perfil da estrutura rural do último quartel do século XIX, a partir da investigação de uma série de fontes documentais e análise dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais relacionados com a produção agrícola na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Esse trabalho proporcionou investigar os vários aspectos da história da Lagoa, compreender o seu processo histórico ao longo do tempo e a sua importância como partícipe da história agrária e econômica do Brasil. À medida que a pesquisa trazia à tona a dinâmica rural daquela localidade, eu percebia, ao conversar com moradores, locais ou não, que muito pouco era conhecido, principalmente entre os mais jovens.

Surge, então, já como professora de história na rede básica de ensino, a iniciativa de incluir no currículo aspectos relativos à história local no contexto da história do Brasil. A intenção de promover o estudo e (re)conhecimento por parte dos jovens do processo histórico ocorrido na cidade é parte de uma carência percebida por mim, ao longo da minha trajetória dentro do espaço escolar, de uma investigação histórica mais próxima da “realidade dos alunos”. Mobilizando-os a se deslocarem do presente e perceberem que aquele lugar tem passado e história, levando-os a uma problematização do presente/passado/futuro e das suas permanências e mudanças ao longo do tempo. Nesse sentido, estimulando nos estudantes a capacidade de atribuir significado às experiências do ser humano no fluxo do tempo: experiência do passado, interpretação do presente e orientação do futuro. Essa proposta de trabalho está pautada em um Ensino de História que visa possibilitar aos estudantes uma reflexão de suas ações no mundo a partir do desenvolvimento do senso crítico e da sua formação como sujeitos históricos. Nos é caro pensar que o Ensino de História é muito mais do que uma mera lista de conteúdos que precisam “ser trabalhados em sala de aula” ao longo do ano letivo, muitas vezes com metodologias tradicionais que não aguçam a curiosidade e o

interesse dos estudantes na investigação das coisas do mundo. Considero que o professor, para além daquele que sabe realizar o seu trabalho, pode - e deve - colocar-se como um pesquisador que olha para a docência como um campo de pesquisa, no qual ele fará constantes questionamentos e problematizações.

Exercer a docência como um professor/a-pesquisador/a é também refletir sobre o ser professor/a e sobre a sua posição diante da realidade que o/a toma. É buscar por novos desafios e confrontos no campo do Ensino de História. É ir além da sala de aula e de uma força da própria sociedade brasileira que não reconhece, ou não lhe interessa reconhecer, a escola como lugar de produção de conhecimentos, os professores como intelectuais e os estudantes como sujeitos do conhecimento e capazes de promover transformações na sociedade.

São muitos os trabalhos publicados sobre a Freguesia da Lagoa e suas adjacências. Boa parte dessas pesquisas são dos campos da biologia, geografia, arquitetura, antropologia, psicologia ambiental, sendo poucas as pesquisas no campo da história e menos ainda no campo do Ensino de História. Na realidade, não foi encontrado nenhum trabalho no campo do Ensino de História sobre a Freguesia (Lagoa da Conceição) que relacione os temas patrimônio cultural e história local. No levantamento feito na plataforma EduCapes - Dissertações do PROFHISTÓRIA- , o trabalho que mais se aproxima da temática deste projeto foi realizado por Ricardo Pinho com a dissertação: *O Tempo Do Engenho: A Modernização Recente De Florianópolis Vista A Partir Da Trajetória Do Grupo Engenho (História E Fontes Para O Ensino De História)*, que aborda o passado rural de Florianópolis e sua transformação percebida nas composições musicais do Grupo Engenho.

A história agrária da Ilha de Santa Catarina é um tema pouco explorado, tanto no campo da pesquisa histórica, quanto no campo do Ensino de História. Assim, o presente trabalho torna-se relevante para discutir sobre como a história local, sob a perspectiva do rural, a partir da abordagem da Educação Patrimonial, pode trazer contribuições para o Ensino de História.

Nesse sentido, a pesquisa pretende aprofundar os estudos sobre a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, hoje Distrito da Lagoa, dialogando com as questões do Ensino de História. Pretende-se, a partir da interrelação entre os debates da História local, do uso escolar de fontes históricas e do campo do Patrimônio cultural e ambiental desenvolver uma proposta de Educação Patrimonial que vai corresponder à dimensão propositiva deste trabalho.

Apesar dos estudos sobre a História Local da Lagoa da Conceição, principalmente em relação a dinâmica agrária, já me fosse um tema caro para trabalhar em sala de aula, foi somente no curso do ProfHistória que a ideia de desenvolver uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema no Ensino de História tomou corpo. Por se tratar de um estudo que primava por uma abordagem dentro do campo do Ensino de História, relacionado a construção do conhecimento nos mais diversos espaços de memória e estabelecia um diálogo com o Patrimônio Cultural, a linha de pesquisa que melhor compreendia o estudo foi a linha “Saberes históricos em diferentes espaços de memória”. Assim, como será desenvolvido ao longo deste trabalho, a pesquisa pretende aprofundar os estudos sobre a Lagoa da Conceição dentro do campo do Ensino de História, entendendo que a história agrária dessa localidade pode ser protagonista dando espaço a “pluralização dos sujeitos sociais e de lugares de fala” (ABREU, 2016, p. 61).

A pesquisa terá como objeto de estudo o bairro Lagoa da Conceição e suas adjacências, que remontam o espaço geográfico da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. A partir disso, a pesquisa busca compreender a história da Freguesia da Lagoa pela perspectiva do seu passado rural como proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História Local. Para além disso, refletir sobre como o Ensino de História contribui para a formação do sujeito e para a reflexão sobre si mesmo. Entendendo que um dos caminhos para essa reflexão é oportunizar ao estudante a compreensão da história como um exercício de ampliação dos seus horizontes, que o colocaria num lugar de potencialidade crítica a respeito do seu entorno enquanto sujeito histórico.

Ao pensar uma proposta de ensino com foco no bairro Lagoa da Conceição queremos trazer à tona questionamentos sobre as transformações recentes que vêm ocorrendo no lugar e que se evidenciam no presente, tais como: o crescimento urbano desordenado, que carrega consigo o desmatamento e a poluição, assim como a destruição do patrimônio histórico material e imaterial.

É importante salientar que esta proposta está direcionada a qualquer professor/a de História que queira trabalhar com a história da Lagoa da Conceição e suas adjacências, mas também se presta a ser um material de inspiração para os professores de História interessados em desenvolver novas estratégias no Ensino de História ou mesmo para aqueles que tenham interesse em projetos interdisciplinares, já que muitas atividades podem ser adaptadas para o trabalho integrado com outras disciplinas. Nesse sentido, a aposta foi em uma metodologia que o/a professor/a poderá adaptar às suas necessidades e aos objetivos do seu trabalho

docente. Nesse aspecto, podemos elencar algumas contribuições para o Ensino de História que esta proposta pretende: em primeiro lugar, o passado rural da Lagoa da Conceição que é o tema gerador desta pesquisa possibilita refletir sobre esse bairro na perspectiva da História Local. No entanto, outros temas são mobilizados na construção da relação passado e presente, abrindo perspectivas para abordagem da história da cidade, do meio ambiente e do patrimônio cultural, amplificando as possibilidades de temas e problemas para se ensinar história e trazendo para a sala de aula outros temas para além daqueles que constam no currículo escolar.

Uma outra contribuição é fornecer ao/a professor/a a possibilidade de se fazer pesquisador/a, ou seja, a proposta deste trabalho é também, a partir da *Oficina de fontes*, ser um instrumento de qualificação para a atuação docente em sala de aula. Para tal contribuição, a *Oficina de fontes* traz um conjunto de documentos históricos sobre a Lagoa da Conceição com algumas indagações, mas é preciso dizer que os documentos podem ser trabalhados em sala de aula de forma conjunta de acordo com o objetivo do professor. Assim, é possível escolher quais documentos serão utilizados, além de poder pesquisar outros que não estão ali. Com esta prática, confere-se ao professor/a a atuação como pesquisador/a dos seus conteúdos e de sua estratégia pedagógica numa intenção de pensar a sua prática, o que se quer ensinar, para quê e para quem.

Uma terceira contribuição seria o trabalho com as fontes para os estudantes. Como colocado acima, esta proposta pretende promover a reflexão dos jovens para que estes se percebam enquanto sujeitos conscientes de sua história e mais ativos em seu próprio aprendizado. Uma quarta contribuição seria a ampliação da primeira contribuição acima citada, buscando aproximar a Educação Patrimonial do Ensino de História escolar.

Para atingir esse objetivo, duas estratégias foram pensadas. A primeira acontecerá em sala de aula quando do trabalho com as fontes. A segunda estratégia foi propor uma Expedição-roteiro pela cidade, no caso deste trabalho, a saída a campo como uma abordagem da Educação Patrimonial foi pensada para ser feita dentro do bairro, num local específico, que atende ao objetivo de conhecer o passado rural da Lagoa da Conceição, possibilitando também um diálogo com o presente. Ou seja, que não seja somente entendido o conhecimento pelo conhecimento, queremos que o presente/ passado /futuro seja problematizado e historicizado num movimento contínuo de investigação do/a professor/a com os/as estudantes.

O princípio básico aqui estabelecido é buscar promover um Ensino de História que - por uma abordagem da Educação Patrimonial - possa dialogar com a história local, com a

construção da memória, com a ideia que se tem de patrimonialização, percebendo os atores que participaram da construção das memórias e das histórias daquele lugar. Sendo o Patrimônio um tema transversal, a intenção de trabalhar a proposta de Educação Patrimonial como parte de um Projeto interdisciplinar se expande para um diálogo com as diversas áreas do conhecimento escolar, que enriqueceria os debates do Ensino de História com as outras ciências.

No que refere às concepções e categorias entendidas como mais apropriadas do ponto de vista de ensino que se quer promover, escolhemos a concepção de Educação Patrimonial que considera o patrimônio cultural, histórico, ambiental como uma construção histórica de determinada época, bem como são suas ferramentas de patrimonialização e suas interpretações. Assim, utilizaremos os estudos realizados por Janice Gonçalves (2014), para pensar quem são os agentes envolvidos e mobilizados na construção da memória sobre o Patrimônio Cultural da Lagoa da Conceição, bem como os argumentos utilizados para este fim. Não distante, estão também as reflexões de Andréa Delgado e Mônica Silva (2013), para se pensar uma Educação Patrimonial no Ensino de História. Ainda nesse sentido, indagar a patrimonialização como noção de herança que serve aos interesses turísticos. Ainda no campo das concepções sobre o Patrimônio Cultural entendemos que as contribuições de Átila Tolentino (2018) sobre como o patrimônio cultural é fruto das relações sociais e dos significados que lhe são atribuídos pelos indivíduos do meio social no qual o bem patrimonial está inserido nos interessam, pois compreendemos que conhecimento da história do lugar pode fortalecer essas relações e esse significados.

Ao considerar o caráter decolonial dos estudos sobre o Patrimônio propostos por Átila Tolentino para compor a concepção de Educação Patrimonial que esse trabalho intenciona, entendemos que o viés decolonial se mostra relevante porque atende uma demanda cada vez mais latente de um Ensino de História questionador e democrático. Neste trabalho, o viés decolonial compreende a visibilidade de sujeitos pouco lembrados, como os agricultores, pescadores, escravizados, entre outros que contribuíram para a formação histórica do objeto de pesquisa deste trabalho. De tal maneira, as proposições de Alison Paim (2019) para um Ensino de História, que se coloca numa posição constante para práticas pedagógicas decoloniais, encontram neste trabalho ressonância e possibilidade.

Ainda dentro da discussão no campo do Patrimônio, recorreremos à categoria de “paisagem cultural”, elaborada pela UNESCO nos idos dos anos 1990, que nos auxilia relacionar os aspectos naturais e os aspectos culturais na dinâmica rural que transformou o espaço da Lagoa da Conceição ao longo de pelo menos 200 anos.

A busca por uma Educação Patrimonial que apela para a educação sensível nos faz adentrar pelo trabalho de Lana Mara Siman (2008) que contribui para pensar a potencialidade de aprender fora da sala de aula, em saídas a campo para perceber e dialogar com aquilo que não está visível. Nesse sentido, buscamos também as reflexões de Sonia Miranda (2013) para compreender quão desafiador pode ser fazer da nossa prática docente o lugar de provocar sensibilidades e experiências sensibilizadoras.

Para a categoria da História Local, partiremos das contribuições de Marcelo Abreu (2016), que nos provoca a pensar o estudo da história visível ao estudante, como partida para a investigação histórica e da proposição de pensar a história do aspecto micro para o macro.

Para o trabalho com as fontes históricas, entendido neste trabalho como estratégia metodológica para o Ensino de História, buscamos as valiosas contribuições de Pereira e Seffner (2008), Schmidt e Cainelli (2009), dentre outros pesquisadores do campo do Ensino de História, como Ana Maria Monteiro (2008), Selva Guimarães Fonseca (2000; 2016) dentre outros, que nos ajudarão a pensar sobre a trajetória deste campo de pesquisa e sobre os desafios e as perspectivas dentro do nosso campo de atuação profissional.

A princípio esta pesquisa seria realizada na Eem Henrique Veras como ação contínua da atividade iniciada no ano de 2019 com estudantes da 2ª série do ensino médio. Como professora ACT não temos a garantia de prosseguir trabalhando na mesma escola de um ano para o outro. E foi o que aconteceu em 2020. Não tendo a possibilidade de lecionar na escola Henrique Veras, mas tendo bom relacionamento com a direção da escola me foi oportunizado finalizar minha pesquisa com os alunos. Nesse caso, eu faria com o professor titular de história um projeto e assim poderíamos trabalhar em conjunto. Porém, em decorrência da pandemia da Covid-19, e da consequente suspensão das aulas presenciais, não foi possível dar continuidade ao que eu havia previsto para o desenvolvimento desta pesquisa, tornando-se então, prudente e necessário a reelaboração da mesma. Dessa forma, infelizmente, não teremos a participação dos estudantes. Assim, o que se apresenta neste trabalho é uma proposta metodológica para ser desenvolvida por professores/as de História, tanto dos anos finais do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, mas que não pode ser colocado em prática pela professora autora.

A metodologia de pesquisa deste trabalho foi dividida em duas etapas que estiveram entrelaçadas durante quase todo o processo de construção da dimensão propositiva. A primeira etapa consistiu na elaboração da dimensão propositiva - composta pela Oficina de fontes e pelo Roteiro-expedição -, assim a pesquisa abrange o levantamento e seleção das fontes históricas, a elaboração das fichas para análise e as atividades correlatas (metodologia

para trabalhar com as fontes em sala de aula); a organização do roteiro para expedição a campo e os procedimentos necessários para sua realização.

A segunda etapa consistiu na concepção e construção de um site, intitulado [Ensinar história da Lagoa](#), onde a proposta metodológica está disponível para o acesso do público em geral. Vale mencionar que a ideia de criar um site me pareceu desde o início a melhor alternativa para disponibilizar a proposta metodológica que se apresenta, mas ao longo do seu desenvolvimento essa alternativa se mostrou bastante exigente com a necessidade de se pensar e repensar formas de organização da proposta para o meio digital. Outra tarefa que exigiu tempo e esforço intelectual foi pensar na forma como as fontes e os materiais que foram desenvolvidas para trabalhar com cada uma delas, poderiam estar disponíveis para que pudessem ser utilizados de forma digital e não digital, ou seja, quando da necessidade de fazer a impressão para o trabalho em aula.

Assim, busquei a todo momento construir uma proposta e uma forma de acesso à ela que pudesse inspirar e contribuir para que o/a professor/a sinta que este trabalho é possível, assim como pode e deve ser flexionado, de acordo com os objetivos pedagógicos, mas que acima de tudo, seja um suporte para que o/a professor/a possa ampliar sua atuação enquanto pesquisador/a e possa proporcionar aos/às estudantes o protagonismo de seu aprendizado.

O presente texto está organizado em dois capítulos. O primeiro intitulado **Lagoa da Conceição como temática para o Ensino de História** apresenta as motivações que suscitaram trazer a história rural da Lagoa da Conceição como temática no Ensino de História. Esse capítulo está dividido em três subcapítulos: o primeiro, apresenta um pouco da minha trajetória profissional e como se deu a construção do meu olhar para pensar a Lagoa da Conceição como uma temática importante para o Ensino de História. O segundo subcapítulo, apresenta a localidade da Lagoa da Conceição a partir de estudos no campo da pesquisa histórica. O terceiro subcapítulo relaciona a minha trajetória no ProfHistória com o embrião deste trabalho, além de apresentar algumas abordagens e os conceitos que fundamentam esta pesquisa.

O segundo capítulo do trabalho intitulado **Pressupostos para uma proposta de Educação Patrimonial e uso de fontes históricas** apresenta as etapas da metodologia de pesquisa e a construção da ação propositiva. Assim, o subcapítulo **Uma proposta de Educação Patrimonial para a Lagoa** apresenta a dimensão propositiva deste trabalho. Como dimensão propositiva queremos apresentar todo o conjunto de atividades pensadas para serem desenvolvidas por professores/professoras com os/as estudantes - da sala de aula à produção final dos trabalhos por eles/as elaborados.

Assim, o subcapítulo foi dividido em cinco partes e estas compõem a dimensão propositiva, sendo elas: i) Introdução do tema e conversa inicial com os/as estudantes num movimento de trabalhar com os conhecimentos prévios dos/das mesmos/as; ii) Oficina de fontes, com apresentação dos documentos selecionados para esta proposta, fichas de análise e atividades correlatas; iii) Roteiro-expedição orientado pelo Caminho da Costa da Lagoa, apresentação de alguns pontos estratégicos para compreensão da dinâmica rural da localidade e as questões relacionadas ao presente; iv) Exposição dos trabalhos, com sugestões que poderão ser desenvolvidos pelos estudantes a partir do trabalho na Oficina e da realização do Roteiro-expedição e formas de apresentação dos mesmos; e v) Um lugar para divulgar a proposta, com apresentação do site que foi desenvolvido para ser o local onde a proposta metodológica estará disponibilizada para acesso.

2. LAGOA DA CONCEIÇÃO COMO TEMÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

2.1 História Local no contexto da minha prática profissional: construindo um olhar sobre a Lagoa da Conceição no Ensino de História

A minha trajetória na educação pública como professora de história começou em 2011. De lá para cá, tenho trabalhado como professora ACT¹ na rede estadual e municipal de Florianópolis e lecionado em diversas escolas da cidade. A minha primeira experiência como professora foi na extinta escola estadual Escola de Ensino Médio Castelo Branco, situada no bairro da Armação, região sul de Florianópolis, com turmas do ensino médio no período noturno. Considerando que muitos estudantes estudavam a noite, porque durante o dia trabalhavam, busquei desenvolver atividades, ainda que de forma muito tímida e experimental, que os colocassem em posição de destaque promovendo debates, trabalhos em grupo, relacionando conteúdos de história com temas contemporâneos e do cotidiano dos estudantes. Como exemplo, podemos citar um trabalho realizado com uma turma da 2ª série do ensino médio. Ao estudar a história do Brasil no período colonial, demos ênfase na ocupação do sul do território colonial e trouxemos para o debate a posição estratégica da Ilha de Santa Catarina e sua importância, tanto para os portugueses quanto para os espanhóis. O trabalho consistia em estudar a importância da Ilha de Santa Catarina para uma ocupação efetiva dos portugueses no sul da colônia e da necessidade de povoar² esse território, iniciando uma série de levadas migratórias do arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira, entre os anos de 1748 e 1756. Com caráter empírico, o estudo tinha como objetivo traçar um perfil da comunidade da Armação, a partir da história da família dos estudantes - boa parte descendentes dos colonos açorianos - numa relação entre as características geográficas do bairro, suas atividades econômicas durante os séculos XVIII, XIX e XX percebendo as mudanças e permanências no presente. Para tanto, realizamos algumas entrevistas com avós, tios, parentes dos estudantes sobre o bairro e sobre as transformações que ocorreram ao longo do século XX e início do XXI. Também foram selecionados alguns documentos como fotografias da região e da pesca da baleia, que foi uma atividade econômica de relevância nacional e internacional entre os séculos XVIII e XX.

¹ Admitido em caráter temporário.

² Muito antes da chegada dos primeiros europeus a Ilha de Santa Catarina, esta já era habitada pelos índios Carijós. Carijós, ou Cario - grupo indígena filiado à grande tradição linguística Tupi-Guarani - que na época da chegada dos europeus ocupava grandes áreas do litoral e do interior do Brasil. LAVINA, R. Indígenas de Santa Catarina: História de Povos Invisíveis. p.76. In: BRANCHER, A.. História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 1999. 214p.

Hoje, as comunidades do sul da Ilha de Santa Catarina, como as comunidades da Armação, Matadeiro e Pântano do Sul, permanecem com características pesqueiras, mas há um bom tempo já é perceptível que o apelo turístico tem ganhado cada vez mais espaço. Nos debates com os estudantes esses temas foram colocados em pauta e eles demonstraram interesse em entender e relacionar os conteúdos de história do Brasil com o lugar de onde eles são. Tornou-se significativo pensar a história da família num contexto mais abrangente.

Como a região possui diversos sítios arqueológicos, com a turma da 1ª série, o trabalho também foi muito produtivo, pois os vestígios arqueológicos são conhecidos pelos estudantes, mas nem sempre são pensados do ponto de vista histórico e geográfico. E para enriquecer o estudo houve a possibilidade de levar para a escola um arqueólogo local, Sandro Folle, que fez uma belíssima e apaixonada palestra sobre as populações indígenas que viveram no sul da Ilha de Santa Catarina: seus modos de vida, suas ferramentas de trabalho; buscando salientar a importância para a história e para o entendimento geográfico daquele local.

Como professora recém formada, fiquei muito satisfeita com essas primeiras experiências no Ensino de História e certamente que essa interação que aconteceu entre as aulas de história e os estudantes me impulsionaram a pensar diferentes possibilidades para a minha prática pedagógica nos anos seguintes. Prática essa que, ao longo dos poucos anos na educação pública, me levou a uma necessidade de reflexão e aprofundamento teórico com intuito mesmo de fazer melhor.

Entre os anos de 2012 e 2016, desenvolvi diversos trabalhos que envolveram projetos, que em alguns momentos pude dividir com colegas de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, ciências, língua portuguesa, geografia, arte; com projetos de horta escolar, montagem de peças de teatro, saída de estudos em museus, indústria, sítios arqueológicos, dentre outros. Todas essas experiências, ainda que elaboradas como ações intencionais e realizadas com muitos obstáculos em seus mais variados níveis, eram pouco refletidas posteriormente.

Muito embora eu percebesse no currículo a tendência de uma história eurocêntrica, cronológica, linear e factual, que muitas vezes desconsidera as especificidades históricas, sociais e econômicas dos próprios estudantes; e colocasse em prática uma ação pedagógica e metodológica que buscasse abordar temas da história local, de levar documentos históricos para a sala de aula, de buscar a participação dos estudantes na produção do conhecimento através de projetos, trabalhos para feira de ciência (conhecimento), me faltava um posicionamento de melhor compreensão da minha atuação como professora e pesquisadora.

Isso se dava em parte porque de certa forma meu trabalho sempre seguiu um caminho mais intuitivo, na sanha mesmo de tirar os estudantes do estado morno, que muitas vezes, a sala de aula se torna. Minha preocupação estava em promover algo a mais, e obtive êxito muitas vezes. Encontrei colegas de trabalho que pensavam e queriam as mesmas coisas que eu e juntos, fizemos acontecer. Mas na corrida contra o tempo, a reflexão não tinha espaço. Ao término do projeto, cada um seguia seu caminho.

Em 2017, o trabalho na Escola Estadual Henrique Veras, localizada no bairro Lagoa da Conceição, suscitou em mim a vontade de levar para a sala de aula alguns aspectos da história local pouco conhecidos ou pouco comentados, que é o tema da ruralidade da comunidade da Lagoa da Conceição. Como mencionado anteriormente, eu já havia tido um contato muito grande com a história agrária desta comunidade para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), porém não havia tido a oportunidade de trabalhar com os estudantes essa temática. Para não entrar diretamente no tema e com o intuito de incentivar os estudos sobre história num contexto mais amplo, incluí no planejamento das aulas alguns aspectos da história local de Florianópolis. Assim, o contexto das Reformas Urbanas no início do século XX foi escolhido para fazer a articulação da história local com a história nacional. Dessa forma, ao abordar as transformações urbanas ocorridas no Brasil, o plano de aula contemplava os seguintes pontos a serem estudados: o processo de reurbanização em Florianópolis, a importância e as consequências das políticas públicas do período de governo do Hercílio Luz, o impacto que a construção da Ponte Hercílio Luz trouxe para o cotidiano da cidade e como essas transformações repercutiram nas comunidades tradicionais da Ilha de Santa Catarina, entre elas a Lagoa da Conceição. E então, colocar em destaque aspectos da história agrária da comunidade e seu entorno.

O objetivo com esta prática pedagógica foi colocar a História como chave para que o sujeito (estudante) pudesse, através do conhecimento histórico do local, questionar a relação dele próprio com o mundo e todas as demais relações entre o sujeito e o objeto. Paulo Knauss nos traz a ideia de que a “produção do saber histórico evidencia-se como instrumento de leitura do mundo e não mera disciplina” (2001, p. 28). Nesse sentido, o objetivo era de fato oportunizar uma leitura do mundo que permitisse aos estudantes buscar, por meio do espírito crítico, o conhecimento sobre si mesmo. Porém, numa reflexão a posteriori, surgiram dúvidas sobre a efetividade e eficácia dessa prática pedagógica, uma vez que a história local foi apresentada aos estudantes como mais um conteúdo no currículo. Se, por um lado, o tema trouxe indagações e foi problematizado em sala de aula, por outro, a participação dos

estudantes na construção daquele conhecimento histórico específico foi pouco explorada na metodologia desenvolvida para tal finalidade.

Ou seja, alcançar uma história mais reflexiva, inclusiva, questionadora, que desloca o estudante de um papel passivo para um papel ativo na construção do conhecimento exige do professor muitas habilidades, conhecimento e clareza do que realmente se quer fazer na escola. E tempo. Tempo para pensar, pesquisar e preparar um bom plano de aula; tempo em sala de aula com os estudantes para o desenvolvimento da proposta pedagógica e tempo para refletir sobre todo o processo. Aqui podemos enfatizar o “repensar a atividade docente”, porque entendemos que ao fazer isso estamos também repensando os currículos e os conteúdos ensinados em História numa tentativa constante de quebrar a uniformidade de um ensino homogêneo imposto às escolas. Nos termos de Giroux (1997) fica evidente que essa forma de gerenciamento e padronização no campo do ensino, que desvaloriza e desabilita o trabalho docente, está em total “desacordo com a premissa de que os professores deveriam estar ativamente envolvidos na produção de materiais curriculares adequados aos contextos culturais e sociais em quais ensina” (p. 160).

Esse é o caminho que esta pesquisa percorreu. Ao pensar o seu objeto de estudo para ser trabalhado em sala de aula, o professor encarrega-se de buscar uma reconfiguração da estratégia metodológica para se ensinar história. Para esse trabalho em específico, ao estudar a Lagoa da Conceição na escola, o meu objetivo foi levantar algumas questões que se farão necessárias para o desenvolvimento da pesquisa que se inserem no campo do Ensino de História, aproximando assim, os saberes locais e os conhecimentos históricos. Dessa forma, a elaboração de uma proposta metodológica para se ensinar a história da Lagoa da Conceição parte da investigação, não apenas de novos temas, mas também de problemas e metodologias para se ensinar História, por meio do diálogo com as questões que emergem no campo do Ensino de História.

2.2 A Lagoa da Conceição como espaço de história e memória: revisitando estudos, pesquisas e impressões sobre o lugar

Fundada por imigrantes açorianos em meados do século XVIII, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, hoje distrito da Lagoa, mais comumente conhecida como Lagoa da Conceição, ocupa uma área de 55,28 Km² e está localizada a mais ou menos 20 Km do distrito da sede, centro de Florianópolis. É constituída pelas seguintes localidades: Porto

da Lagoa, Canto da Lagoa, Canto dos Araçás, Costa da Lagoa, Praia da Galheta, Praia Mole, Praia da Joaquina, Retiro de Lagoa e Lagoa da Conceição (centrinho da Lagoa)³.

Muito antes da chegada dos europeus, a Ilha de Santa Catarina foi ocupada por grupos pré-históricos, que deixaram vestígios de sua ocupação por diversos lugares. Na região da Lagoa é possível encontrar sambaquis, oficinas líticas e inscrições rupestres. Do convívio com vicentistas, os primeiros a tentarem uma ocupação na Ilha e com espanhóis, que de passagem para o Rio da Prata passavam temporadas na Ilha, os índios Carijós (Guarani), que já habitavam essas terras de longa data, legaram muito dos seus conhecimentos.

Esse povo cultivava a mandioca, praticava a pesca, a caça, a coleta e conheciam todas as plantas e animais. Foi com os carijós, e com o aprendizado já assimilado dos paulistas e estrangeiros, que os imigrantes açorianos conheceram muitas das atividades desenvolvidas na Ilha, como por exemplo: o cultivo da mandioca; o fabrico de cestas feitas com cipós e taquaras utilizados na pesca, na agricultura, na lida diária; caminhos e trilhas que cruzam a Ilha, o uso medicinal das plantas, a construção de canoas de um pau só (FERREIRA, 2010, p. 21).

Do século XVIII até as primeiras décadas do século XX, esta comunidade, como tantas outras da Ilha de Santa Catarina, permaneceu com características bastante tradicionais da cultura agrícola e pesqueira, que ainda estão presentes no dia a dia de alguns poucos moradores.

Sendo moradora da Lagoa da Conceição há vinte anos, vi e ainda vejo acontecer muitas transformações em seu espaço geográfico. O número cada vez maior de imigrantes de diversas culturas foi aos poucos predominando sobre a cultura ilhoa. Apesar de encontrarmos moradores locais pescando siri, camarões e peixes nas águas da Lagoa, percebemos que são majoritariamente homens mais velhos que se dedicam a essas atividades pesqueiras artesanais, tomadas agora como momentos de lazer (Figura 2). Entre eles, poucos são os jovens que atribuem valor e significado a essas atividades tradicionais da comunidade.

O que atrai os jovens são momentos de entretenimento que se relacionam com o skate e o surf; além da relação com a cultura musical do seu tempo, como Hip Hop, Rap, Funk, Pagode, Reggae, entre outros, demonstrando a força da diversidade das culturas juvenis. No entanto, muitas vezes essas culturas juvenis estão desconectadas com o passado do lugar os afastando do reconhecimento de que é carregado de história e memória, e que eles próprios são parte desse processo histórico. Ao entender os jovens como agentes históricos

³ As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis, IPHAN, 2015, p. 86.

importantes na promoção de ações conscientes e empáticas com o outro, não estamos querendo propor que a cultura juvenil com a qual eles se identificam sejam meramente descartadas ou que não sejam relevantes. Mas é preciso encontrar meios de conectá-los a propósitos de formação e transformação.



Figura 2 - Moradores locais pescando na Lagoa da Conceição. Foto de 2020. Fonte: acervo da autora. 2020.

O que se verifica hoje é que encontros que reuniam a comunidade como a farinhada, por exemplo, praticamente desapareceram do calendário festivo, já que atualmente não há uma produção agrícola para sustentar tais eventos. É certo que os tempos são outros. A relação que a comunidade tinha com a terra e seus frutos se modificou consideravelmente ao longo do século XX e aos poucos foram deixando de fazer sentido para as novas gerações. O contato com esse mundo agrícola, que condensava os rituais da terra, como a época de plantar e colher, por exemplo, se transformou, e dentro do contexto do mundo do trabalho rural da Ilha que a farinhada estava inserida, fazendo parte da divisão do trabalho nos engenhos. Uma vez que esse tipo de trabalho deixa de ser relevante economicamente, outros significados são incorporados a ele e aos poucos adquire, dentro da cultura local, status de um tempo que não existe mais.

Seria possível dizer que as mudanças ocorridas no bairro e seu entorno foram prejudiciais para a comunidade? Ou será que podemos entendê-las como parte dos desafios apresentados pela modernidade às sociedades tradicionais? O trabalho de investigação da história da Lagoa pode nos proporcionar o entendimento para essas questões à medida que indagamos como esse passado foi reorganizado pelas novas gerações. Afinal, como a

pluralidade cultural que encontramos na Lagoa hoje pode se relacionar com a história da comunidade e com seus bens materiais e imateriais ?

Muitas vezes, conversei sobre estas mudanças com moradores naturais do bairro, e ouvi muitas histórias de uma Lagoa que não existe mais, mas que ainda está viva na memória desses remanescentes. Uma Lagoa com caminhos distantes, carros de boi, cantorias e farinhadas. Entusiasmada por essas histórias, realizei uma pesquisa sobre a vida rural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa como trabalho de conclusão do curso de História, na UFSC, finalizado em 2010. A pesquisa teve como objetivo principal traçar um perfil da estrutura rural do último quartel do século XIX, a partir da análise dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais relacionados com a produção agrícola na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Para tanto, a investigação se utilizou de fontes documentais, tais como: relatórios de viagem, inventários *post-mortem*, artigo publicado em jornal, fotografias, recenseamento de 1872, decreto municipal e leis coloniais. Esta pesquisa me proporcionou a possibilidade real de um trabalho historiográfico com análise de fontes que me fez descobrir um mundo muito diferente daquele compreendido pelos mais jovens e por aqueles que escolheram a Lagoa da Conceição para ser seu refúgio. Um mundo rural partícipe de uma economia agrícola nacional e internacional.

A Lagoa da Conceição nem sempre foi um lugar de destino turístico para o público nacional e internacional. Em tempos outros, a Lagoa era conhecida por seus engenhos de farinha de mandioca, açúcar e melado e por suas fartas plantações de café morro acima. Um tempo rural, onde a lavoura nas encostas dos morros ocupava o tempo das vidas dos seus moradores. Seus caminhos de carros de boi deram espaço ao asfalto. Hoje, pouco se sabe sobre esse tempo das roças e das cantorias. Engana-se quem pensa que a produção agrícola da Freguesia da Lagoa era somente para subsistência. Não. A farinha de mandioca liderava a exportação da Ilha de Santa Catarina e grande parte da estrutura agrícola estava voltada para a produção da mesma. Segundo Hübener, somente a farinha de mandioca, durante o século XIX, dentre todos os gêneros oriundos da produção agrícola catarinense, alcançou o mercado exportador com tamanha expressão comercial (FERREIRA, 2010).

O café foi outra produção de destaque comercial na Freguesia na virada do século XIX para o século XX e continuou com notoriedade até as primeiras décadas do século XX, principalmente na Costa da Lagoa. Pode-se destacar também o cultivo do algodão, milho, arroz, feijão, melancia, cebola, batata, alho, banana, laranjas e limões, boa parte para a subsistência e um pouco do excedente para o comércio (FERREIRA, 2010).

Os documentos revelam também uma Lagoa da Conceição inserida no contexto da escravização da mão de obra africana. Apesar de uma população negra menos representativa comparada a outras economias do país, Florianópolis contava com a presença africana e afrodescendente, sendo cativa ou liberta, por toda a sua extensão. Após a abolição da escravatura com o número de mão de obra reduzida e com o preconceito típico ao trabalho braçal começa a ocorrer uma diminuição da produção agrícola local. Além disso, nos primeiros anos do século XX, muitas mudanças urbanas e sociais são implantadas em Desterro seguindo o mesmo padrão das reformas higienistas que estavam ocorrendo no Rio de Janeiro. Um novo mercado público é construído; córregos usados para o descarte de dejetos humanos, além dos de animais criados no centro da cidade, são sanitizados e canalizados; decreta-se a fiscalização sanitária de diversos gêneros, e víveres, frutas, carnes e leite; entre outras lutas higienistas (ARAÚJO, 1989). Esse fenômeno contribuiu diretamente para o enfraquecimento das produções agrícolas do interior da Ilha, que neste contexto, começam a ser vistas com um olhar desconfiado da “população higienizada”.

Outro fator deveras importante é a produção oriunda do continente e das colônias italianas e alemãs, em detrimento da produção local, que já não possuía uma qualidade nutricional, denunciada pelo seu aspecto físico, resultado de um velho processo agrícola já muito cansado. A agricultura do continente e principalmente das colônias, era feita em um solo mais fértil e com técnicas agrícolas consideradas mais desenvolvidas e modernas (FERREIRA, 2010).

A partir das décadas de 1960 e 1970, com a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina e de empresas como a Eletrosul, o eixo de trabalho da Ilha começou a passar por diversas transformações, trazendo para Florianópolis um número cada vez mais expressivo de novos ramos de trabalho, ao mesmo tempo que levava moradores do interior da Ilha a deixarem suas antigas formas de sustento para se dedicarem aos serviços públicos e privados no centro e outros bairros, como a Trindade⁴. A instalação dos postes de luz na Lagoa entre as décadas de 1950 e 1960 (Figura 3), fez com que a busca por terrenos aumentasse nas regiões mais afastadas do centro da cidade, e a Lagoa da Conceição e seu entorno acabaram por se tornar um destes lugares tão procurados pelos moradores recém chegados e pelos turistas. Aos poucos, os terrenos foram vendidos, as roças abandonadas, os engenhos inutilizados e os caminhos de carro de boi viraram estradas. É nesse contexto

⁴ Concomitante a esse processo, um número muito expressivo de homens se deslocou para as regiões pesqueiras de Santos, em São Paulo, e Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Esses homens passavam longas temporadas trabalhando em grandes embarcações ao longo da costa brasileira.

histórico que Florianópolis passa por um processo de criação de uma modernidade que vai se ocupando de inserir a cidade num patamar mais urbano, dando novos ares àquela Florianópolis provinciana e rural, que hoje resiste na memória dos mais velhos (FERREIRA, 2010).

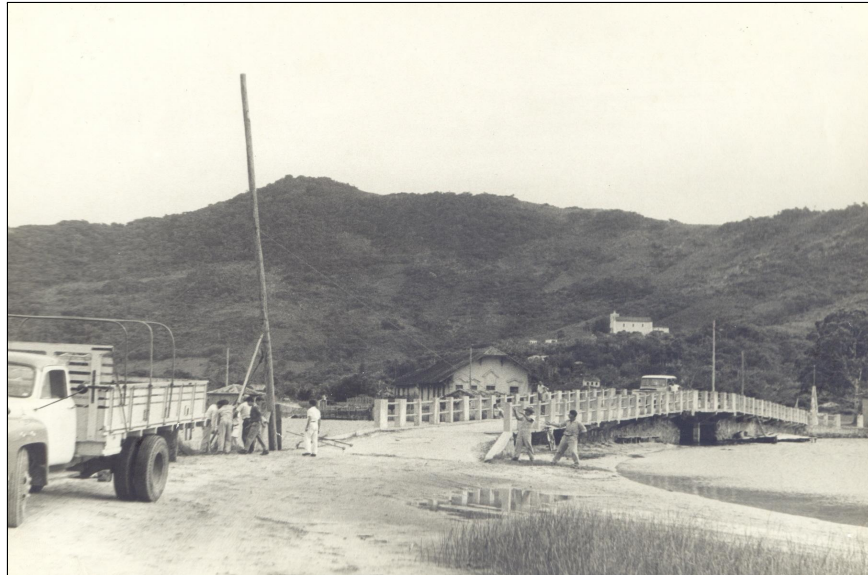


Figura 3 : Instalação dos postes de luz na Lagoa da Conceição, 1962. Fonte: Acervo Casa da Memória, 2021.

Com uma natureza exuberante, a Lagoa da Conceição se tornou um dos destinos turísticos mais procurados da Ilha de Santa Catarina. Suas praias, dunas, montanhas e a lagoa⁵ em si atraem turistas e moradores, mas poucos são aqueles que sabem sobre o passado agrícola da Lagoa. Um tempo não muito distante, onde os lavradores dividiam sua labuta entre a terra e o mar.

Neste trabalho pretendemos ampliar o estudo da história da Lagoa por meio de uma proposta de Educação Patrimonial para o ensino de história que envolverá o uso de fontes históricas com intuito de promover uma reflexão acerca da presença e marcas do passado rural na Lagoa da Conceição através do tempo. Nesse sentido, pretendemos mobilizar os estudantes a perceberem a Lagoa como um lugar que tem história e por meio do agenciamento dessas proposições orientá-los a atribuir sentido ao mundo em que vivem e estudam. Ou seja, levantar questionamentos sobre as transformações recentes que vêm ocorrendo no lugar e que se evidenciam no presente, tais como: o crescimento urbano desordenado, que carrega consigo o desmatamento e a poluição, assim como a destruição do

⁵ Para que não haja confusão, quando eu falar da Lagoa da Conceição me referindo ao bairro usarei a inicial em letra maiúscula, Lagoa. Quando me referir a lagoa enquanto ambiente lacustre, usarei a inicial em letra minúscula, lagoa.

patrimônio histórico material e imaterial. Inclui-se aqui o debate sobre o reconhecimento de patrimônios não consagrados estimulando os estudantes a pensarem, enquanto sujeitos do presente, quais bens culturais reveladores do seu passado e presente serão escolhidos “para a constituição de sua identidade como cidadãos plenos que constroem coletivamente suas múltiplas memórias” (PEREIRA; ORIÁ, 2012, p. 161). Cidadãos conscientes do legado que deixarão como herança para as futuras gerações. Afinal, o que podemos fazer hoje para sermos um bom ancestral?

2.3 Construindo uma proposta de Ensino de História e Educação Patrimonial: entrelaçando abordagens e conceitos fundamentais

No ano de 2019, ingressei como mestrandanda no ProfHistória - Mestrado Profissional no Ensino de História -, na Universidade Federal de Santa Catarina. Assim, torna-se relevante destacar que a experiência neste curso foi fundamental para o reconhecimento do meu trabalho como professora-pesquisadora na área da História e para uma reflexão mais aprofundada das minhas práticas pedagógicas. Os textos lidos e discutidos em sala de aula; a orientação e contribuição sempre precisa dos professores do curso - alguns, em especial - com muita propriedade de suas falas e posições sobre o Ensino de História no Brasil; a troca de ideias e experiências com os colegas da turma, que se tornaram mais do que amigos de profissão; enfim, a conjunção desses fatores me impulsionou para um crescimento intelectual, profissional e pessoal. O ProfHistória tem revelado o melhor dos professores e certamente vem ganhando destaque no cenário de um ensino de história que possibilita a formação de sujeitos - cidadãos e cidadãs - mais conscientes de suas realidades na conquista de uma sociedade mais justa para todos. Nesse sentido, nos alerta FONSECA (2016, p.103): “trabalhar para que a escola possa de fato, desempenhar o seu papel de socialização, de inclusão e respeito às diferenças, de produção e apropriação de saberes, reflexão e exercício dos direitos de cidadania!”.

Reflexões como essas nos estimulam a querer mudar o mundo. Certamente, mudar o mundo exige uma abstração do seu próprio mundo. É uma ilusão. O único mundo que podemos mudar é o nosso: das reflexões, dos hábitos, dos conceitos, das atitudes; a maneira com que eu olho para o mundo todo a partir do meu mundo é um ponto de partida para questionamentos, é a referência de cada um. E talvez seja por isso, que se torna importante e necessário a compreensão de outros mundos, outras realidades, em outros tempos e lugares.

Esse impulso que nos faz acreditar que realmente iremos mudar o mundo através das nossas práticas pedagógicas e propostas metodológicas; é que nos alimenta e nos motiva a querer fazer das nossas aulas de história um espaço - lugar para pensar, investigar, conhecer, ser - onde o estudante quer estar. Porque problematiza o mundo, o outro e a si próprio.

O ProfHistória foi um presente também porque me fez (re) conhecer que existe todo um coletivo de sujeitos - professores - pensando e realizando trabalhos de impacto na vida de tantos jovens estudantes pelo Brasil afora. E, ainda, me aproximou do debate no campo da pesquisa do Ensino de História, que tem se tornado cada vez mais intenso e relevante, reconhecendo aqui a importância da participação dos professores da educação básica nesse debate. Participação essa que precisou ser conquistada nos eventos ligados ao campo da História e do Ensino de História. E, assim, sabemos que não estamos sós. Para além disso, e certamente o mais importante nesse contexto todo, é que as pesquisas e os trabalhos desenvolvidos, tanto no âmbito escolar quanto no acadêmico, nos alicerçam na construção de um pensamento mais crítico e mais reflexivo sobre as nossas práticas, os sentidos que damos ao nosso ofício e ao que queremos no Ensino de História.

O ano de 2019 foi também especial, pois uma outra oportunidade de trabalhar na Escola de Ensino Médio Henrique Veras trouxe a possibilidade de desenvolver com estudantes, por meio de um projeto com professores de outras disciplinas, a Lagoa da Conceição em suas várias facetas. A ideia de abordar a temática da Lagoa foi sugerida por mim numa reunião de planejamento escolar para a Feira do Conhecimento, que geralmente acontece no segundo semestre do ano letivo. Concomitantemente, no segundo semestre do ProfHistória, na disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, as professoras Mônica Martins da Silva e Carmem Gil nos propuseram a elaboração de uma proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História. Naquele momento, percebi que uma proposta para o Ensino de História poderia trazer respostas para as muitas perguntas que vinha fazendo ao longo do meu trabalho como professora de história e como pesquisadora daquela comunidade.

A ideia foi muito bem recebida pelos meus colegas professores e começamos a pensar sobre as propostas pedagógicas que poderíamos fazer aos estudantes para o desenvolvimento do projeto. É importante mencionar que a Escola de Ensino Médio Henrique Veras é uma escola estadual de ensino médio que atende a comunidade da Lagoa e suas adjacências e funciona somente no período noturno. A escola não tem um prédio próprio, assim a Secretaria de Educação do Estado mantém um convênio com o município de Florianópolis, e utiliza o prédio e toda a infraestrutura de uma escola municipal de mesmo nome, que durante

o período matutino e vespertino atende o Ensino Fundamental: anos iniciais e finais. Por atender somente 3 turmas do Ensino Médio, a escola EEM Henrique Veras conta com um número bastante reduzido de estudantes. Isso nos provoca - enquanto professores - a pensar estratégias que envolvam os estudantes das turmas, até mesmo para incentivá-los a estudar e questionar seus projetos para o futuro, uma vez que é perceptível um desânimo dos estudantes em relação aos estudos e a seus projetos para a vida. Um número significativo dos estudantes está ali para conseguir um diploma do Ensino Médio e com isso “arranjar” um trabalho. E sabemos que isso é importante, mas sabemos também que podemos fazer mais e dar mais sentido às escolhas que eles - os estudantes - farão em suas vidas.

Dessa forma, o projeto Lagoa foi pensado como uma maneira de envolver os estudantes a desenvolver trabalhos em grupo, trabalhar na pesquisa e produção do conhecimento das diversas disciplinas escolares sempre numa ação problematizadora e considerando os conhecimentos prévios dos estudantes. Assim, cada professor dentro da sua disciplina levantaria questionamentos sobre o bairro e elaboraria, juntamente aos estudantes, trabalhos para a mostra final na Feira do Conhecimento. Alguns professores fizeram parcerias entre si para dar mais dinamismo no desenvolvimento dos trabalhos produzidos e promover a interdisciplinaridade.

Na disciplina de História, com estudantes da 2ª série do Ensino Médio, desenvolvemos um trabalho de pesquisa utilizando fontes históricas com intuito de estimular os estudantes a pensar a História a partir de algo que eles conhecem, do lugar que vivem e transitam: pensando na potencialidade que tem a natureza (referência na Lagoa da Conceição) e a transformação da paisagem no estudo de História Local e seu patrimônio. Partindo da pergunta *Quais são as marcas que a Lagoa da Conceição guarda de seu passado rural?*, orientei os estudantes a pensar sobre os tempos que a Lagoa tem, as marcas do seu passado rural que ainda estão presentes e como podem ser historicizados e (re)significados. A proposta metodológica para as aulas de História foi dividida em 3 momentos: 1- oficina de fontes; 2 - saída a campo no formato de roteiro-expedição e 3 - exposição de fotografias para apresentação na mostra dos trabalhos na Feira do Conhecimento.

Para o primeiro momento da Oficina de fontes criei um site intitulado *Uma História da Lagoa*⁶ (Figura 4), com diversos tipos de documentos históricos sobre a Freguesia da Lagoa que seriam lidos, transcritos e analisados pelos estudantes. Formando duplas, os

⁶ O site desenvolvido para esse projeto foi alterado e já não está mais disponível no seu formato original.

estudantes entraram em contato com uma série de documentos percebendo os elementos rurais que os próprios traziam do passado (Figura 5). Posteriormente, a cada atividade realizada, nós fazíamos uma discussão sobre o teor do documento analisado. Esse era um momento bastante especial, pois havia uma surpresa na fala dos estudantes com relação ao documento em si, a sua originalidade, o seu teor; e também pelo conhecimento e (re)conhecimento dos estudantes sobre a história da Lagoa. Alguns traziam histórias dos avós e dos pais sobre a presença da agricultura nos morros, dos engenhos de farinha e açúcar, assim como de outros elementos. Para alguns estudantes era impossível imaginar, por exemplo, que na Lagoa pudesse ter existido a escravização de pessoas nos séculos passados.

Logo, a atividade nos mostrou quão ricos e potentes eram os documentos históricos na produção do conhecimento escolar, justamente por dimensionar o espaço e o tempo para além do momento presente. A aula de História havia se transformado num lugar de pesquisa e consequentemente de produção do conhecimento histórico. Porque justamente deu chance ao estudante de assumir o protagonismo do aprendizado por meio da investigação da história (KNAUSS, 2001).

Na mesma linha de raciocínio, trago as contribuições de Ana Maria Monteiro sobre a História escolar como algo que acontece em cada aula de História,

no contexto de situações de ensino específicas, em que interagem as características do professor (e em que também são expressas as disposições oriundas de uma cultura profissional), dos alunos e aquelas da instituição (aí podendo ser considerados tanto a escola quanto o campo disciplinar), características essas que criam um campo do qual emerge a disciplina escolar (2007, p. 106).

Ao refletir sobre a História, enquanto saber escolar, buscamos compreender o papel dos professores e estudantes na constituição desses saberes.



Figura 4: Detalhe do site Uma História da Lagoa desenvolvido para o projeto realizado com os alunos em 2019. Fonte: Arquivo da autora.

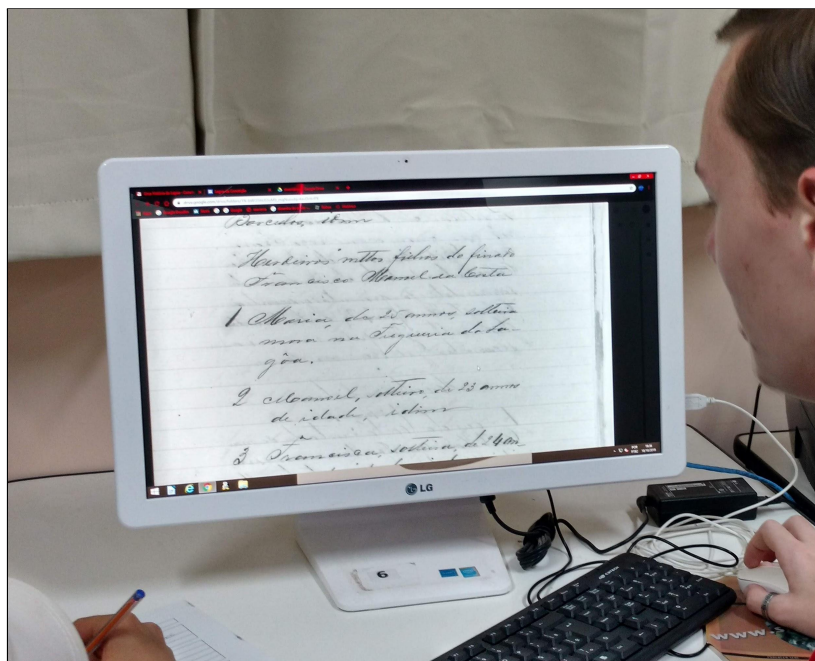


Figura 5: Estudantes fazendo a leitura e transcrição dos inventários *post-mortem*, um dos documentos que compõem o Dossiê documental do site Uma História da Lagoa, 2019. Fonte: Arquivo da autora.

O segundo momento - saída a campo - um roteiro-expedição pelo Caminho da Costa da Lagoa para reconhecimento do espaço e estudo *in locus* seria realizado em parceria com outros professores e constituiria uma oportunidade para um trabalho interdisciplinar. Além, é claro, de ser uma forma de efetivar um trabalho fora dos muros da escola. Uma das propostas pensadas pelo grupo docente para esse segundo momento foi o registro fotográfico - que seria realizado pelos estudantes - do espaço geográfico observado, ou seja, da fauna, da flora, da ocupação urbana e dos vestígios do passado rural daquela localidade. Sendo assim, o terceiro momento - a exposição fotográfica - seria um resultado prático das impressões dos estudantes decorrente do segundo momento. Por motivos diversos, como disponibilidade dos professores e estudantes; e por questões climáticas, que inviabilizaram a saída a campo, o segundo momento da proposta não foi realizado e a exposição de fotos foi substituída por outros trabalhos de pesquisa expostos em painéis na mostra dos trabalhos (Figura 6). Todos os painéis foram construídos de modo conjunto entre professores, estudantes e outros parceiros da escola. Além da exposição dos trabalhos, tivemos a apresentação de uma peça teatral composta por estudantes das 3 turmas, que encenaram o processo da imigração açoriana para a Ilha de Santa Catarina. Este trabalho foi uma parceria minha com a professora Sheila, de Língua Portuguesa. As famílias dos estudantes foram convidadas e recepcionadas

com uma bela mesa com quitutes das culinárias indígena, africana e portuguesa. Como prato principal foi servido o pirão com peixe, sendo que os peixes foram doados pelo estudante Miguel, filho de pescador e morador da Costa da Lagoa.

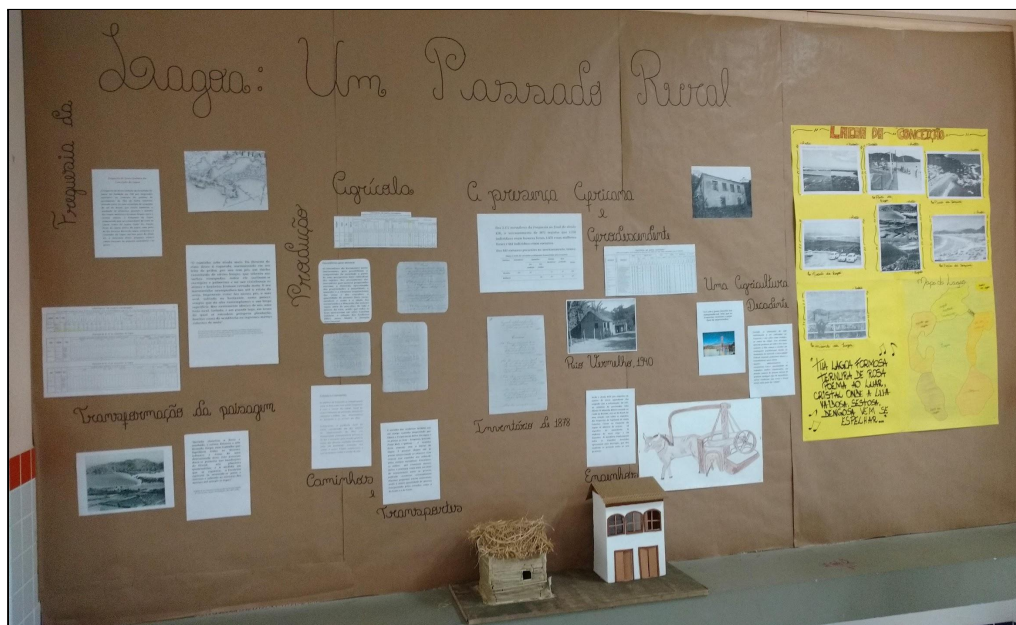


Figura 6: Um dos painéis expostos na mostra de trabalhos. Esse painel, em especial, contava com fotos, mapas, fragmentos de documentos e textos que evidenciam o passado rural da Lagoa da Conceição, 2019. Fonte: Arquivo da autora.

Nesse ínterim, comecei a pensar que este projeto desenvolvido na escola Henrique Veras, poderia servir como um protótipo e se tornar o meu projeto de pesquisa no ProfHistória. De certa forma, havia dentro de mim uma vontade de envolver os estudantes no conhecimento da história da Lagoa de uma forma diferente daquela que foi realizada em 2017. Foi então que desenvolvi o trabalho para a Disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História pensando em algumas mudanças e melhorias no projeto inicial realizado na escola e vislumbrando o desdobramento do mesmo na minha dissertação de mestrado.

Os estudos no ProfHistória nos alertavam para a abordagem dos temas de história a partir de perspectivas diversas, seja a busca por propostas metodológicas diferentes ou por temas mais relevantes para determinadas comunidades. O ProfHistória estava nos indicando outras possibilidades, outros caminhos para se pensar o Ensino de História. E nesse contexto, eu conseguia me reconhecer como uma professora-pesquisadora que ao longo da minha curta trajetória buscava de um jeito ou de outro levar para a sala de aula: atividades que consideravam os estudantes como sujeitos de conhecimento; experiências que levavam os estudantes para fora da sala de aula, em alguns casos, para a rua, para a cidade, colocando-os

em contato a um conjunto de experiências e perspectivas outras; ou até mesmo o inverso, levando para a escola profissionais de diferentes áreas do conhecimento numa construção de diálogo e entendimento do mundo num somatório de muitos olhares.

A partir desse entendimento, esta pesquisa objetivou elaborar uma proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História numa interrelação entre o Ensino de História local e o uso escolar de fontes históricas.

Entendemos que a Educação Patrimonial se insere nesse trabalho como uma abordagem para o ensino de história e a concepção proposta levará em consideração que o patrimônio cultural, histórico, ambiental é uma construção histórica de uma determinada época e assim também são suas ferramentas de patrimonialização e suas interpretações (GONÇALVES, 2014). Consideramos, então, para esta pesquisa, como nos aponta os estudos de Janice Gonçalves, que a Educação Patrimonial deve “promover indagações constantes acerca dos valores atribuídos e atribuíveis ao acervo patrimonial, no presente e no passado, para diferentes sujeitos e grupos” (2014, p. 92) num intuito de promover uma reflexão nos estudantes sobre o que se tem de patrimônio na Lagoa, em que momento eles foram tomados como tal e quais as motivações e interesses que foram mobilizadas nesse processo.

Um aspecto importante a ser considerado dentro da discussão no campo do Patrimônio cultural é a categoria de “paisagem cultural”, elaborada pela UNESCO nos idos dos anos 1990 e que no Brasil foi chancelada por meio da Portaria nº127 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2009. A partir de um amplo debate no campo do Patrimônio cultural para se pensar uma abordagem mais integrada na relação homem-natureza,

a Unesco criou em 1992 a categoria paisagem cultural para inscrição na Lista do Patrimônio Mundial, visando quebrar a antiga dicotomia entre bens naturais e bens culturais. Os bens que devem ser inscritos nessa categoria são os sítios que demonstram seu valor universal por meio de uma interação significativa entre o homem e a natureza (RIBEIRO, 2017, p. 30).

No Brasil, a categoria “paisagem cultural” é regulamentada como instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro no ano de 2009 pelo Iphan, por meio da Portaria nº 127, que estabelece chancela da paisagem cultural brasileira “ ‘porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à

qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores’ ” (CASTRIOTA, 2017, p. 17).

Esse debate que ampliou a abordagem sobre o Patrimônio nos coloca frente a uma oportunidade de olhar para as formas mais tradicionais de intervenção política no campo do Patrimônio e propor leituras que possam destacar a relação entre a humanidade e seu meio ambiente natural observando uma relação mais profunda que se traduz como paisagem cultural, ou seja, “as interações entre os aspectos natural e cultural, material e imaterial desses conjuntos, muitas vezes ignoradas” (CASTRIOTA, 2013).

Assim, o que se espera com a categoria “paisagem cultural” é oferecer uma ferramenta que possa relacionar os aspectos culturais e naturais de um determinado lugar conectando de forma direta os modos de ser e fazer daquele lugar. O que antes estava dividido entre Patrimônio Cultural e Patrimônio Natural ganha a partir da 16ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizado em Santa Fé, Novo México, em 1992, uma nova dimensão na forma de pensar o Patrimônio.

Um ponto a ser considerado é a própria dimensão do conceito de paisagem cultural, uma vez que sua delimitação não está bem definida e como nos coloca Leonardo Castriota, o termo “ é marcado por um relativo desconhecimento por parte até de experts, e por uma enorme polissemia” (2013).

Para o nosso estudo sobre o Patrimônio na Lagoa da Conceição, a categoria “paisagem cultural” nos possibilita relacionar os aspectos naturais e os aspectos culturais na dinâmica rural que transformou o espaço da Lagoa da Conceição ao longo de pelo menos 200 anos, incluindo nesse recorte as dimensões do patrimônio material e imaterial para uma compreensão mais integrada do lugar. Para além da identificação da paisagem cultural como resultado da interação entre a dimensão material e imaterial, como os usos tradicionais da terra e da laguna (atividades agrícolas e pesqueiras) com os conhecimentos tradicionais, os modos de fazer, as práticas culturais desenvolvidas em torno das atividades tradicionais, a proposta intenciona identificar também as mudanças na paisagem cultural nos últimos anos e suas conexões com as formas do “saber-fazer” do momento presente.

Com relação aos bens tombados presentes na Lagoa poderíamos trabalhar o Conjunto de casas, A Igreja e o Caminho da Costa da Lagoa⁷. Para este projeto, em específico, trabalharemos com o Caminho da Costa da Lagoa da Conceição, bem tombado como

⁷ Ao final do Canto dos Araçás está o início do Caminho da Costa da Lagoa que percorre quase toda a extensão da Costa da Lagoa, a noroeste da Lagoa da Conceição. O Caminho ou trilha, como é mais conhecido, é muito utilizado por moradores e por visitantes locais e turistas de diversas partes do Brasil e do mundo. O Caminho tem 5 km de extensão.

Patrimônio Histórico, Artístico e Natural da cidade de Florianópolis pelo decreto 247/1986. Intencionamos olhar para este bem buscando reconhecer nele a presença das marcas de seu passado rural, as transformações decorrentes das atividades agrícolas na paisagem e levantar questões acerca dos argumentos utilizados para seu tombamento como Patrimônio Histórico e Natural da cidade de Florianópolis.

Nesse sentido, é importante ressaltar o entrelaçamento entre a história local com o campo do Patrimônio. Isso porque entendemos que ao “reconhecer que o patrimônio cultural é produto das relações sociais e dos significados que os indivíduos lhe atribuem” (TOLENTINO, 2018, p. 56) estamos considerando que o conhecimento da história do lugar pode fortalecer essas relações e esses significados. Além do mais, nos possibilita perceber quais foram as memórias agenciadas e os embates travados na produção dos bens culturais daquele lugar no campo do Patrimônio.

Nessa perspectiva, a proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História pretende problematizar o patrimônio como algo apenas “edificado”, naquele velho sentido de uma herança que nos foi deixada para ser preservada e valorizada sem que se coloque em questão o seu contexto sócio-histórico e a sua conexão com o presente e com os sujeitos. Assim, como nos propõe Andréa Delgado e Mônica Silva, ao se pensar numa proposta de Educação Patrimonial precisamos nos ater que “Quer seja na pesquisa histórica, quer seja no ensino de História, o “Patrimônio” precisa ser desnaturalizado e historicizado” (DELGADO, SILVA, 2013, p.3). Entendemos que ao questionar o patrimônio o fazemos por uma perspectiva decolonial no sentido de, como nos aponta Paim (2019), “[...] restaurar as vozes, as experiências, as identidades, as histórias dos subalternos e a importância das comunidades periféricas, as memórias coletivas, articular o sensível e o conceitual”, e assim desvelar aqueles que foram silenciados na construção de uma história branca, masculina e eurocêntrica.

Nesse sentido, a concepção de Educação Patrimonial objetiva promover a diversidade cultural entendendo que

mais do que preservar um objeto como testemunho de um processo histórico, é necessário valorizar os saberes que o produz, permitindo a vivência de tradições, saberes, saber-fazer, conhecimentos, celebrações, práticas, sonoridades etc., no tempo presente (PEREIRA; ORIÁ, 2012, p. 168).

Considera-se importante acentuar que a proposta visa a interação constante dos estudantes com as fontes históricas num diálogo que busca compreender o contexto histórico

e socioeconômico do lugar de pertencimento daquele bem, quando da proposta oferecida pelo Roteiro-expedição.

A proposta de Educação Patrimonial tem o propósito de aproximar a história local dos estudantes fomentando assim o conhecimento histórico como parte fundamental para a compreensão do mundo e orientador de suas escolhas na vida, “numa perspectiva educativa crítica e emancipadora freiriana” (TOLENTINO, 2018, p. 55).

Sendo assim, pensar a história local como estratégia metodológica é situá-la em lugar de destaque para o estudo da formação do país partindo do local e do regional de forma a complexificar as narrativas de sua construção. Em segundo lugar, “investigar a história imediatamente visível aos estudantes” (ABREU, 2016, p. 64) é dar a eles a possibilidade de deslocar-se do presente por um caminho que os permitiria perceber que este lugar tem passado e história. Ao fazer isso, estamos considerando que o estudante é um sujeito carregado de experiências e memórias daquele lugar. E ao se propor a utilizar essa estratégia metodológica estamos querendo relacionar as camadas de tempo daquele local, as experiências dos estudantes através da investigação histórica, objetivando a construção do conhecimento histórico escolar sobre o local. Assim, para olhar o que não está visível faz-se necessário a “tarefa de investigação, única disposição possível para ultrapassar a condição de ser de memória para tornar-se também ser de história” (ABREU, 2016, p.65) numa procura constante de sentido para além das fronteiras do tempo e do espaço.

Nesse trabalho, uma das estratégias metodológicas consiste em incentivar os estudantes a conhecer as histórias da Lagoa e do seu passado rural entendendo-o como parte de uma lógica econômica nacional e internacional, que pode trazer muitas contribuições para o estudo da história de Santa Catarina e do Brasil, sendo possível situá-la num contexto nacional, haja vista que a produção de farinha de mandioca, açúcar e o café produzidos na Lagoa, eram vendidos nas praças comerciais brasileiras e estrangeiras. O declínio da produção agrícola na Ilha de Santa Catarina, como um todo, também esteve diretamente associado a uma política de reformas urbanas num contexto nacional de modernização. Além das questões próprias do conhecimento histórico local, o estudo da Lagoa pode aproximar o estudante da sua própria construção histórica enquanto ser humano, que compõem um contexto imerso a muitos significados e experiências.

Dessa forma, ensinar a partir da dimensão local conjugaria elaborar um conhecimento histórico por meio de uma posição investigativa que se constrói a partir do espaço mais próximo que, por sua vez, vai sendo ampliado aos poucos. Incitando uma reflexão crítica de

que apesar de todas as singularidades desse local, ele é parte de uma totalidade maior e mais complexa, mas que ainda assim tem a sua própria complexidade.

Nesse sentido, podemos pensar como “a investigação da história local pode conduzir a exercícios sustentados nos jogos de escala” (ABREU, 2016, p. 75), ou seja, do micro para o macro, percebendo como que as estruturas são compreendidas de processos sociais amplos e nas ações eventuais (ABREU, 2016). Um fator motivador para este tipo de trabalho é perceber como é possível estimular os/as alunos/as a estudar História a partir de algo que eles conhecem, transitam e experimentam. Pensar uma lógica que possa articular a história individual e a história coletiva. Estimular os estudantes para uma ação problematizadora sobre os tempos que a Lagoa tem, as marcas do passado rural que estão lá para serem vistos, historicizados e ressignificados a partir de indagações do tempo presente do lugar que vivem.

Ao orientar os jovens na construção do conhecimento local colocando-os em contato com este passado rural da Freguesia da Lagoa e sua transição para uma sociedade urbana, permitindo-os fugir da perspectiva já viciada de perceber a Lagoa apenas como um lugar turístico com muitos pontos de lazer, idealizamos levá-los a uma problematização de si mesmos enquanto sujeitos históricos. Somado a isso, entendemos que uma forma de se perceber sujeito de um tempo carregado de significados e valores é adentrar outros tempos e conhecer outros sujeitos com outros significados e valores. Nesse sentido, propomos para este trabalho o uso das fontes documentais como passaporte para um outro tempo escrito e representado por diversas narrativas. Adentramos pelo mundo das fontes a partir de questões que nos interrogam o presente.

Assim, a pesquisa promoverá o uso de fontes históricas agenciadas para uma reflexão acerca da presença e marcas do passado rural da Lagoa da Conceição. A intenção é fazer um trabalho de investigação de fontes históricas da Lagoa a partir de oficinas desenvolvidas em sala de aula para com isso construir outras narrativas sobre a história da Lagoa. Uma contribuição, então, para a utilização de fontes históricas para o Ensino de História Local é compreender que as narrativas em questão são fruto do conhecimento histórico elaborado na escola, a partir do trabalho de interpretação das fontes históricas, evidenciando também ao estudante o entendimento de que a História é escrita a partir da análise, descrição, comparação e interpretação das fontes pelos historiadores, no presente.

Em pesquisa realizada a partir da análise e levantamento dos trabalhos publicados nos anais dos Encontros Perspectivas do Ensino de História, Simpósio Nacional de História e ENPEH (Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História) - a partir do ano de 1995 - no banco de dissertações e teses da Capes, no banco e dissertações do

PROFHISTÓRIA, nas edições das revistas História Hoje; História & Ensino e na Revista de Educação Histórica, com ênfase na temática *Linguagens e Fontes alternativas do Ensino de História*, é possível afirmar que são inúmeros os exemplos de pesquisas relevantes para o uso de fontes no Ensino de História. Os acessos foram realizados entre os meses de abril e junho de 2019.

O resultado da pesquisa demonstra uma vasta produção de trabalhos relacionados às mais variadas formas metodológicas de utilização de linguagens fílmicas, fotográficas, dramáticas e fontes como documentos judiciais, iconografias, samba-enredo, periódicos, pintura rupestre, entre outras no Ensino de História. Foi possível perceber que o número de trabalhos apresentados em eventos e artigos publicados em revista aumentou consideravelmente a partir dos primeiros anos dos anos 2000. Inferimos com esses dados que tem havido uma necessidade cada vez maior de transformar o Ensino de História, no sentido de inserir novas metodologias e fontes alternativas em sala de aula, a fim de se conseguir um envolvimento maior dos estudantes e melhorar o ensino e aprendizagem de história.

Pudemos perceber, também, a partir da leitura dos resumos dos trabalhos e artigos publicados, uma infinidade de possibilidades para se utilizar fontes históricas em sala de aula e os relatos de experiência mostraram sucesso em suas realizações, além, é claro, de evidenciar o interesse e o protagonismo despertado nos estudantes com as aulas de História.

Considerando o Ensino de História Local, fontes históricas e patrimônio/ Educação Patrimonial, o levantamento realizado na época revela que das 91 dissertações publicadas na Plataforma da Capes realizadas no Mestrado Profissional em História, 37 enfocam patrimônio/ Educação Patrimonial; 32 trabalham com fontes históricas para o Ensino de História e 22 dissertações tem como problemática central a História Local. Em 10 desses trabalhos há a interseccionalidade do estudo do patrimônio / Educação Patrimonial, história local e uso de fontes históricas. Assim, algumas pesquisas trabalham com a perspectiva do Patrimônio Cultural e a História Local; outras abordam a História Local com a utilização de fontes históricas como objeto de estudo para desenvolver o projeto. Dentre eles, podemos citar alguns trabalhos, como por exemplo, a dissertação intitulada *História Local E Patrimônio Industrial: Visitando E Aprendendo Com A Estação Sericícola De Barbacena*, autoria de Dayanne Romano, defendida em 2019, que aborda a história da antiga fábrica de seda e sua cultura de produção, e tem como objetivo abrir espaço para discussões acerca do patrimônio local, da formação de identidade e da cidadania, pensando nas potencialidades dos espaços extraescolares e, em particular, dos bens patrimoniais, como ferramentas para o Ensino de História. Já o trabalho realizado pela professora-pesquisadora Nair Sutil intitulado

“Museu” Afetivo E Ensino De História: Práticas De Memória Na Educação Escolar, teve como objetivo inicial mapear fontes históricas e narrativas acerca das histórias de vida dos alunos, seus familiares e comunidade. A partir de documentos do universo familiar e afetivo dos alunos, a pesquisa buscou problematizar e refletir sobre a construção do conhecimento histórico, ampliar a noção de fonte oferecida pelo livro didático utilizado na prática cotidiana da sala de aula e as potencialidades para o trabalho com a memória. A construção de um “museu afetivo” com objetos dos estudantes e suas famílias proporcionou o seu protagonismo no processo de agenciamento do passado que, por sua vez, procurou valorizar as suas experiências de vida e suas práticas sociais de referência na construção do conhecimento histórico. Os objetos, bem como as narrativas, se tornaram instrumentos poderosos na medida em que conferiram significado à pesquisa e à história ensinada na escola.

A ênfase na temática do uso de fontes históricas no Ensino de História se faz relevante, pois esta pesquisa pretende compor uma proposta de Ensino de História Local e Patrimônio cultural, a partir do agenciamento de fontes para investigação e análise sobre o passado rural da Freguesia da Lagoa e da transformação de sua paisagem, percebendo também as permanências. De forma geral, a ideia é motivar os estudantes para que a partir do lugar que eles conhecem, ou conhecem em parte, possam pensar a história local dentro de um contexto nacional e também internacional, com mais interlocuções sociais, econômicas e culturais.

Nesse sentido, o uso das fontes se dará de forma contínua durante a proposta a fim de problematizá-las e situá-las dentro das suas potencialidades para o ensino de história. O fator motivador para utilizar fontes históricas em sala de aula é poder proporcionar aos estudantes uma experiência de aproximação dos discursos e representações da História e para perceberem que o documento não é mera ilustração do passado. O que significa dizer que se faz necessário indagar os documentos com perguntas, tais como: Qual o contexto de determinado documento? Qual sua função e seu estilo? Quais foram as intenções do autor? Quais são os argumentos? Nesse sentido, teremos a atuação do “professor/a-pesquisador/a” para orientar os estudos de História, no qual, como nos aponta Cainelli e Schmidt,

os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder às indagações e às problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado. (2010, p.117)

Essa perspectiva inspira o desenvolvimento de projetos de História porque coloca a atuação do professor/a como um pesquisador/a que necessita pensar o propósito de cada uma das aulas, entendendo a complexidade e a relevância do estudo daquele conteúdo na realidade social dos estudantes.

Fernando Seffner e Nilton M. Pereira, no artigo *O que pode o ensino de história?* defendem o uso dos documentos históricos em sala de aula desde que eles sejam entendidos como representação de um passado marcado por questões políticas e de poder. O uso de documentos históricos nos últimos anos tem se tornado cada vez mais frequente na aula de história, mas os autores chamam a atenção para o perigo de se usar fontes históricas em sala de aula apenas como comprovação do fato, naquele desespero de tornar a aula de história mais interessante e dar “realidade ao relato histórico” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 122). É preciso entender o documento como monumento e a história “como um discurso sobre o passado, política e culturalmente informado” (IDEM, p.117). O documento por si só tem a sua própria historicidade e esta precisa estar presente quando das interpelações feitas a ele. Para além disso,

o uso de fontes no ensino de história pode ser uma estratégia adequada e produtiva para ensinar história a indivíduos que não tem como objetivo se tornar historiadores, mas para os quais o conhecimento da história pode fazer muita diferença na compreensão do mundo em que vivem e, portanto, na construção de seus projetos de vida (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p.114).

Essa compreensão do mundo nos interessa, pois esse conhecimento histórico produzido através do uso das fontes históricas⁸ em sala de aula, ou fora dela, oferece ao estudante artefatos e possibilidades para se tornar um agente histórico consciente socialmente. E, para além disso, ter a possibilidade de compreender o contexto histórico no qual sua escola, sua casa e sua história estão inseridos.

Nesse sentido, a compreensão do contexto histórico - possível a partir do trabalho com as fontes - servirá também como material substancial para uma reflexão dos estudantes durante o roteiro e para as experiências que eles podem ter ao serem provocados a perceberem os vestígios do passado.

Ao visitar a ruína de uma cidade antiga ou ao depararmos com uma caixa de fotografias antigas de uma família, um móvel ou uma carta guardada – para ficar em apenas alguns exemplos –, não temos mais a possibilidade, diante da materialidade

⁸ As fontes históricas que serão utilizadas para este projeto estão elencadas na Metodologia.

daqueles objetos, de recompor a materialidade dos sujeitos que ali deixaram seus rastros, mas a dimensão social daquilo que foi guardado e foi apresentado a outro tempo, porém de modo irremediavelmente lacunar. Lidamos, portanto, com indícios abertos continuamente à reinterpretação. (MIRANDA, 2013, p. 156)

Entendemos que as interpretações possíveis do passado passam pela forma como acessamos o passado no presente. Ao percorrer o percurso criado para esta proposta de Educação Patrimonial, queremos que os estudantes - sujeitos históricos - percebam o entorno através dos seus sentidos: olhar, ouvir, respirar, tatear, sentir; conhecer as edificações e perceber quais interações são possíveis, intencionado por uma educação sensível.

É nesta perspectiva que se pode compreender as palavras de Lana Mara Siman quando coloca que “(...) podemos nos perder numa cidade sem medo de não nos encontrar. Isso porque o que ela nos oferece a ler, ver, escutar, sentir, refletir é entretido com os fios da memória de quem viveu e vive a História” (2008, p. 244). O que se pretende com esta atividade é dar à experiência vivida pelos estudantes subsídios para uma observação mais atenta e crítica do seu entorno, que ao perceber os vestígios do passado e fazer questionamentos sobre o que está visível - e o que não está, o que foi silenciado, o que foi escolhido para ser visto - aproxima-os de uma experiência histórica consciente.

Entendemos assim que a experiência é mais do que uma mera contemplação. No pensamento de Tuan, do qual compartilhamos, experiência é “aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983, p. 10).

“Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um construto da experiência, uma criação de sentimento e pensamento ” (TUAN, 1983, p. 10).

O ato da experienciação nos coloca no mundo não como seres passivos, mas repletos de intencionalidade, de exploração pelos nossos sentidos e pelo nosso pensamento. Nossos sentidos são agenciadores das diferentes formas como experimentamos o mundo. E quanto mais experiências acumulamos num determinado espaço, mais laços criamos e “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

Nesse sentido, pensamos em promover atividades e momentos onde os/as estudantes possam a partir de suas experiências criar laços afetivos que tenham o poder de transformar o espaço em lugar. Todo aquele espaço pelo qual eles/as transitam, consomem, se relacionam pode estar familiarizado de forma inconsciente e até mesmo conceitual, superficial e sem

afeto. “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p.83). O que intencionamos ao promover a percepção de pertencimento ao lugar é torná-los também conscientes da amplitude e liberdade do espaço.

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

A transformação do espaço em lugar - “como mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198) - a partir da experiência dos sentidos, passa também por um processo de resignificação de um passado que não existe mais, de memória de pessoas que ali viveram, pois não existem lugares sem pessoas.

Dessa forma, o próximo capítulo apresenta a metodologia para o ensino de História da Lagoa da Conceição proposta neste trabalho, que intenciona a construção do conhecimento histórico por meio da interrelação entre o uso de fontes, História local e Educação Patrimonial, numa perspectiva que favorece e promove uma experiência histórica consciente por parte dos/das estudantes.

3. PRESSUPOSTOS PARA UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E USO DE FONTES HISTÓRICAS

A metodologia de ensino proposta é um desdobramento do trabalho iniciado em 2019 com estudantes da EEM Henrique Veras, que seria finalizado no ano de 2020, mas que por conta da pandemia do Covid-19 não teve continuidade, ou seja, a proposta metodológica não foi desenvolvida, somente iniciada. Dessa forma, não traremos para este trabalho resultados das ações desenvolvidas em 2019, e sim delinearemos, a partir do trabalho inicial com estudantes, uma proposta de Educação Patrimonial no Ensino de História, embasada no uso de fontes históricas, entendida aqui como forma de estabelecer uma aproximação consciente e afetiva por parte dos sujeitos envolvidos (estudantes) e o patrimônio material e imaterial encontrado na Lagoa da Conceição.

A metodologia de pesquisa para construção da dimensão propositiva deste trabalho dividiu-se em duas etapas. A primeira etapa consistiu na elaboração da Oficina de fontes e no Roteiro-expedição, assim temos:

- I. levantamento, seleção e categorização das fontes históricas, elaboração dos procedimentos para análise, interpretação, construção de narrativas e elaboração de atividades.

As fontes selecionadas para esta proposta metodológica já eram conhecidas por mim, pois fizeram parte da minha pesquisa (FERREIRA, 2010) para conclusão do curso de graduação em História. São elas: inventários *post-mortem* do século XIX, recenseamento populacional de 1872, relato dos Viajantes do século XVIII e XIX, fotos da região das primeiras décadas do século XX, decreto municipal responsável pelo tombamento do caminho da Costa da Lagoa e literatura historiográfica.

Além das fontes citadas acima, foram elencadas algumas fontes que tratam o tempo presente da Lagoa da Conceição, como reportagem de jornal sobre um desastre ambiental ocorrido no início do ano de 2021, e registros fotográficos de algumas faixas e placas de manifestação da comunidade referente ao desastre ocorrido.

A escolha por essas fontes se deu por nos possibilitarem a compreensão da dinâmica rural que envolveu os aspectos sociais, econômicos e culturais da Lagoa da Conceição no século XIX e suas transformações ao longo do século XX e início do XXI.



Figura 7: Montagem de fotos que mostra placas com palavras de protesto sobre o desastre ambiental ocorrido na Lagoa no início do ano de 2021. Fonte: acervo da autora. 2021.

Assim, das fontes selecionadas, foram escolhidos alguns recortes para comporem o dossiê documental para a realização da Oficina de fontes. Por exemplo, não vamos propor a análise de todos os dados do recenseamento de 1872 relativos a Freguesia da Lagoa, e sim selecionamos para compor o dossiê documental o quadro da população relativos às profissões da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Dessa forma, fizemos um trabalho de mediação didática do conteúdo de pesquisa para as necessidades dos estudantes em sala de aula. Esse movimento de seleção e categorização das fontes pode ser entendido como um exercício que configura o trabalho do professor/a enquanto pesquisador/a.

Como procedimento para o trabalho com as fontes em sala de aula foi pensado em fichas de análise específica - cada ficha explora a natureza da fonte - para que os estudantes possam descrever, comparar e interpretar as fontes mediadas pela/o professor/a. Atividades correlatas acompanham todo o trabalho desenvolvido na Oficina de fontes para que os/as estudantes possam refletir sobre o tema proposto e ampliar seus repertórios.

- II. organização do roteiro para expedição a campo, dos procedimentos necessários para sua realização e elaboração de atividades sugestivas para essa fase do trabalho.

Ao pensar num percurso pelo bairro ou pela cidade estamos considerando que ele possa vir a ser um momento de aproximação dos estudos realizados em sala de aula com aquilo que a cidade conta ou silencia. Essa aproximação pode contribuir para uma compreensão mais consciente e relevante dos aspectos históricos locais dentro de um contexto global. Ao propor um roteiro-expedição pela perspectiva da Educação Patrimonial

queremos deslocar o olhar do estudante sobre o patrimônio historicamente construído nas cidades, problematizar a relação presente-passado na atribuição de valores dos bens culturais, investigar a partir dos sentidos, ressignificar e apropriar-se do patrimônio cultural local.

A segunda etapa foi a criação de um *Website*⁹ - para os/as professores/as - e demais interessados no tema - conhecerem a proposta metodológica deste projeto e utilizá-la em sala de aula com seus alunos. No site os professores encontrarão os documentos selecionados, as fichas de análise, atividades correlatas, o roteiro-expedição, materiais de apoio, orientações e sugestões para o desenvolvimento da proposta metodológica. O site constitui-se como parte da dimensão propositiva e será tratado no subcapítulo correspondente.

3.1 Os caminhos de construção de uma proposta de Educação Patrimonial

A mudança de paradigma que o campo do Patrimônio sofreu ao longo do século XX teve no Brasil um marco significativo em 1988, quando o artigo 216 da Constituição Federal substituiu a terminologia de Patrimônio Histórico e Artístico para Patrimônio Cultural. Essa mudança abriu um espaço ainda maior para o debate dos bens patrimoniais culturais, bem como para o campo da Educação Patrimonial. Há nesse processo um rompimento da ideia de que o Patrimônio é representado apenas pelos monumentos edificados e pelos sujeitos ligados às elites dominantes do país (PEREIRA; ORIÁ, 2012).

Essa possibilidade de ampliação do conceito acaba por contribuir para uma abordagem educativa do patrimônio muito mais diversa, democrática e dinâmica, uma vez que outros diálogos entre memória, patrimônio e educação são possíveis. Entra em cena um conjunto de referências às identidades de diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, das ações do saber-fazer, das formas de expressão, dos lugares destinados às manifestações artísticas, culturais e religiosas, além de objetos, documentos, paisagens, edificações, enfim, todo um arcabouço de bens materiais e imateriais que foram por todo esse tempo deslocados e esquecidos como que não sendo relevantes para a história do nosso país. Ao trazer o patrimônio cultural - em sua forma mais ampla - ao centro do palco, há a necessidade de uma abordagem educativa capaz de permitir a valorização dos sujeitos, do saber-fazer, dos modos de vida e de trabalho e dos diferentes usos dos lugares no tempo.

⁹ <https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/>

Essa perspectiva de Educação Patrimonial rege a organização desta proposta de ensino, que por sua vez exige um conhecimento sobre o local e a capacidade de entender que aquele lugar tem potencial para se ensinar história através da indagação dos elementos naturais ou edificados dispostos na região num diálogo constante com as fontes. Assim, tanto as atividades desenvolvidas na Oficina de Fontes, quanto o Roteiro-expedição foram pensados e organizados de forma a provocarem os estudantes a fazer questionamentos sobre o espaço que os cerca sem perder o alcance do tempo presente alicerçado nas memórias sobre aquele lugar no passado. Visa-se também, como exposto acima, oportunizar experiências intencionadas com o propósito de transformar o espaço em lugar, repositório de significado e valor.

Dessa forma, o material resultante dessa pesquisa será direcionado para professores e professoras trabalharem com seus estudantes nas diversas etapas escolares e contextos. Ou seja, a proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História pretende atender as demandas de professores que anseiam por novas abordagens dentro do campo do ensino.

3.2 Uma proposta de Educação Patrimonial para a Lagoa da Conceição

A partir das questões expostas nos capítulos anteriores sobre a necessidade de se pensar um Ensino de História mais significativo, sugerimos algumas atividades que tem como tema gerador a Lagoa da Conceição, suas marcas rurais, seus tempos e seu presente, mas que também intenciona inspirar professoras/es a pensarem seu lugar como pesquisadores/as, a olharem as/os estudantes como sujeitos históricos que analisam a sua realidade próxima e refletem acerca do seu lugar a partir de uma perspectiva histórica.

As possibilidades de ação se desdobrarão na investigação de fontes históricas, em saída a campo e na sugestão de atividades para serem desenvolvidas com os estudantes durante a proposta metodológica. A proposta metodológica está organizada para acontecer em 4 momentos: I) Para iniciar essa conversa; II) Oficina de fontes; III) Roteiro-expedição e IV) Exposição de trabalhos.

Dessa forma, a proposta metodológica pretende mobilizar os estudantes para diferentes formas de atuação ao longo de todo o processo de ensino, o qual será detalhado adiante. A escolha metodológica da pesquisa é qualitativa, pois intenciona envolver os estudantes no desenvolvimento de determinadas temáticas. Nesse sentido, a metodologia de pesquisa de trabalho com os estudantes entende que o caráter principal da pesquisa

qualitativa é que este tipo de pesquisa implica fundamentalmente na preocupação direta com aquilo que é vivido, a experiência sentida ou experimentada pelos sujeitos envolvidos (ESTEBAN, 2010).

3.2.1 Para iniciar essa conversa

A seção [Para iniciar essa conversa!](#) foi pensada para ser o ponto de partida para conectar professores/as e estudantes com o lugar, o bairro Lagoa da Conceição. Ela é constituída de uma atividade introdutória que visa sondar os conhecimentos prévios dos estudantes, mas que também pretende, se assim o/a professor/a entender, apresentar o tema e orientar como se dará o trabalho. Assim, temos a sugestão metodológica dividida em duas etapas:

1ª etapa: A partir de uma roda de conversa, a/o professor/a colocará em foco a Lagoa da Conceição buscando saber quais são as impressões que os estudantes têm da Lagoa, suas histórias, seus tempos, seus costumes e sua gente. O/A professor/a pode registrar este momento escrevendo no quadro e tirando uma foto depois. A roda de conversa servirá como um dispositivo para as alunas/os pensarem sobre a Lagoa. Por isso, pode ser um momento curto. O importante é que cada um fale algo do presente ou do passado daquele lugar. Esse exercício fará com que a fala de um colega possa suscitar a fala e a reflexão do outro.

2ª etapa: Nessa mesma aula, o professora entregará um questionário diagnóstico (Figura 8) para ser preenchido na aula, mas que o estudante possa terminar de responder em casa. O objetivo do diagnóstico é construir um perfil da turma de forma mais completa. O questionário pode ser reutilizado após o trabalho realizado com os estudantes. Ou seja, pode ser um instrumento de autoavaliação dos estudantes e que pode ser revisitado ao final do trabalho e possibilitar perceber o quanto foi transformado.

Diagnóstico: Conhecendo a/o estudante e o que ela/e conhece	
1. Qual é o seu nome? Quantos anos você tem?	
2. Você nasceu em Florianópolis? Se sim, em qual bairro? Se não, em qual cidade?	
() Sim Bairro: _____ () Não Cidade: _____	
3. Qual(is) aspecto(s) do bairro Lagoa e adjacências chama(m) sua atenção? Por que?	
4. O que você gosta de fazer na Lagoa da Conceição? Comente sobre isso.	
5. Quais características você pode citar sobre a cultura da Ilha de Santa Catarina e/ou da Lagoa da Conceição e adjacências?	
6. Você já ouviu falar sobre a agricultura desenvolvida na Lagoa da Conceição e adjacências? Se sim, fale a respeito.	
7. Você já parou para pensar como era a Lagoa da Conceição há 50 anos ou mais? Como você a descreveria?	
8. Você já ouviu falar em "paisagem cultural"? Sabe o que é?	

Figura 8 : Diagnóstico. Fonte: produção da própria autora.

As perguntas elaboradas para o diagnóstico foram pensadas de acordo com o que se pretende nesta proposta: saber quem é local; quem veio de outra cidade ou Estado; o que sabem sobre o passado agrícola da região; se sabem dizer algo sobre a cultura; o que gostam de fazer nos momentos de lazer; se já pararam para imaginar como era esse lugar em outro tempo; e se conhecem o termo “paisagem cultural”. Acredito que esse momento de reflexão, para além de ser um primeiro contato com o que virá, também pode servir como estímulo de interesse para a própria aula de história, uma vez que colocará os conhecimentos prévios dos/das estudantes em destaque.

Nesse momento, o/a professor/a poderá orientar os/as estudantes sobre a maneira como o trabalho será registrado. Uma possibilidade que sugerimos para registrar as reflexões e produções demandadas da proposta pedagógica é a confecção de um Portfólio individual. Ainda que parte do trabalho seja realizado em grupo, como análise, discussão e reflexão e que este seja um momento de desenvolvimento coletivo na troca de ideias, a criação de um Portfólio individual possibilita que cada estudante organize suas produções de forma autônoma e criativa a partir da discussão em grupo e também de suas próprias percepções.

3.2.2 - Construindo conhecimento por meio da investigação: Oficina de fontes históricas

A oficina de investigação com fontes históricas será uma prática mediada pelo/a professor/a, que fará o papel de investigador social e organizador das atividades que acompanharão este momento da proposta. É importante salientar que as fontes elencadas para o desenvolvimento desta proposta são sugestivas, tendo o/a professor/a liberdade para escolher outras fontes de acordo com os objetivos de ensino aprendizagem do seu trabalho em sala de aula. O trabalho com as fontes possibilita o contato com as variadas formas de registro histórico e desenvolve a competência leitora dos estudantes numa relação que envolve a pesquisa e a produção do conhecimento histórico. O foco está na produção do conhecimento histórico dos estudantes como agentes do processo com a atuação intensa do/a professor/a-pesquisador/a.

As fontes escolhidas são importantes porque nos fornecem informações sobre o passado e o presente da Lagoa e servem para a construção do conhecimento histórico sobre a dinâmica da vida agrícola existente na região até boa parte do século XX. Para além do passado rural, as fontes nos fornecem indícios do tempo presente do bairro e seus problemas atuais, como a ocupação desordenada, a destruição do meio ambiente e a transformação de sua paisagem. Tais fontes darão subsídios para os estudantes, preparando-os para o 3º momento.

A proposta é que os estudantes desenvolvam o trabalho em duplas ou trios e cada documento será acompanhado de uma ficha, criada especificamente para cada fonte, e de perguntas que orientarão a análise do documento. Para tanto, as atividades da Oficina estão organizadas por temática e cada atividade é constituída por um trabalho dividido em etapas. Pensamos que essa pode ser uma forma metodológica que facilita a organização do/a professor/a durante a realização das atividades. O roteiro por etapas é uma sugestão de organização, entendendo que cada professor/a pode seguir ou não o roteiro, alterando as formas de realizar as etapas.

No momento do trabalho com fontes é deveras importante que o/s professor/a auxilie os grupos com relação às dúvidas e a forma como cada fonte está estruturada. É importante que o/a professor/a faça uma breve explicação sobre a importância dos registros históricos para a escrita da História alertando-os também para a compreensão de que a fonte é um recorte, uma versão do seu autor, um aspecto da realidade, e não o seu espelho - as fontes não carregam o passado tal como ocorreu. Por isso, o/a professor/a deve estar atento/a para que

os/as estudantes sejam estimulados a perceber a fonte como algo que deve ser questionado, problematizado, desconstruído. A atividade também propõe a reflexão sobre o documento buscando entender a importância daquele registro para a história do lugar estabelecendo relações passado-presente.

Ainda que as perguntas das fichas de descrição e análise sejam direcionadas para as fontes de forma específica, a parte inicial da descrição praticamente é comum a todas as fichas. Primeiramente, é pedido para descrever as fontes, suas informações principais, como: Qual é o tipo da fonte; Quando foi produzida; Quem a produziu. Segue-se então, para outros questionamentos de acordo com a natureza da fonte.

A oficina de fontes pode acontecer de diversas maneiras. Para esta proposta foi pensado que a Oficina pode acontecer no momento anterior às atividades relacionadas ao Roteiro-expedição.

A Oficina de fontes está organizada em dois temas, sendo cada um deles composto por diversas atividades que orientarão os/as estudantes a compreender e questionar os documentos selecionados.

Dessa forma, a página principal **Oficina de fontes** apresenta os seguintes temas:

- Patrimônio: Paisagem cultural
- Trabalho e Memória: A vida em outros tempos

3.2.2.1 - TEMA: Patrimônio: Paisagem cultural

Este tema foi pensado para trazer para o debate a questão ambiental e a paisagem cultural como categorias de análise para nortear esse tema de estudos, uma vez que nos possibilita compreender a paisagem como resultado de uma relação entre os aspectos culturais e naturais de um determinado local conectando de forma direta os modos de ser e fazer daquele lugar.

A Lagoa da Conceição pode ser considerada uma paisagem cultural, pois na medida que a observamos podemos perceber sua paisagem como fruto de um processo histórico-cultural marcado pela ação dos povos indígenas na ocupação do território e na utilização dos recursos naturais em um passado mais distante, pela agricultura dos colonos açorianos e seus descendentes em um passado não muito distante; e pelo crescimento demográfico do bairro em conjunto com o apelo turístico do lugar, já em um movimento urbano que marca um período mais recente de sua história.

Pensando nisso, propomos esse tema para discutir com os estudantes as transformações ocorridas na paisagem da Lagoa da Conceição, colocando-os a pensar sobre

as interações humanas e o meio natural e se as práticas resultantes são de baixo ou alto impacto na natureza.

Uma forma de enriquecer a reflexão e o debate é apresentar algumas memórias dos moradores da comunidade e para tanto selecionamos alguns trechos de entrevistas. Os trechos de entrevistas utilizados nesta proposta foram retirados do livro *Vozes da Lagoa*¹⁰, lançado no ano de 1995, em Florianópolis. O livro traz uma coletânea de entrevistas realizadas com alguns dos moradores da Lagoa: pescadores, lavradores, donas de casa, rendeiras e fazedores de rede; gente humilde que traz na memória a vida de outrora.

Essas fontes orais, de grande valor histórico, nos fornecem uma rica cartografia cultural e histórica da Lagoa da Conceição a partir da vivência e testemunho de alguns de seus moradores nascidos nas duas primeiras décadas do século XX. Quando deram as entrevistas estavam na casa dos seus 70 , 80 anos de vida. Uma questão muito importante pontuada pelas autoras do livro e que esta proposta também busca pontuar é com relação a identidade cultural.

(...) destacamos que este trabalho se caracteriza como um projeto de resgate de memória e que isto não significa estarmos buscando definir uma identidade cultural para a Lagoa da Conceição, tampouco para a Ilha de Santa Catarina. Nosso entendimento é o de que a cultura é por si dinâmica e está em constante transformação (BORGES, SCHAEFER, 1995, p.17).

Ao trazer as entrevistas para esta proposta temos a intenção de desvelar um pouco do passado da Lagoa através das memórias daqueles que lá nasceram, viveram, brincaram, trabalharam, casaram, criaram seus filhos, presenciaram as transformações do seu espaço. Ou seja, que estiveram neste lugar por um tempo e que deixaram marcas desse neste lugar. Sendo assim, não intencionamos atribuir a Lagoa da Conceição uma identidade cultural somente relacionada a esses testemunhos, que marcadamente são descendentes dos açorianos que lá chegaram no século XVIII, mas compor, através de outras narrativas, o mosaico cultural que a Lagoa da Conceição sustenta nos dias atuais. Todo esse processo metodológico é proposto para instigá-los a refletir sobre o lugar e mobilizar suas expectativas de futuro.

Para nossa proposta metodológica escolhi dois excertos de entrevista do *Vozes da Lagoa* dentre tantos que poderia ter escolhido. Devo confessar que não foi tarefa fácil

¹⁰ BORGES, Eliane; SCHAEFER, Bebel O. *Vozes da Lagoa*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Fundação Banco do Brasil, 1995.

tamanha riqueza das histórias. Um dos excertos está elencado para compor o corpo de documentos deste tema e o outro, no tema Trabalho e Memória: A vida em outros tempos.

No site, a página principal que apresenta o Tema Patrimônio: Paisagem cultural, é iniciada com um relato que o médico e explorador alemão Robert Avé-Lallemant fez da Lagoa da Conceição quando de sua passagem pela Ilha de Santa Catarina, em 1858. Este trecho recortado de seu relato pode servir como uma provocação para que os/as estudantes possam, a partir da imaginação, pensar a Lagoa em outros tempos e começar a perceber as transformações da sua paisagem ao longo do tempo. O relato¹¹ não foi agenciado para fazer parte de nenhuma atividade específica, mas pode ser utilizado pelo/a professor/a como fonte histórica.

Assim, apresenta-se abaixo a página Oficina de fontes com enfoque no Tema em destaque.



Ensino de História e a Lagoa da Co... em dois mil reis

Página inicial ▾ 🔍

N.º 12. Quarta parte de uma roça do mar de cá, no pé da serra da família que se avistava por 1/500 setenta mil e quinhentos reis

Oficina de fontes

TEMA: Patrimônio: Paisagem Cultural

"O caminho sobe ainda mais. Da floresta do cimo desce á esquerda, murmurando em seu leito de pedra, por uns cem pés, um riacho constituído de vários braços, que rebenta nas rochas escarpadas. Sobre ele inclinam-se cecrópias e palmeiras e na sua vizinhança os mirtos e begônias formam cerrada mata. O seu murmurinho acompanhou-nos até a crista da serra. Imponente vista! Aos nossos pés, o mar azul, subindo no horizonte, como parece, sempre que do alto contemplamos a sua larga superfície. Mas exatamente abaixo de nós, uma baía azul, isolada, e um grande lago, em torno do qual se estendem próspera plantação, bonitas casas de residência ou íngremes montes cobertos de mata".

(Robert Avé-Lallemant, 1858)

O trecho acima é parte da descrição que o médico e explorador alemão Robert Avé-Lallemant fez da Lagoa da Conceição quando de sua passagem pela Ilha de Santa Catarina. Em 1858, Avé-Lallemant esteve em expedição pela Província de Santa Catarina e em sua estada pela Ilha, visita a Freguesia da Lagoa e seus arredores. A partir de seu relato podemos construir em nosso imaginário como era a Lagoa em outros tempos e perceber como sua paisagem foi sendo transformada ao longo do tempo.

Diálogos com os professores

Roteiro de estudos

Figura 9: Detalhe do site que mostra o tema Patrimônio: Paisagem Cultural. Na imagem é possível ver o texto de abertura e os botões para as seções Diálogos com os professores e Roteiro de estudos. Fonte: produção da própria autora. <https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes>

¹¹ Entre os séculos XVIII e XIX, muitos viajantes estrangeiros estavam de passagem pela Ilha de Santa Catarina, seus relatos impressionam pelos detalhes sobre a flora, a fauna e falam de um povo humilde, que tirava seu sustento da agricultura, caça e pesca.

A seção Diálogos com os professores apresenta além de um texto de abertura, os objetivos da atividade, as possibilidades metodológicas e sugestões de aprofundamento. Em possibilidades metodológicas, o/a professor/a encontrará informações a respeito das fontes selecionadas para essa atividade e algumas orientações para realizar as atividades correlatas.

Para a primeira etapa é sugerido que o/a professor/a, comente sobre a Lagoa no presente, relacionando aspectos da vida cotidiana dos jovens com a questão ambiental, com os usos que se faz daquilo espaço pelos moradores e pelos turistas, entre outros questionamentos que o/a professor/a julgar pertinentes.

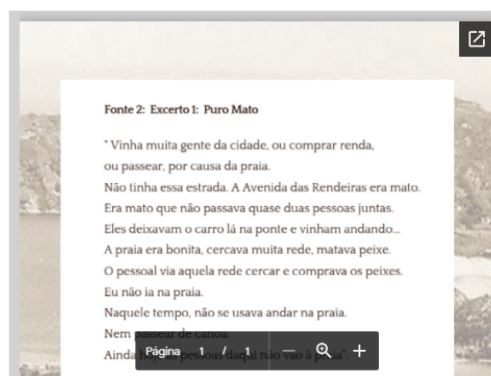
Para a segunda etapa do trabalho, os/as estudantes se organizam em grupos e recebem as fontes relativas à temática. Na seção [Diálogos com os professores](#), o/a professor/a terá acesso às imagens da fonte, um hipertexto com a descrição das fontes selecionadas e um link que o/a direciona para a fonte em formato PDF num ambiente externo ao do site. Se a escola conta com computadores e rede de internet, os/as estudantes podem acessar as fontes diretamente no site, na seção Roteiro de Estudos. Esta seção é direcionada para o trabalho dos/as professores/as com os/as estudantes.

Segunda etapa: Selecione a fonte 1 clicando no *link para a matéria completa*. Para acessar as demais fontes clique em *Outra janela*.

Fonte 1: Reportagem de jornal



Fonte 2: Excerto de entrevista



Link para matéria completa: <https://marsemfim.com.br/lagoa-da-conceicao-e-enxurrada-mais-poluicao/>

Fonte 3: Fotografias em 2 tempos



Fonte 4: Fotomontagem

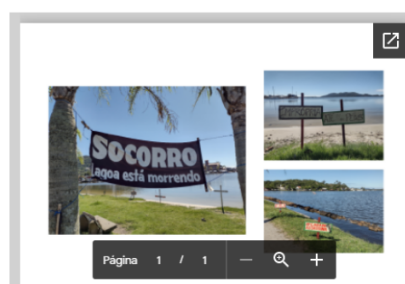


Figura 10: Detalhe da seção Roteiro de estudos mostrando as 4 fontes selecionadas para a análise e atividades do Tema Patrimônio: Paisagem Cultural. Fonte: produção da própria autora. <https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes/roteiro-de-estudos-atividade-1>

A terceira etapa consiste na análise das fontes e preenchimento das fichas. Infelizmente, não foi possível disponibilizar as fichas de análise das fontes em um formato que pudesse ser editado diretamente no site. Assim, é necessário que o/a professor/a imprima as fichas, que estão disponíveis no formato PDF, e entregue aos/às estudantes.

A primeira fonte a ser trabalhada na Oficina é a reportagem de jornal sobre um desastre que ocorreu nas imediações da Avenida das Rendeiras, em janeiro de 2021. Essa fonte foi escolhida por possibilitar uma análise de como o poder público tem agido com relação a infraestrutura da Lagoa da Conceição e o número cada vez maior de moradores e turistas. O desastre ambiental abordado na fonte 1 é sobre uma lagoa de tratamento de esgoto da CASAN (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento), localizada em meio às dunas

da Lagoa da Conceição. Todo o conteúdo da lagoa de tratamento rompida inundou ruas, causou inúmeros estragos nas casas e por fim chegou às águas da lagoa, poluindo-a.

Ainda que o desastre tenha ocorrido por diversos fatores, como excesso de chuvas, o/a professor/a poderá explicar o que é uma lagoa de tratamento, comentar sobre a própria CASAN e sua responsabilidade com o meio ambiente, questionar a razão de se ter uma lagoa de tratamento de esgoto no meio de uma duna, explicar o que é uma laguna e porque a lagoa é uma laguna. O/a professor/a poderá ampliar a discussão e trazer para o debate a questão ambiental de forma geral, fazer links com contexto mundial e com os debates cada vez mais urgentes sobre os impactos na relação ser humano *versus* meio ambiente.

A ficha de análise elaborada para a fonte 1 traz questionamentos que procuram dar conta de suas especificidades como reportagem de jornal e que compreenda o assunto específico da fonte: a questão ambiental e as relações estabelecidas com o lugar. Assim, apresenta-se abaixo a ficha de análise da fonte 1: reportagem de jornal.

Ficha de análise: Atividade 1: Fonte 1	
Tipo de fonte (Iconografia, documento oficial, jornal, entrevista etc):	_____
Autor: _____	Ano da publicação: _____
Acervo a que pertence:	_____
Título da publicação:	_____
Qual é o tema abordado na publicação?	_____ _____
Quem são os sujeitos apresentados na publicação?	_____ _____
A partir da leitura da publicação é possível perceber os usos que se faz do lugar? Justifique.	_____ _____ _____ _____
Quais outras informações te chamaram a atenção? Por que?	_____ _____ _____
Qual é o público a quem se destina tal publicação?	_____ _____

Figura 11: Ficha de análise de jornalística. Fonte: produção da própria autora.

A segunda fonte sugerida para ser trabalhada neste tema é um excerto de entrevista com uma moradora local. Como já exposto acima, o excerto em questão foi retirado de um livro de entrevistas com moradores na casa dos seus 70 anos ou mais, quando da realização das entrevistas na década de 1990. A escolha por essa entrevista se dá pelo fato de trazer algumas informações sobre o mesmo lugar onde ocorreu o "desastre ambiental" da fonte 1, mas em um tempo onde ainda não existia a própria Avenida das Rendeiras, sendo ela ainda somente uma trilha de "Puro mato". Outro aspecto importante das memórias evocadas nesse relato é sobre o uso da laguna como lugar de sustento para os moradores e não de lazer como é hoje.

Para análise desta fonte criou-se uma ficha que buscasse compreender a esfera do tempo e das memórias evocadas pelo/a personagem, buscando identificar o tipo de fonte, o ano de realização, o tipo e ano de publicação, o nome do/a entrevistado/a, a idade na época da entrevista, a que localidade da Lagoa pertence, quais memórias foram evocadas, quais as relações estabelecidas entre os moradores locais e os demais visitantes com o lugar. Segue abaixo a ficha de análise da fonte 2: excerto de entrevista.

Ficha de análise: Atividade 1: Fonte 2	
Tipo de fonte (Iconografia, documento oficial, entrevista etc):	Tipo de publicação (livro, revista, site, jornal etc):
Ano da realização:	Ano de publicação:
Qual é o nome da/o personagem sujeito da fonte? Qual é a idade da/o personagem/sujeito à época da entrevista?	
De que localidade da Lagoa é o/a personagem?	
Sobre o que falam as memórias evocadas pelo/a personagem?	
Qual é a relação estabelecida entre os moradores locais e os demais visitantes com o lugar?	
O que mais lhe chamou a atenção nas memórias?	

Figura 12: Ficha de análise da fonte 2: excerto de entrevista. Fonte: produção da própria autora.

A terceira fonte escolhida para compor a Oficina de fontes do Tema Patrimônio: Paisagem cultural é uma fotomontagem produzida pela autora da pesquisa.. São duas fotografias, uma de meados do século XX e outra da primeira década do século XXI que dão a ideia de como era a região nesses períodos. A proposta é analisar e comparar as fotografias e perceber as transformações da paisagem, da passagem do rural para o urbano.



Imagem 1: Lagoa da Conceição, Florianópolis (SC), década de 1960. Autor desconhecido.



Imagem 2: Lagoa da Conceição, Florianópolis (SC), década de 2010.

Figura 13: Montagem de fotografias da Lagoa da Conceição produzida pela autora.

Fonte: Imagem 1: < <https://br.pinterest.com/pin/480477853981127720/> > Acesso em 20 abr. 2021

Fonte: Imagem 2: < <https://www.pousadadoschas.com.br/> > Acesso em 20 abr. 2021

Ao comparar essas fotografias, podemos perceber muitas transformações na paisagem, em decorrência da construção de diversas casas e prédios. Há, porém, algumas permanências, como a ponte, que continua sendo o único acesso terrestre entre o bairro da Lagoa da Conceição com outros bairros da costa leste, como Barra da Lagoa e Joaquina. O que se nota é a diminuição da identidade rural e o aumento do desenvolvimento urbano.

Dessa forma, a ficha de análise elaborada para trabalhar com esta fonte buscou apresentar os principais elementos para análise dos/das estudantes, como: tipo de fonte, autor da imagem, ano de publicação, a que acervo pertence, título da imagem, público alvo, o que se destaca nas imagens, quais as mudanças e as permanências percebidas na paisagem, impressão ou sentimento que as imagens causam.

Vale recordar que no processo de aprendizagem os procedimentos envolvidos na Oficina de fontes requerem o olhar e a atenção atentos do/a professor/a para que os/as estudantes possam relacionar as fontes e fazer as reflexões propostas na construção do saber histórico.

Ficha de análise: Atividade 1: Fonte 3

Tipo de fonte (Iconografia, documento oficial, jornal, entrevista etc): _____

	IMAGEM 1	IMAGEM 2
Autor da imagem		
Ano da produção		
Acervo a que pertence		
Título da imagem		
Há um público alvo? Qual?		

O que está em destaque nas imagens?

Descreva de forma sucinta cada imagem.

Observe com atenção os detalhes de cada uma das imagens e descreva as mudanças e as permanências na paisagem.

Que tipo de impressão ou sentimento as imagens lhes causam?

Figura 14: Ficha de análise de fonte iconográfica. Fonte: produção da própria autora.

A quarta e última fonte escolhida para compor as atividades do Tema Patrimônio: Paisagem cultural é também uma montagem produzida pela autora de algumas placas e faixas feitos pelos moradores da Lagoa como movimento de protesto com o descaso que o poder público e a própria CASAN tiveram com relação ao "desastre ambiental", objeto da fonte 1. Essa fonte foi pensada com o propósito de trazer para debate o papel do cidadão como um agente da história, colocando os estudantes para refletir sobre como as nossas ações reverberam na sociedade e na forma como se dá o interesse público. Dentre tantas perguntas que podemos fazer para essa fonte, a ficha de análise compreende: tipo de fonte, autor, ano de produção, acervo a que pertence, quais elementos podem ser identificados na fotomontagem,

a intenção do autor com a fotomontagem, impressão ou sentimento que a fotomontagem causa.

Ficha de análise: Atividade 1: Fonte 4	
Tipo de fonte (Iconografia, documento oficial, jornal, entrevista etc):	_____
Autor:	_____ Ano da produção: _____
Acervo a que pertence:	_____
Título da publicação:	_____
Quais elementos podem ser identificados na fotomontagem?	

Descreve de forma sucinta a fotomontagem.	

Qual seria a intenção do autor com a fotomontagem?	

Quais outras informações contidas nas imagens te chamaram a atenção? Por que?	

Qual impressão ou sentimento a fotomontagem lhe causa?	

Figura 15: Ficha de análise de fonte iconográfica. Fonte: produção da própria autora.

Na quarta etapa segue-se o trabalho a partir da análise e interpretação das fontes. Cada grupo é orientado a pensar a temática a partir de algumas questões previamente elaboradas, que serão desenvolvidas nas atividades propostas. Estas atividades são sugestões que os/as professores poderão adaptar, acrescentar diálogos e questionamentos, bem como selecionar algumas atividades e não outras, enfim, as sugestões são possibilidades.

Na seção Roteiro de estudos desse tema seguem-se as orientações de como os estudantes devem desenvolver as atividades propostas. O objetivo é que os/as estudantes

possam comparar e relacionar as fontes apresentadas, além de confrontar as narrativas que cada fonte traz.

Quarta etapa: Reflexão, debate, pesquisa e produção.

Vamos refletir?

1. Considerando que tanto a fonte 1 quanto a fonte 2 trazem informações sobre a Avenida das Rendeiras e as águas que a banham em diferentes temporalidades, responda:

a) Quais são as diferenças entre os usos da Lagoa na fonte 1 e na fonte 2 para a população local e a população turística?

b) A fonte 2 traz a memória de Carolina, que conheceu a Avenida das Rendeiras na época que ainda não tinha estrada, "era puro mato". Como é a Avenida das Rendeiras hoje? Quais são os seus atrativos? Quais tipos de atividades econômicas podemos encontrar lá?

c) Você conhece a Avenida das Rendeiras? Costuma ir a este local? O que gosta de fazer lá? Ficou sabendo do desastre ambiental ocorrido em janeiro de 2021?

2. Leia o texto abaixo sobre Paisagem Cultural e, depois, responda as questões solicitadas abaixo.

a "[...] paisagem cultural traz a marca das diferentes temporalidades da relação dos grupos sociais com a natureza, aparecendo, assim, como produto de uma construção que é social e histórica e que se dá a partir de um suporte material, a natureza. A natureza é matéria-prima a partir da qual as sociedades produzem a sua realidade imediata, através de acréscimos e transformações a essa base material". (NASCIMENTO; SCIFONI, 2010, p.32).
Disponível em: <http://portal.ljohan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/82/paisagem-cultural>. Acesso em 02 de out de 2021.

a) Podemos afirmar que o bairro Lagoa da Conceição pode ser compreendido dentro do conceito de Paisagem cultural? Por que?

- Para pensar essa questão com seu grupo utilize a ficha de análise da fonte 3 e o texto sobre Paisagem cultural.
- Busque identificar nas imagens as referências rurais e urbanas.

Observação: Todas as anotações das reflexões propostas devem ser organizadas no Portfólio individual.

Vamos pesquisar?

Com seus grupos de trabalho, escolha um dos temas propostos e organizem uma pesquisa .

I) Desastre socioambiental;
II) Paisagem cultural.

Para finalizar, produzam um zine relacionando os resultados da pesquisa I com as fontes 1 e 4 , e os resultados da pesquisa II com as fontes 2 e 3.

Vamos compartilhar?

Os zines produzidos pela turma podem ser reproduzidos e distribuídos na comunidade escolar!

Figura 16: Detalhe da seção Roteiro de estudos do Tema Patrimônio: Paisagem cultural, com destaque para a quarta etapa da proposta: reflexão, debate, pesquisa e produção. <https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes/roteiro-de-estudos-atividade-1>

As atividades correlatas para este Roteiro de estudos compreendem os objetivos pensados para a temática da Paisagem cultural, sendo eles: Refletir sobre a ideia que se tem da Lagoa da Conceição como lugar predominantemente de turismo e lazer trazendo para o debate os problemas ambientais atuais num diálogo com o passado e o futuro; Compreender a Lagoa como lugar de história e memória; Analisar as mudanças na paisagem da Lagoa da Conceição ao longo do tempo entendendo-a como uma paisagem cultural; e Estimular atitudes a favor da participação dos jovens na sociedade.

Na subseção *Vamos refletir?*, as atividades serão desenvolvidas em sala de aula. Já as atividades da subseção *Vamos pesquisar?*, as atividades podem acontecer em sala de aula ou fora dela, se possível. Seria interessante se os/as estudantes fossem estimulados ao ato da pesquisa fora da sala de aula, ou até mesmo como um trabalho realizado em conjunto com professores de outras disciplinas.

É importante que os/as estudantes produzam um material a partir da pesquisa e socializem. Para tanto, pensamos na produção de um Fanzine¹², os famosos zines, como forma de socializar as ideias discutidas em decorrência da pesquisa proposta para esta atividade específica. Mas o zine pode ser utilizado em vários outros momentos da proposta metodológica. A produção do zine é uma oportunidade para os/as estudantes se expressarem e refletirem sobre sua condição social enquanto agentes ativos da história, tomando para si o protagonismo. Este tipo de publicação permite que os/as estudantes se apropriem do tema abordado e utilizando a criatividade e o pensamento crítico possam criar uma ferramenta de ação e reflexão. Depois de prontos, os zines podem ser reproduzidos e distribuídos na comunidade escolar e até mesmo no bairro.

Indicações de materiais para conhecer o mundo dos zines, estão disponibilizados na subseção *Material de apoio*, do Roteiro de estudos e na subseção *Sugestões de aprofundamento*, do Diálogos com os professores.

Uma sugestão proposta é convidar o/a professor/a de Arte para participar da produção dos zines.

3.2.2.2 - TEMA: Trabalho e memória: A vida em outros tempos

O Tema *Trabalho e memória: A vida em outros tempos* traz para o debate e reflexão dos/as estudantes sobre como era a vida na Lagoa da Conceição em outros tempos, começando a pensar em sua população, nas atividades econômicas mais desenvolvidas em determinadas épocas, como essas atividades moldaram o modo de viver no passado e no presente.

Para desenvolver esse tema, escolhemos quatro fontes para o dossiê documental, sendo elas: um recorte do Recenseamento de 1872, um excerto de entrevista de um morador

¹² Fanzine é uma forma bem particular de publicação - não oficial e não profissional - que se presta, dentre outras coisas, a travar um diálogo crítico, manifestar opinião e expressar-se artisticamente. Os fanzines abordam os mais diversos temas como música, preconceito, feminismo, cinema, fatos históricos, entre outros. Pode ser escrito em forma de conto, poesia, somente imagens etc, e com formas de apresentação variadas: do artesanal ao digital.

da Lagoa, um excerto do texto de Virgílio Várzea sobre os engenhos de farinha e um recorte de um inventário Post-mortem de um morador da Costa da lagoa.

No site, a página principal da Oficina de fontes que apresenta o Tema *Trabalho e memória: A vida em outros tempos*, é iniciada com um excerto de entrevista do já citado livro *Vozes da Lagoa*, da senhora Lina Alexandra, antiga moradora da freguesia. Seu relato traz memórias do tempo em que as mulheres eram “as tiradeiras” de café. Lina se refere ao processo de derriça, que é a colheita dos grãos de café, trabalho que exige cuidado e delicadeza. Boa parte da vida da senhora Lina foi marcada pela lida nas lavouras morro acima. Sua fala evoca também o tempo em que os engenhos de cana e farinha tomavam conta da paisagem e o trabalho era dividido entre a agricultura e os afazeres domésticos e artesanais, como o feitio das rendas de bilro - trabalho rotineiro das mulheres.

O texto de abertura é um ponto de partida para estimular os/as estudantes sobre as diversas formas de trabalho e de sujeitos envolvidos nesse mundo rural da qual a Lagoa foi palco e que ainda guarda suas marcas.

TEMA: Trabalho e memória: A vida em outros tempos

As tiradeiras

" Eu gostava muito de cantar.
Cantava tanto que lá nos cômodos se ouvia.
Nós tirávamos o café cantando.
Só as mulheres.
Os homens às vezes iam no cafeeiro tomar
conta das tiradeiras.
À noite, nós íamos raspar mandioca.
Aí botávamos o gado no engenho,
começávamos a cevar, pra depois prensar.
Só terminava o trabalho quando a mandioca já
estava pronta para fazer beiju.
Eu ia trabalhar na Costa [...]

[...] Na Costa, um dos donos do engenho era o
Joca Silveira.
Mas, aqui perto, tinha o engenho do Afonso,
marido da Clara.
Lá no Canto, tinha o engenho do sogro
do Inacinho...
Onde hoje é o Grupo Escolar, também tinha
um engenho de farinha.
Mas algumas mulheres preferiam ficar
em casa fazendo renda".

Lina Alexandra - Freguesia.

O texto de abertura deste tema é um dos excertos de entrevista do livro *Vozes da Lagoa*, já citado no tema anterior. A personagem escolhida foi a Lina Alexandra, moradora da Freguesia da Lagoa, nascida no ano de 1916. Nesse relato, as memórias evocadas falam sobre o trabalho das mulheres na época em que se tinham muitos cafeeiros pelos morros, engenhos espalhados por toda a região da Lagoa e o feitio das rendas de bilro era um trabalho rotineiro das mulheres. Na época em que as entrevistas foram realizadas pelas autoras do livro, Lina estava com a idade de 78 anos.

[Diálogos com os professores](#) [Roteiro de estudos](#)

Figura 17 : Detalhe do site que mostra o tema Trabalho e memória: A vida em outros tempos. Na imagem é possível ver o texto de abertura e os botões para as seções Diálogos com os professores e Roteiro de estudos. Fonte: produção da própria autora.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes>

Uma vez que a Oficina de fontes oferece a mesma estrutura, a seção Diálogos com os professores apresenta além de um texto de abertura, os objetivos da atividade, as possibilidades metodológicas e sugestões de aprofundamento. Em possibilidades metodológicas, o/a professor/a encontrará informações a respeito das fontes selecionadas para essa atividade e as orientações para realizar as atividades correlatas, essa subseção está organizada em etapas.

Na primeira etapa traz um texto introdutório de contextualização sobre o lugar e um pouco de sua história para ser lido com a turma. O/A professor/a pode utilizá-lo para promover um breve debate, levantar questões acerca da temática proposta e instigar a curiosidade dos/das estudantes.

Segue-se então para a segunda etapa, em que os grupos de trabalho são convidados a lerem e observarem as fontes procurando entender cada uma delas, conversando e trocando informações com o grupo. As fontes escolhidas e recortadas trazem informações históricas sobre o mundo do trabalho, economia agrícola, população, memória e alguns aspectos da sociedade da Lagoa dos séculos XIX e XX.

Segunda etapa:

Com seus grupos de trabalho formados, as/os alunas/os são convidadas/os a ler e observar cada uma das fontes procurando entender cada uma delas, conversando e trocando informações com o grupo. As fontes escolhidas e recortadas trazem informações históricas sobre o mundo do trabalho, economia agrícola, população, memória e alguns aspectos da sociedade da Lagoa dos séculos XIX e XX.

Fonte 5: Recenseamento de 1872



A **fonte 5** é um recorte do Recenseamento de 1872. O recenseamento de 1872 informa sobre um perfil populacional da Freguesia da Lagoa: quantidade de pessoas que viviam na região, origem étnica, idade, ocupação profissional, escolaridade, entre outras informações relevantes. Para o trabalho com os/as estudantes selecionamos o quadro da população em relação às profissões. Analisar o quadro referentes às profissões nos possibilita pensar quais eram as atividades econômicas mais prósperas da Lagoa, propor hipóteses para refletir sobre como era a vida dessas pessoas em outros tempos e comparar com as atividades econômicas relacionadas com a Lagoa de hoje.

Fonte 6: Excerto de entrevista



A **fonte 6** é um excerto de entrevista de um morador da Lagoa. Nascido em 1905, o personagem Laurindo rememora o tempo da boa produção do café, tido como recurso do povo. Fala do homem lavrador e pescador. A sugestão de trabalhar com essa fonte se dá por dois motivos principais: o primeiro motivo é dar voz a gente simples da terra: lavradores e pescadores tradicionais; o segundo motivo é propor aos/as estudantes pensar numa Lagoa com outras formas de viver, com ritmos muito diferentes dos que encontramos hoje em meio a toda mudança social. A fonte nos possibilita perceber permanências e transformações sociais na Lagoa da Conceição.

Fonte 7: Excerto de literatura historiográfica



A **fonte 7** por sua vez, traz excertos da literatura historiográfica de Virgílio Várzea, que no ano de 1900 percorreu a ilha de Santa Catarina e escreveu um livro sobre suas histórias, costumes, gêneros, economia, festas, crenças etc. Para a investigação com os/as estudantes selecionamos o trecho que fala sobre a Freguesia da Lagoa e sobre os engenhos existentes nessa comunidade. A proposta com essa fonte é aproximar os/as estudantes das relações socioculturais estabelecidas no mundo do trabalho dos engenhos.

Fonte 8: Inventário Post-mortem



A **fonte 8** é um recorte de um inventário post-mortem do último quartel do século XIX de um morador da Freguesia da Lagoa. Os inventários são documentos de grande valor para o estudo de história, pois possibilitam a compreensão da sociedade a partir de uma perspectiva mais individual dos sujeitos. De modo geral, os inventários são organizados em três partes. A primeira parte informa sobre os dados do falecido e a relação dos herdeiros filhos, netos, idades e situação matrimonial. Na segunda parte tem-se o arrolamento dos bens, com descrição e avaliação dos móveis, imóveis, semoventes (animais domesticados, escravizados podem aparecer nesta categoria) e dívidas ativas e passivas do falecido. Na terceira parte é feita a partilha de todos os bens entre os herdeiros do inventariado. Para a oficina com os/as estudantes selecionamos e transcrevemos a segunda parte do inventário, ou seja, o arrolamento dos bens deixados pelo falecido. A versão original do documento está disponível para o/a professor/a, caso o/a mesmo/a queira fazer um exercício de leitura paleográfica com os/as estudantes.

Figura 18 : Detalhe do site que mostra a segunda etapa em Possibilidades metodológicas na seção Diálogos com os professores. Fonte: produção da própria autora. <https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes/di%C3%A1logo-com-o-professor-atividade-2>

No site, na seção **Diálogos com os professores**, a segunda etapa apresenta as fontes, uma descrição de cada uma delas e o por que razão foram escolhidas para esse tema específico.

Assim, a fonte 5 é um recorte do recenseamento de 1872 que informa sobre um perfil populacional da Freguesia da Lagoa: quantidade de pessoas que viviam na região, origem étnica, idade, ocupação profissional, escolaridade, entre outras informações relevantes. Para o trabalho com os/as estudantes selecionamos o quadro da população em relação às profissões. Analisar o quadro referentes às profissões nos possibilita pensar quais eram as atividades econômicas mais prósperas da Lagoa, propor hipóteses para refletir sobre como era a vida dessas pessoas em outros tempos e comparar com as atividades econômicas relacionadas com a Lagoa de hoje.

Como o recenseamento é uma fonte oficial do governo e que tem um objetivo prático de fazer um levantamento socioeconômico da sociedade brasileira, a proposta é sugerir aos estudantes uma pesquisa, que pode ser realizado em conjunto com o/a professor/a de geografia e propor alguns questionamentos, como: Qual é o órgão responsável por esse levantamento hoje no Brasil? Qual a importância do censo para a organização de políticas públicas?

Para o trabalho específico com essa fonte na Oficina pensamos em alguns questionamentos quanto às profissões chamando atenção para as mais recorrentes, ou seja, as que agrupam o maior número de pessoas da comunidade. Sendo uma comunidade que está às margens de uma laguna piscosa e muito próxima ao mar grosso, chamar atenção para as atividades econômicas que envolvem a pesca e se essas profissões, como a de pescador, por exemplo, aparece no censo e quantos indivíduos estão relacionados a ela.

Com relação aos trabalhos femininos e sua presença no censo, indagamos sobre: Em quais atividades econômicas as mulheres aparecem? A partir desses e de outros questionamentos, a/o professor/a pode refletir com os/as estudantes como essas mesmas relações de trabalho/gênero no passado estão apresentadas no presente.

A segunda fonte selecionada para a atividade deste tema é a fonte 6, que trata de um excerto de entrevista com um morador da Lagoa. Nascido em 1905, o personagem Laurindo rememora o tempo da boa produção do café, tido como recurso do povo. Fala do homem enquanto lavrador e pescador. A sugestão de trabalhar com essa fonte se dá por dois motivos principais: o primeiro seria restaurar as vozes, experiências e memórias (PAIM, 2019) de gente simples da terra: lavradores e pescadores tradicionais; o segundo motivo é propor aos/às estudantes pensar numa Lagoa com outras formas de viver, com ritmos diferentes dos que encontramos hoje, em meio a toda mudança ocorrida nas últimas décadas. A fonte nos possibilita perceber permanências e transformações sociais, culturais e econômicas na Lagoa da Conceição.

A fonte 7 por sua vez, traz excertos da literatura historiográfica de Virgílio Várzea, que no ano de 1900 percorreu a Ilha de Santa Catarina e escreveu um livro sobre suas histórias, costumes, gente, economia, festas, credos etc. Para a investigação com os/as estudantes selecionamos o trecho que fala sobre a Freguesia da Lagoa e sobre os engenhos existentes nessa comunidade. A proposta com essa fonte é aproximar os/as estudantes das relações socioculturais estabelecidas no mundo do trabalho dos engenhos de farinha. Além dos engenhos de farinha, que produziam de maio e até outubro, havia também os engenhos de cana, que funcionavam de maio até agosto e produziam aguardente e açúcar.

A dinâmica rural envolvia toda a família, que poderia se mudar para junto do engenho durante o período de grande produção, caso o engenho fosse longe da residência. O processo de fabricação da farinha é conhecido como farinhada. Durante a farinhada, as cantigas estavam presentes em todo o processo. “ Era uma forma de distração, pois o trabalho era árduo, passando mais de quinze horas dentro do engenho. Dependendo da produção, poderiam virar a noite trabalhando e cantando. A lida só era interrompida para as refeições” (FERREIRA, 2010, p. 43).

A última fonte selecionada para este tema é a fonte 8, que é um recorte de um inventário *Post-mortem* de um morador da Costa da Lagoa, falecido no ano de 1878. Ou seja, é uma fonte do último quartel do século XIX que foi escolhida porque entendemos que os inventários são documentos de grande valor para o estudo da história, pois possibilitam a compreensão da sociedade a partir de uma perspectiva mais individual dos sujeitos. Os inventários do século XIX, diferentemente dos inventários do século XX, descrevem de forma pormenorizada os bens deixados pelo falecido aos seus herdeiros. Outra questão é a presença de escravizados nos inventários do século XIX. A população da freguesia da Lagoa fazia uso da mão-de-obra escravizada, ainda que em número reduzido se comparado às outras regiões econômicas do país. Este aspecto pode e deve trazer para o/a professor/a perspectivas para um trabalho com a história da população afro-brasileira na região.

De modo geral, os inventários são organizados em três partes. A primeira parte informa sobre os dados do falecido e a relação dos herdeiros filhos, netos, idades e situação matrimonial. Na segunda parte tem-se o arrolamento dos bens, com descrição e avaliação dos móveis, imóveis, semoventes (animais domesticados, escravizados podem aparecer nesta categoria) e dívidas ativas e passivas do falecido. Na terceira parte é feita a partilha de todos os bens entre os herdeiros do inventariado.

Para a oficina com os/as estudantes selecionamos e transcrevemos a segunda parte do inventário, ou seja, o arrolamento dos bens deixados pelo falecido. A versão original do documento está disponível para o/a professor/a, caso o/a mesmo/a queira fazer um exercício de leitura paleográfica com os/as estudantes.

A terceira etapa do trabalho com os/as estudantes é a análise e interpretação das fontes realizadas através das fichas elaboradas. Cada ficha está orientada por meio de perguntas para a natureza específica da fonte.



Figura 19 : Detalhe do site que destaca a terceira etapa das Possibilidades metodológicas, na seção Diálogos com o professor do tema Trabalho e memória: A vida em outros tempos. Fonte: Produção da própria autora. 2021.
<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes/di%C3%A1logo-com-o-professor-atividade-2>

Após a terceira etapa - análise e interpretação das fontes - , os grupos de trabalho iniciam a quarta etapa: Reflexão, debate, pesquisa e produção. Cada grupo é orientado a pensar a temática a partir de algumas questões elaboradas e que serão desenvolvidas nas atividades subsequentes. É importante frisar que as atividades propostas podem (e devem) ser flexibilizadas levando-se em consideração a realidade encontrada pelos/as professores/as em suas turmas, escolas, bairros, cidades e também as necessidades pedagógicas de cada professor/a.

Na seção Roteiro de estudos, os/as estudantes encontrarão orientações para desenvolver as atividades propostas. O objetivo é que os/as estudantes possam comparar e relacionar as fontes apresentadas, confrontar as narrativas, construir hipóteses, fazer pesquisas extraclasse, debater ideias e produzir conhecimento a partir do estudo de cada fonte.

Quarta etapa: Reflexão, debate, pesquisa e produção.

Vamos refletir?

1. Considerando as informações contidas nas fontes 5, 6 e 7, responda:
 - a) Como podemos explicar o número reduzido de pescadores profissionais? De que forma esta ausência está relacionada com a prática agrícola?
 - b) Quais profissões representadas no recenseamento de 1872 permanecem como atividades econômicas da Lagoa no tempo presente? Por que certas profissões permanecem e outras não?
 - c) A partir das informações das fontes, é possível afirmar que na Lagoa havia dois tipos de agricultura: uma voltada para o consumo nacional e outra para a subsistência? Justifique.
2. As fontes 6 e 8 remontam ao século XIX e trazem a presença de africanos e afrodescendentes para a Lagoa da Conceição. A fonte 7 informa que os sitiantes da região durante a farinha costumavam dançar o *batuque* como forma de distração e comunhão.
 - a) Pesquise a origem da palavra *batuque* e relacione com as fontes 6 e 8.
 - b) A Ilha de Santa Catarina comumente é associada a uma tradição açoriana, como se somente essa identidade cultural fosse predominante na formação da cidade. Explique porque essa narrativa não se sustenta a partir das informações encontradas nas fontes analisadas.
3. A fonte 8 possibilita a compreensão da sociedade a partir de uma perspectiva mais individual dos sujeitos. Diferente dos inventários do século XX, os inventários do século XIX descrevem de forma pormenorizada os bens deixados pelo falecido aos seus herdeiros. A partir de uma roda de conversa, discuta com seus colegas, além dos pontos que mais lhes chamaram atenção, outros aspectos tais como:
 - Entre os bens deixados, quais eram mais valiosos na época?
 - O nome do escravizado arrolado entre os bens é um nome cristão ou africano? O que isso nos revela?
 - Pelo valor avaliado dos animais da lida e do escravo Domingos, quantos animais seriam necessários para se adquirir um escravo como o dos herdeiros de Luciano José?
 - Pelos bens arrolados no inventário *Post-Mortem* de Luciano José da Costa, o que podemos inferir a respeito de sua posição social?
 - Entre os bens arrolados, quais chamaram mais sua atenção?

Todas as respostas das reflexões devem ser organizadas nos Portfólios individuais.

Figura 20: Detalhe da seção Roteiro de estudos do Tema Trabalho e memória: a vida em outros tempos, com destaque para a quarta etapa da proposta: reflexão, debate, pesquisa e produção. Fonte: Produção da própria autora. 2021.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes/roteiro-de-estudos-atividade-2>

As atividades elaboradas para esta temática compreendem os seguintes objetivos: Identificar aspectos sobre a população e atividades econômicas mais desenvolvidas em determinadas épocas; Relacionar como essas atividades moldaram o modo de viver no passado e no presente da Lagoa; Conhecer aspectos da sociedade a partir de uma perspectiva mais individual dos sujeitos; Problematizar a narrativa construída acerca da cultura açoriana como única; Inferir sobre como o processo de transformação da cidade no pós-abolição afetou os moradores afrodescendentes da Lagoa; Refletir sobre como era a vida na Lagoa em outros tempos, como ela é agora e o que queremos para o futuro.

Vamos pesquisar?

1) Pesquisa sobre o Censo:

- Qual é a importância do censo populacional?
- Qual órgão é responsável pelo Censo?
- A cada quantos anos o Censo é realizado?
- Você e sua família já participaram do censo?
- Qual é a população atual da Lagoa da Conceição segundo o último censo realizado? Compare essa informação com o censo de 1872 e comente a respeito.

Os resultados da pesquisa sobre o Censo devem ser organizados nos Portfólios individuais.

2) Pesquise como era a vida cotidiana dos brasileiros no século XIX:

- Qual tipo de mobília era comum na casa das pessoas que viviam nas áreas rurais e urbanas?
- Era comum o uso de garfos, facas e pratos à mesa?

As conclusões desta pesquisa podem ser apresentadas em forma de texto escrito ou em um seminário, conforme decidido pelo/pela professor/a e pelos/pelas estudantes.

3) Faça uma pesquisa em suas casas, com parentes ou vizinhos próximos, buscando por objetos que remontem o mundo do trabalho ou do cotidiano de outros tempos na Lagoa da Conceição. É possível que alguns desses objetos ainda sejam utilizados hoje em dia.

Alguns exemplos:

- utensílios da cozinha: panelas, talheres, pratos, moedor de café, pilão, baixelas, meringas, porcelanas, cuias;
- formas de iluminação: "pomboca", lâmparinas, castiçais;
- indústria caseira: potes de cerâmica, teares, tecidos feitos em tear manual, renda de bilro, redes de pesca, instrumentos necessários para fazer a rede, cestaria(tipitis, armadilha para peixes);
- instrumentos musicais;
- móveis da casa: descanso (cama), repouso (bancos, marquesas, cadeiras), de guarda (armários; caixas; baús), de serviço (mesas), entre outros;
- objetos de uso caseiro: relógios, ferro de engomar, sinos, cinzeiros, dedais, álbuns de fotografias, quadros;
- objetos de uso pessoal: rosários, cachimbos, bengala, leques, sombrinhas, chapéus, braceletes, anéis, brincos, relógios;
- roupa: xales, lenços, saias, vestidos, calças, meias, entre outros;
- instrumentos e ferramentas da lida: machados, foices, enxós, formão, serra, pregos, entre outros;
- instrumentos da lida com animais: cordas, arreios, ferraduras, chicote, selas;

Sugestão de procedimento de pesquisa e apresentação:

- Fazer um inventário dos objetos encontrados na pesquisa com a devida biografia do objeto: nome, para que serve, provável data de confecção, história dentro da família a que pertence, se ainda é utilizado atualmente etc.);
- Promover uma exposição dos objetos;
- Objetos que não puderem ser levados para a exposição podem ser fotografados e as fotografias serem expostas.

4) Atividade com mapa.



Atividade com mapa

Circule no mapa as localidades dos sujeitos que aparecem nos documentos históricos da Oficina de fontes e preencha a ficha abaixo, conforme solicitado.

Sujeito:
Localidade:
Sujeito:
Localidade:
Sujeito:
Localidade:
Sujeito:

Figura 21: Detalhe da seção Roteiro de estudos do Tema Trabalho e memória: a vida em outros tempos, com destaque para a quarta etapa da proposta: reflexão, debate, pesquisa e produção. Fonte: Produção da própria autora. 2021.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes/roteiro-de-estudos-atividade-2>

3.2.3 - Roteiro - expedição pelo Caminho da Costa da Lagoa

O Caminho da Costa da Lagoa da Conceição, tombado como Patrimônio Histórico, Artístico e Natural da cidade de Florianópolis pelo Decreto 247/86, foi escolhido para ser Roteiro-expedição pelo fato de ainda guardar algumas marcas do passado rural da região e poder conectar o trabalho realizado na Oficina de fontes em sala de aula com a experiência prática. O tombamento abrange o Caminho da Costa, a vegetação e as edificações de interesse histórico e artístico existentes na região.

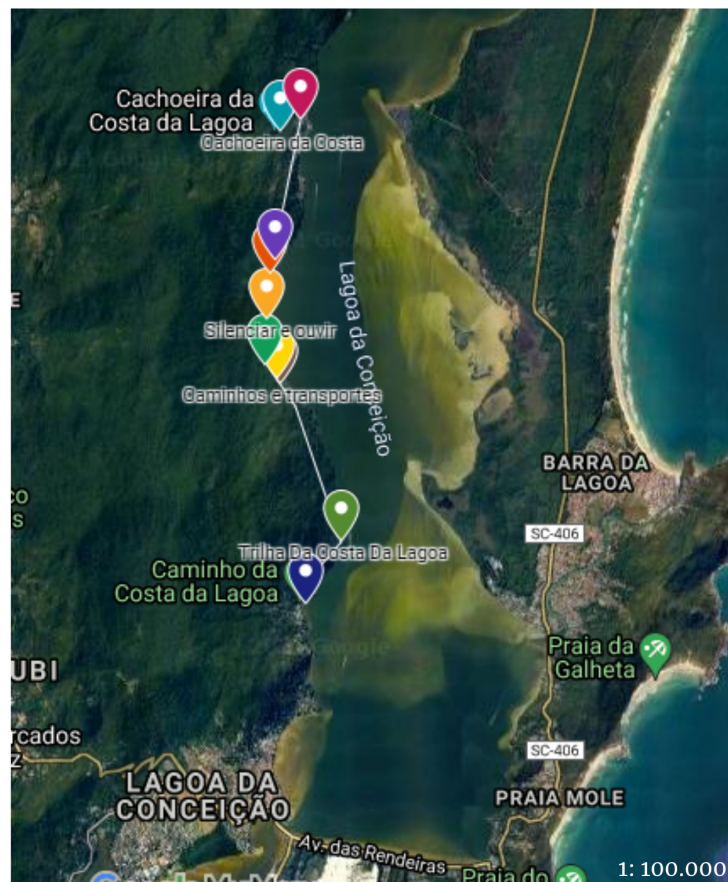


Figura 22: Mapa mostrando o Caminho da Costa da Lagoa com pontos marcados do roteiro-expedição. Fonte: Google maps.

As localidades da Freguesia da Lagoa se comunicavam através de caminhos e trilhas (*peabirus*) com outras freguesias e com o centro da cidade, local onde se fazia o comércio da produção agrícola e onde se conseguia alguns gêneros, como querosene, por exemplo. Algumas dessas vias (*peabirus*) se transformaram em estradas, outras desapareceram e outras se perpetuaram como únicos meios de acesso terrestre a determinadas localidades. Exemplo disso é o caminho que nos leva a comunidade da Costa da Lagoa. Na realidade, há diversas

trilhas seculares que atravessam os morros e ligam a Costa ao bairro do Ratoes e Itacorubi, mas o caminho mais utilizado é o que liga o Canto dos Araçás a Costa da Lagoa. Outra forma possível de se alcançar a Costa é através do transporte marítimo realizado por embarcações que saem do centrinho da Lagoa da Conceição e do Rio Vermelho, sendo a via marítima a forma mais utilizada pelos moradores da Costa.

O caminho da Costa tem 5 km de extensão, iniciando ao final do bairro Canto dos Araçás até o ponto conhecido como “Saquinho”, passando pela vila da Costa, onde se encontram casas residenciais, igreja, creche, posto de saúde, bares e restaurantes. Além da vila, o caminho geral da Costa abriga outros povoados como “Vila Verde”, “Praia Seca” e “Costa de Cima”.

Ao percorrer o Caminho da Costa da Lagoa é possível entrar em contato com esse passado rural da Ilha através de um olhar que procura perceber as marcas de vestígios já tão escondidos e esquecidos pela modernidade e por um discurso de natureza intocada. São pontes, escadarias de pedra, casarões, engenhos, além dos aspectos dos costumes, manifestações populares e questões sócio culturais que evidenciam materialidades e imaterialidades que colocam este lugar como patrimônio cultural e ambiental.

O Caminho da Costa traz também a transformação da paisagem através de uma ocupação desordenada dos morros que acompanham parte do caminho. É possível perceber que, assim como ocorreu no centro da freguesia - o chamado “centrinho da Lagoa”, o crescimento populacional do bairro ocorreu, e ainda ocorre, por boa parte de sua extensão, incluindo alguns lugares de difícil acesso, como na Costa da Lagoa. O discurso de natureza intocada promoveu a vinda de muitas pessoas para a Lagoa da Conceição. Mas numa rápida observação notamos que as consequências desse discurso estão trazendo transformações drásticas para o lugar. Podemos colocar em questão, por exemplo, de que forma essa ocupação desordenada impacta o meio ambiente. Uma pergunta a se fazer é: as pessoas que buscam viver tão próximas à natureza percebem o impacto que causam ao meio, se percebem como parte do meio?

Ao propor um roteiro-expedição pela perspectiva da Educação Patrimonial queremos também deslocar o olhar do estudante sobre o patrimônio historicamente construído nas cidades, problematizar a relação presente-passado na atribuição de valores dos bens culturais, investigar a partir dos sentidos, ressignificar e apropriar-se do patrimônio cultural local.

Assim, as atividades propostas para o Roteiro-expedição compreendem os seguintes objetivos: Colocar os/as estudantes em contato com as marcas remanescentes do passado rural da região da Lagoa da Conceição; Conectar o trabalho realizado na Oficina de fontes em

sala de aula com a experiência prática proposta no Roteiro-expedição; Aproximar os/as estudantes de uma reflexão viva sobre as temporalidades presentes; Problematizar o patrimônio como algo apenas “edificado”, sem que se coloque em questão o seu contexto sócio histórico e a sua conexão com o presente e com os sujeitos; Identificar as mudanças na paisagem nos últimos anos e suas conexões com as formas do “saber-fazer” do momento presente sob a luz do conceito de paisagem cultural; Estimular a percepção do espaço através dos sentidos: olhar, ouvir, respirar, tatear, sentir.

Ao percorrer o percurso criado para esta proposta de Educação Patrimonial, queremos que os estudantes - sujeitos históricos - percebam o entorno através dos seus sentidos: olhar, ouvir, respirar, sentir; conhecer as edificações e perceber quais interações são possíveis, intencionado por uma educação das sensibilidades. Este roteiro foi criado para ser uma inspiração para o/a professor/a que queira estimular seus/suas estudantes a refletirem sobre o saber que está fora da sala de aula, sobre o seu próprio saber, sobre o saber de si e o saber do outro.

Nesse terceiro momento, os/as estudantes serão estimulados a registrarem a partir da fotografia e da escrita as suas percepções do lugar para o trabalho que será desenvolvido no quarto e último momento da proposta de ensino de história com os estudantes. Para tanto, ao longo dos 8 pontos de parada elencados, os/as estudantes serão provocados a deslocar o olhar para a percepção de um lugar que tem história e memória.

No site, na seção Diálogos com os professores do Roteiro - expedição, o/a professor/a encontrará orientações e sugestões que proporcionarão um estudo do espaço como fonte de pesquisa. É importante também salientar que as indagações propostas para esse roteiro são alguns exemplos e que o/a professor/a está livre para elaborar outras questões juntamente com seus/suas estudantes.

Início do Roteiro - expedição

Ponto de encontro

Final do Canto dos Araçás (último ponto de ônibus): Observação do entorno percebendo sua geografia, chamando atenção dos estudantes para o encontro do ser humano com o meio ambiente. Nesse momento será recomendado que os estudantes registrem através da fotografia algum objeto, um trecho do caminho, uma planta, uma parte de algum edifício, ruínas etc) que se relacione com o passado rural da Costa da Lagoa e/ou com as transformações que ocorreram e que possam ainda ocorrer no presente. Esses registros serão (re)visitados no 3º momento.

Obs: O último ponto de ônibus está localizado próximo ao Trapiche 03, que dá acesso aos barcos da Cooperbarco (Agência que faz o transporte lacustre).

Figura 23: Detalhe da seção Diálogos com os professores mostrando parte inicial do Roteiro-expedição. Fonte: Produção da própria autora. 2021. <https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/roteiro-expedi%C3%A7%C3%A3o/di%C3%A1logos-com-os-professores-roteiro>

Em cada um dos pontos do roteiro são sugeridas perguntas que relacionam o espaço/monumento com as fontes pesquisadas a fim de incentivar e deslocar o olhar dos estudantes para pensar o local e criar uma conexão para além da ideia tradicional de patrimônio, entendida como já citado anteriormente, como algo a ser preservado somente.

Quando estimulamos estudantes a compreenderem que a história não está somente nos livros, que é possível “aprender a partir da própria vivência”, “experenciá-la” (TUAN, 1983, p. 10), as marcas do passado presentes na paisagem do cotidiano, da cidade, oferecemos a eles a oportunidade um novo olhar - um outro olhar - para o que está próximo e ao mesmo tempo longe. Ao longo do roteiro-expedição, intencionamos a partir das atividades propostas, que os/as estudantes se aproximem da cidade, da história do bairro por meio de uma série de questionamentos que visam uma conscientização da cidadania.

Os oito pontos de parada propostos são:

- **1ª parada: Início do Caminho:** Logo no início do Caminho, encontra-se um casarão do final do século XIX, que é parte do conjunto tombado pelo Decreto n 247/86, que foi objeto de análise e estudo na Oficina de fontes.

Nesta primeira parada, queremos que os/as estudantes comecem a pensar no objeto de estudos do roteiro, o Caminho da Costa da Lagoa, e a sua patrimonialização. É proposto que os/as estudantes observem as características do edifício, a sua conservação, as possíveis alterações em suas fachadas. Questionem-se sobre os muros que o cercam. Aqui temos um edifício do final do século XIX, que sofreu algumas alterações na fachada, mas o que chama mais atenção é o fato de estar bem conservado porque é uma propriedade privada.

- **2ª parada: Portal do Caminho da Costa ao Canto dos Araçás:** Ao observar a placa, que contém diversas informações e orientações sobre a caminhada, percebe-se que a mesma está quebrada e pichada, evidenciando o abandono e o desconhecimento do bem público.

Nesta parada, faz-se necessária uma série de perguntas que relacionam cidadania e a conservação dos patrimônios. A partir deste ponto é possível levantar o seguinte questionamento: Quem são os responsáveis pela manutenção do Caminho nos dias de hoje, já que é um patrimônio da cidade? Pretende-se assim, conectar o sujeito ao lugar no sentido de orientá-lo para um entendimento mais amplo do seu papel social e de cidadania fazendo

dessa experiência uma possibilidade de alcance cada vez mais expressivo sobre a sua própria consciência enquanto sujeito histórico.

- **3ª parada: Caminho de pedras:** O Caminho de pedras, localizado entre o Trapiche 05 e Trapiche 06, é um exemplo de calçamento da época em que o Caminho da Costa era usualmente utilizado tanto para o escoamento da produção de açúcar, café, farinha de mandioca, quanto para a circulação de pessoas.

Neste momento de “experienciação” (TUAN, 1983), podemos imaginar quais relações sociais, de trabalho se deram naquele espaço, e buscar respostas para algumas perguntas como: Quem eram os sujeitos que por esse caminho transitavam? Qual a necessidade de pavimentar o caminho? Por que o caminho tem essa dimensão? O que o espaço disponível para a passagem de carros de boi e cavalos com cangalhas nos fala sobre ele?

- **4ª parada: Casa Engenho de farinha:** O Engenho da Costa da Lagoa, localizado na região denominada Vila Verde, remonta ao século XIX e é o último remanescente com tais características em funcionamento no leste da Ilha de Santa Catarina.

A atividade proposta para esta parada abrange diversos questionamentos e reflexões acerca das relações socioeconômicas estabelecidas no engenho, dialogando com as fontes históricas trabalhadas em sala de aula. Orienta-se também aos estudantes experimentar a edificação e seu entorno a partir de percepções sensoriais do olhar, do tato, do olfato, da audição. Quais sensações são despertadas? Ao observar, tocar, sentir o edifício, perceber quais materiais foram utilizados na construção; quais instrumentos do trabalho do engenho estão presentes e de que materiais são feitos; onde era possível conseguir as matérias-primas utilizadas. Qual é o cheiro do lugar? Ao silenciar e ouvir: Quais são os sons que se ouve? Ao fechar os olhos e se concentrar nas pessoas trabalhando no engenho - em outros tempos - , o que se poderia ouvir? Todo o movimento de experiência com o espaço contribui para se pensar uma das perguntas sugeridas: Onde está o tempo?

4ª parada: Casa Engenho de farinha



O Engenho de farinha organiza a estrutura agrária compreendida em toda a Freguesia da Lagoa. A partir do estudo do engenho é possível perceber o trabalho nas lavouras e o trabalho no fabrico da farinha de mandioca. O Engenho da Costa da Lagoa, localizado na região denominada Vila Verde, remonta ao século XIX e é o último remanescente com tais características em funcionamento no leste da Ilha de Santa Catarina.

Assim como em todo território brasileiro, a escravização de africanos e afrodescendentes esteve presente também na Freguesia da Lagoa até a abolição da escravatura, em 1888. É certo que a presença africana e afrodescendente fez parte dos trabalhos nas roças e nos engenhos, contribuindo para a construção desse passado rural.

Fonte: Acervo da autora, 2021.



Vista da fachada Nordeste. entrada principal da Casa-Engenho. Fonte: Ac...

Algumas indagações:

- Qual era a importância da produção dos engenhos para a economia local?*
- Além da mandioca, quais eram as demais culturas agrícolas existentes na Costa da Lagoa?*
- Quais relações de sociabilidade poderiam haver naquele espaço?*
- Além de cumprir o papel de fornecedor de mão de obra produtiva, quais eram as demais participações dos escravizados e libertos?*
- Como funcionava o engenho?*
- Todos os lavradores podiam ser proprietários de um engenho de farinha ou de açúcar?*
- Como você imagina que era o ritmo da vida dessas pessoas?*

Professor/a, além das questões colocadas acima, oriente as/os estudantes a experimentarem o engenho a partir de percepções sensoriais do olhar, do tato, do olfato, da audição. Quais sensações são despertadas?

Ao observar o interior e exterior do edifício:

Quais materiais foram utilizados para construir a Casa-engenho? Quais instrumentos do trabalho do engenho estão presentes? De que materiais são feitos? Onde era possível conseguir as matérias-primas utilizadas?

Ao tatear e sentir o odor das paredes, ruínas, portas, chão, objetos :

Quais sensações lhe causam? São frios ou quentes? Ásperos ou lisos? Úmidos ou secos? Qual é o cheiro do lugar?

Ao silenciar e ouvir:

Quais são os sons que se ouve?

Ao fechar os olhos e se concentrar nas pessoas trabalhando no engenho - em outros tempos -, o que se poderia ouvir?

Para finalizar: Onde está o tempo?

Figura 24: Detalhe do site que mostra a 4ª parada: Casa Engenho de farinha e as atividades propostas para esse momento. Fonte: Produção da própria autora. 2021.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/roteiro-expedi%C3%A7%C3%A3o/di%C3%A1logos-com-os-professores-roteiro>

- **5ª parada: A árvore de garapuvu :** O tronco do Garapuvu (*Schizolobium parahyba*) era muito utilizado pelos índios Guarani para fazer canoa-de-um-pau-só. Essa técnica de construção artesanal foi adotada e aprimorada pelos imigrantes açorianos que chegaram na Ilha de Santa Catarina em meados do século XVIII.

Nesta parada do roteiro, os/as estudantes são convidados a tocarem o tronco do Garapuvu e observarem com atenção como é a estrutura da árvore: tronco, galhos, folhas e flores; são questionados sobre o que sabem desta árvore, se sabem que ela é a

árvore símbolo da cidade de Florianópolis; são instigados a pensar em outros legados do conhecimento indígena que estão presentes no nosso cotidiano.

- **6ª parada: Silenciar, sentir e ouvir:** Ao longo do Caminho da Costa é possível ouvir o som dos pássaros, das águas que correm em direção a lagoa, dos barcos, o ranger dos galhos das árvores e sentir a força do vento tocar nosso corpo. Escolha um ponto, pare, silencie, feche os olhos e escute.

A 6ª parada é um momento de relaxamento no qual os/as estudantes terão a oportunidade de se conhecerem melhor e de entrarem em contato com as suas sensações mais sutis que o espaço oferece. A atividade proposta está repleta de intenções que deslocam os/as estudantes para uma conexão íntima com o espaço, buscando com isso transformá-lo em lugar. O convite está em se sentar, se acalmar, fechar os olhos, silenciar, ouvir os sons ao redor e sentir a brisa do vento ou o calor do sol. Num exercício que pode durar de 1:30 min a 2min, peça para que escutem todos os sons imediatos a cada um e aos poucos busquem ouvir os sons mais distantes do ambiente. Quais sons foram ouvidos? Quais sons estão perto? Quais estão longe? Quais sons são familiares? Podemos identificar pássaros e animais pelos sons ouvidos neste ambiente? O quanto nós entendemos do mundo a partir dos sons? Como os sons são importantes em nossa vida e como nos relacionamos com eles? Como pode ser a vida sem os sons? O que os sons escutados revelam sobre esse lugar?

- **7ª parada: Sobrado colonial: Casarão "Dona Loquinha":** O sobrado colonial construído por volta de 1780 está localizado próximo ao Trapiche 11, numa área denominada Praia Seca. Este edifício remonta às primeiras décadas da colonização açoriana na Ilha de Santa Catarina. Ele é mais conhecido como Casarão "Dona Loquinha", esta descendente dos primeiros moradores do sobrado e sua última moradora. Hoje, o casarão está fechado e abandonado.

O Casarão provoca muita curiosidade e surpresa, uma vez que por si só o edifício se destaca na paisagem. Ele é único. Seu tamanho e características arquitetônicas demonstram a importância econômica da região em seu passado rural. Provoca também indignação, devido a seu estado de conservação, que encontra-se totalmente em ruínas.

Esse momento de investigação dos vestígios e interação com o edifício é acompanhado de uma série de questões para os/as estudantes refletirem sobre os mais

diferentes elementos materiais e imateriais que envolvem essa construção, como as atividades econômicas, as relações de trabalho, as redes de sociabilidade, as memórias que o lugar guarda, o que significou para as pessoas no passado, o que significa no presente. Assim, a reflexão conduz para se pensar na importância e no valor que nossa sociedade dá ao Patrimônio Cultural e à memória. Fica evidente que esse processo se relaciona diretamente com a noção que se tem de cidadania, com a tomada de consciência de entender-se como um sujeito social que vive em comunidade, onde todos têm “o direito à memória, mas também o dever de zelar pelos bens de nossa diversidade cultural” (PEREIRA; ORIÁ, 2012, p.167).

As interações com a edificação e com seu entorno têm o propósito de aproximar os/as estudantes, como durante o todo o roteiro, da educação das sensibilidades, que nesta atividade convida-os/as a experimentarem o casarão a partir de uma observação atenta, do tato, do olfato, da audição. Quais sensações são despertadas?

- **8ª parada: Vila da Costa da Lagoa:** Ponto de encontro da comunidade, a vila da Costa é onde se concentra o maior número de habitantes, a Igreja, o Centro de saúde, a Creche, além de bares e restaurantes. A vila recebe inúmeros turistas que vêm para apreciar a paisagem e degustar os pratos locais nos diversos restaurantes localizados, em sua maioria, à beira da lagoa. Outro atrativo da Vila é a Cachoeira da Costa, muito frequentada pelos moradores locais e também pelos turistas.

A última parada sugerida para este roteiro é a Vila, que nos fornece um conjunto muito rico de elementos para se pensar questões relacionadas como a paisagem cultural, o turismo, a organização social e do trabalho, o saneamento básico, a noção de pertencimento à comunidade, as transformações e permanências.

Ainda na seção Diálogos com os professores segue-se a subseção Outras possibilidades e orientações, que como o próprio nome sugere traz um compilado de ideias, recomendações, sugestões e possibilidades para o/a professor/a preparar seu roteiro de acordo com suas necessidades pedagógicas, além de um conjunto de perguntas adicionais que poderão complementar as discussões sobre patrimônio e patrimonialização.

Na seção Roteiro de estudos, os/as estudantes terão acesso ao roteiro criado no Google Maps, algumas recomendações e orientações para que o roteiro seja feito de forma consciente e reflexiva.

Para o trabalho de estudo do roteiro de Educação Patrimonial é sugerido um caderno de registros, onde os/as estudantes podem colocar suas impressões do lugar, registrar as percepções que o lugar lhe causou, anotar as reflexões indagadas pelo/a professor/a, fazer desenhos e colagens com as fotografias que forem produzidas durante o roteiro.

3.2.4 - Exposição dos trabalhos

Para o 4º momento do projeto, pode ser proposto uma atividade que reúna os diversos trabalhos desenvolvidos ao longo da proposta metodológica. Essa atividade pode ser pensada para acontecer como parte de um evento organizado pela escola, como Mostra Cultural ou Feira do Conhecimento. No site, na seção **Exposição dos trabalhos**, sugerimos algumas atividades para a finalização do projeto, as mesmas estão elencadas abaixo.

1. Divulgação e distribuição dos fanzines produzidos na atividade *Vamos pesquisar?*, da Oficina de fontes, sobre: Desastre socioambiental e Paisagem cultural, relacionados ao tema Patrimônio: Paisagem Cultural.
2. Exposição dos objetos e/ou exposição das fotografias dos mesmos, resultantes da pesquisa 3 da atividade *Vamos pesquisar?*, da Oficina de fontes, relacionados ao tema Trabalho e memória: A vida em outros tempos. Todos os objetos e fotografias expostos seriam acompanhados das devidas legendas descritivas, ou seja, a biografia do objeto: nome, para que serve, provável data de confecção, história dentro da família a que pertence, se ainda é utilizado atualmente etc). Os/as estudantes podem se reunir para escolher quais objetos inventariados por eles/as irão para a exposição.
3. Promover discussão com os/as estudantes da comunidade escolar sobre o reconhecimento de patrimônios não consagrados estimulando os estudantes a pensarem, enquanto sujeitos do presente, quais bens culturais reveladores do seu passado e presente serão escolhidos “para a constituição de sua identidade como cidadãos plenos que constroem coletivamente suas múltiplas memórias” (PEREIRA; ORÍÁ, 2012, p. 161). A partir do debate organizar um levantamento destes bens na comunidade.

4. Exposição fotográfica em preto e branco, sépia ou colorida das imagens produzidas pelos próprios estudantes ao longo da expedição. A exposição será composta por pequenas exposições, onde cada grupo criará um título para sua mostra fotográfica sobre o tema da proposta patrimonial. Ou seja, será incentivado que os estudantes pensem como o passado rural da Costa da Lagoa se configura no presente e que evidências os estudantes conseguiram perceber ao longo do caminho e do tempo que foram por eles (re)significados. Para cada fotografia será pedido um título em forma de pergunta e uma legenda comentada. A turma pode criar um comitê para selecionar e organizar a exposição.
5. Exposição e apresentação dos portfólios individuais e dos cadernos de registros produzidos pelas/os estudantes ao longo do desenvolvimento do trabalho. É possível organizar para que durante a mostra dos trabalhos, os/as estudantes possam falar sobre as experiências que tiveram com a proposta de ensino.
6. Reprodução de vídeos curtos produzidos a partir de entrevista com moradores locais. Esta atividade propõe o exercício de pensar as memórias que a Lagoa têm. Para tanto, é preciso organizar um roteiro de entrevista e incentivar os estudantes a recolherem algumas memórias da Lagoa através da conversa gravada com pessoas de várias idades, moradores locais e também novos moradores. Nesse sentido, compor um mosaico de memórias da Lagoa.
7. Promover e convidar moradores locais para uma roda de conversa durante a mostra de trabalhos. Essa é uma oportunidade de conectar gerações e experiências. A roda de conversa pode ser conduzida por dois estudantes da turma ou das turmas envolvidas no processo. Pode-se pensar em um roteiro para a roda de conversa e também deixar espaço para que os convidados possam falar sobre assuntos que lhes interessem ou que julguem relevantes.

As possibilidades de apresentação e finalização dos trabalhos propostos ao longo do processo de ensino são inúmeras, cabe ao/a professor em conjunto com as/os estudantes pensar qual será a melhor forma de acordo com os objetivos estabelecidos. Se o/a professor/a desejar fazer uma exposição dos trabalhos fora da escola, para uma intervenção e diálogo com a comunidade, espaços como centros culturais, salão da paróquia, centros comunitários,

entre outros, podem ser procurados. Uma boa divulgação é elemento importante para que toda a comunidade possa participar.

Por fim, salientamos que as atividades sugeridas em toda a proposta metodológica, e isso inclui a finalização, organização e exposição dos trabalhos, intentam privilegiar o protagonismo do/a estudante na construção de sua aprendizagem.

3.2.5 - Ensinar História da Lagoa: estratégias para construção de um site pedagógico

A ideia de criar um site para apresentar a proposta metodológica se fez presente desde o princípio. Posso dizer que a proposta já nasceu vinculada com o projeto de um site para sua apresentação, disponibilização e pesquisa. Dessa forma, o site se torna parte da dimensão propositiva deste trabalho. A escolha de criar um site e não um caderno ou material pedagógico impresso, por exemplo, se deu pelo fato de que entendemos que um conteúdo para o ensino de história disponível numa plataforma digital acaba por facilitar e ampliar o acesso do público em geral. Torna-se possível também agregar determinados materiais, como vídeos e hiperlinks que não seria possível em outras formas de apresentação física.

Um aspecto relevante que merece ser ressaltado é que, ainda que o site tenha sido uma escolha inicial para a divulgação da proposta, ela se mostrou bastante exigente. Foi necessário todo um movimento para criar e disponibilizar os materiais sugeridos, como os documentos, as fichas, o questionário num formato que pudesse ser acessado virtual e fisicamente. Como a ideia é que o/a professor/a faça uso do site com os/as estudantes na escola era preciso que todo o repertório de documentos estivesse acessível de forma virtual. Então, foi preciso criar um banco de dados, uma pasta onde os documentos estão armazenados, organizados e disponíveis para que qualquer pessoa tenha acesso.

Da mesma forma, esses documentos precisam estar num formato que possa ser feita a impressão, caso a escola não disponibilize computadores e internet para um trabalho virtual. Pode ainda, o/a professor/a necessitar da impressão dos documentos por motivos outros, de acordo com seu planejamento pedagógico. Optou-se então pelo formato em PDF, pois esse formato facilita tanto o acesso pelo computador, como também já está pronto para ser feita a impressão.

Dentre tantas plataformas que disponibilizam instrumentos para criação de uma página na Web, escolhi o Google sites pela facilidade que o serviço oferece. Ainda que eu já utilizasse diversas ferramentas do Google, só fui conhecer o Google sites na já citada aula de

Educação Patrimonial, com as professoras Mônica Silva e Carmem Gil. Uma das atividades propostas por elas foi a criação de um site em conjunto com toda a turma. Daquela experiência e do meu interesse em trabalhar com a Web, nasceram duas propostas pedagógicas, uma primeira em 2019, também já citada aqui, que teria sido o embrião deste trabalho; e uma outra proposta, em 2020, durante as aulas remotas, com uma turma do ensino médio sobre a temática dos povos originários das Américas.

Além da preocupação com a disponibilização dos documentos que facilitassem o acesso, houve a preocupação do site ser um ambiente que pudesse realmente contribuir com o trabalho dos/das professores de forma isolada ou em conjunto com os/as estudantes. Para chegar ao resultado final do [site](#) foram necessárias muitas tentativas, erros e acertos na formatação e design. O conceito de que forma e conteúdo precisam estar em harmonia se faz presente, mas o conteúdo é o mais importante. Assim, optei por um site que pudesse ser objetivo, prático, com cores neutras em toda sua composição. As imagens contribuem para a visualização dos documentos, lugares, ideias e práticas a que esse site se propõe.

O *website* está estruturado da seguinte forma:

- I. A *home page* ou página inicial, contém uma imagem grande em preto e branco da Lagoa da Conceição acompanhada da pergunta: *Quais são as marcas que a Lagoa guarda de seu passado rural?* logo abaixo um conjunto de imagens em pequeno porte com um botão - link para as páginas principais; no canto direito superior está localizado o menu para acessar as páginas principais.

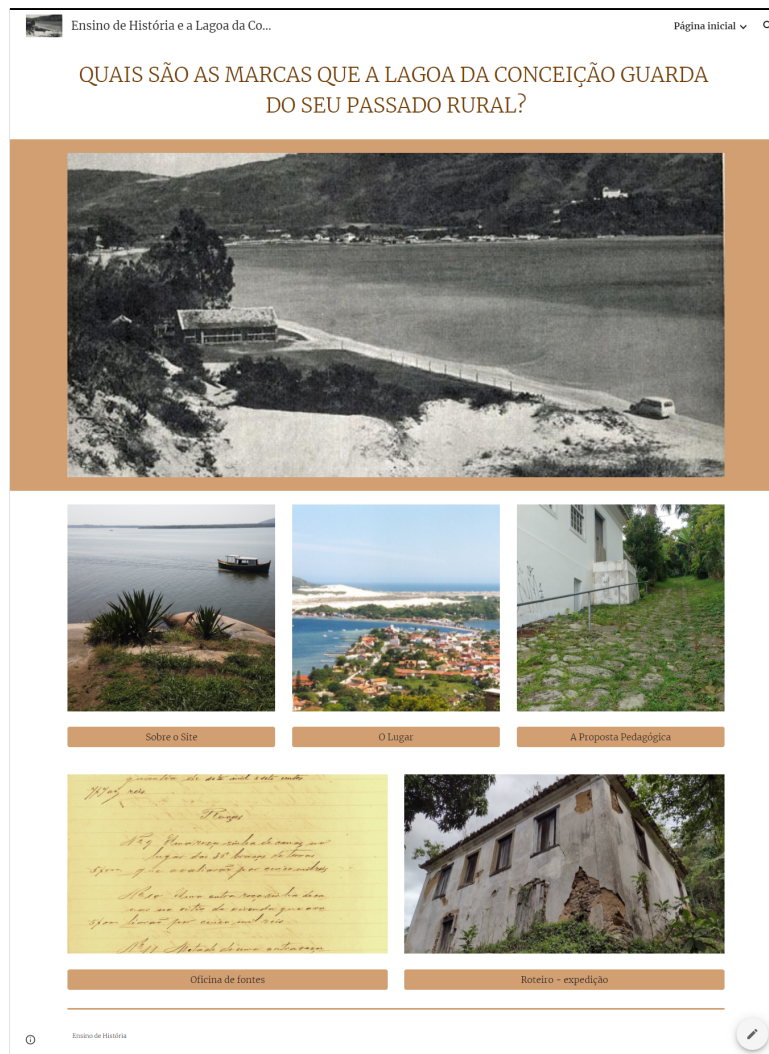


Figura 25: Página inicial do site. Fonte: produção da própria autora.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial>

- II. As páginas principais estão divididas em: **Sobre o site**, **O lugar**, **A proposta metodológica**, **Para iniciar essa conversa!**, **Oficina de fontes**, **Roteiro-expedição**, **Exposição dos trabalhos** e **Comentários e sugestões**.
- III. Em **A Proposta metodológica**, o/a professor/a encontrará informações necessárias para compreender como a proposta metodológica para o ensino de história para ser experimentada está organizada.
- IV. A seção **Para iniciar essa conversa!** traz informações que orientam o primeiro contato dos/as estudantes com o trabalho proposto intermediado pelo/a professor/a. É uma seção voltada para o/a professor/a e contém os objetivos da seção, as possibilidades metodológicas para desenvolver a atividade e um modelo de

questionário para iniciar a conversa com os/as estudantes e trabalhar os conhecimentos prévios dos/das estudantes.

The screenshot shows a website page with a header 'Ensino de História e a Lagoa da Co...' and a search icon. The main heading is 'Para iniciar essa conversa!' in a yellow box. Below it, there is a paragraph of introductory text. The 'Objetivos' section lists four bullet points: presenting the theme, collecting impressions, orienting on work steps, and explaining the work with a portfolio. The 'Possibilidades metodológicas' section describes two steps: a conversation circle and a diagnostic questionnaire. A thumbnail of the questionnaire is shown, with a caption: 'Questionário para conhecer os/as estudantes e trabalhar os conhecimentos prévios.' The page footer includes a Creative Commons license.

Figura 26: Detalhe do site que mostra a seção **Para iniciar essa conversa!**

Fonte: Produção da própria autora. 2021.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/para-iniciar-essa-conversa>

- V. As páginas principais **Oficina de fontes** e **Roteiro-expedição** trazem as atividades para serem desenvolvidas junto aos estudantes. Também compartilham do mesmo *layout* de navegação com botões de acesso às seções: **Diálogos com os professores** e **Roteiro de estudos**.
- VI. A página principal **Oficina de fontes** estrutura-se nos temas Patrimônio: Paisagem Cultural; e Trabalho e memória: A vida em outros tempos. E apresenta-se como mostrado abaixo.

Ensino de História e a Lagoa da Co...
Página inicial

Quarta parte de uma roça de mandioca, no sítio da vivenda da família que avaliava por 450 mil e quinhentos reis

Oficina de fontes

TEMA: Patrimônio: Paisagem Cultural

"O caminho sobe ainda mais. Da floresta do cimo desce à esquerda, murmurando em seu leito de pedra, por uns cem pés, um riacho constituído de vários braços, que rebenta nas rochas escarpadas. Sobre ele inclinam-se cecrópias e palmeiras e na sua vizinhança os mitos e begônias formam cerrada mata. O seu murmurinho acompanhou-nos até a crista da serra. Imponente vista! Aos nossos pés, o mar azul, subindo no horizonte, como parece, sempre que do alto contemplamos a sua larga superfície. Mas exatamente abaixo de nós, uma baía azul, isolada, e um grande lago, em torno do qual se estendem próspera plantação, bonitas casas de residência ou língemes mortos cobertos de mato".

(Robert Avé-Lallemant, 1858)

O trecho acima é parte da descrição que o médico e explorador alemão Robert Avé-Lallemant fez da Lagoa da Conceição quando de sua passagem pela ilha de Santa Catarina. Em 1858, Avé-Lallemant esteve em expedição pela Província de Santa Catarina e em sua estada pela ilha, visita a Freguesia da Lagoa e seus arredores. A partir de seu relato podemos construir em nosso imaginário como era a Lagoa em outros tempos e perceber como sua paisagem foi sendo transformada ao longo do tempo.

Diálogos com os professores

Roteiro de estudos

TEMA: Trabalho e memória: A vida em outros tempos

As tiradeiras

<p>" Eu gostava muito de cantar. Cantava tanto que lá nos cômodos se ouvia. Nós tirávamos o café cantando. Só as mulheres. Os homens às vezes iam no cafeeiro tomar conta das tiradeiras. À noite, nós iamos raspar mandioca. Ai botávamos o gado no engenho, começávamos a cevar, pra depois pensar. Só terminava o trabalho quando a mandioca já estava pronta para fazer beiju. Eu ia trabalhar na Costa [...]</p>	<p>[...] Na Costa, um dos donos do engenho era o Joca Silveira. Mas, aqui perto, tinha o engenho do Afonso, marido da Clara. Lá no Canto, tinha o engenho do sogro do Inacinho... Onde hoje é o Grupo Escolar, também tinha um engenho de farinha. Mas algumas mulheres preferiam ficar em casa fazendo renda".</p> <p style="text-align: right; font-size: small;">Lina Alexandra - Freguesia.</p>
---	---

O texto de abertura deste tema é um dos excertos de entrevista do livro *Vozes da Lagoa*, já citado no tema anterior. A personagem escolhida foi a Lina Alexandra, moradora da Freguesia da Lagoa, nascida no ano de 1916. Nesse relato, as memórias evocadas falam sobre o trabalho das mulheres na época em que se tinham muitos cafeeiros pelos morros, engenhos espalhados por toda a região da Lagoa e o feito das rendas de bilro era um trabalho rotineiro das mulheres. Na época em que as entrevistas foram realizadas pelas autoras do livro, Lina estava com a idade de 78 anos.

Diálogos com os professores

Roteiro de estudos

Ensino de História

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License

Figura 27: Detalhe do site que mostra a página principal da Oficina de fontes.

Fonte: produção da própria autora. 2021.

<https://www.ensinarhistoriadalagoa.com.br/p%C3%A1gina-inicial/oficina-de-fontes>

VII. A seção **Diálogos com os professores** é direcionada aos/às professores/as e organizada em: Texto de apresentação, Objetivos, Possibilidades metodológicas e Sugestões de aprofundamento.

A subseção **Possibilidades metodológicas** está organizada em etapas que trazem orientações e sugestões para o trabalho com as fontes históricas, incluindo a descrição de cada fonte, link de acesso às fontes e às fichas de análise em formato PDF.

A subseção **Sugestões de aprofundamento** traz um conjunto de materiais (links de sites, livros, audiovisuais), para o/a professor/a aprofundar seu conhecimento a respeito do tema proposto.

VIII. A seção **Roteiro de estudos**, pensada para o/a professor/a trabalhar com os/as estudantes, está estruturada em etapas de trabalho, sendo: 1ª etapa: texto de apresentação; 2ª e 3ª etapa: seleção, interpretação e análise das fontes - Nessa etapa há a possibilidade de acessar as fontes em formato PDF - ; 4ª etapa: atividades de reflexão, debate, pesquisa e produção. Pensou-se também em um espaço dentro da seção **Roteiro de estudos** que pudesse dar suporte com indicações para auxiliar a pesquisa e o trabalho dos/das estudantes, criou então a subseção **Material de apoio**.

IX. A página principal do Roteiro-expedição segue, como já dito, com os botões de acesso às seções **Diálogos com os professores** e **Roteiro de Estudos**. Na primeira, o/a professor/a terá acesso ao roteiro pelo Caminho da Costa da Lagoa, texto de apresentação, objetivos, atividades a serem realizadas neste momento, algumas orientações extras, além de algumas indicações de leitura relacionados ao tema.

X. A página **Exposição dos trabalhos** oferece uma reunião de ideias e formas de exposição e apresentação para cumprir o papel de finalização da proposta metodológica. Lembramos que são sugestões que tem o intuito maior de ampliar as possibilidades de atuação do/a professor/a dentro da sua realidade escolar.

XI. Por fim, temos a página **Comentários e sugestões**, lugar dedicado para que todos os que acessaram o site, desenvolveram as atividades, utilizaram a proposta como inspiração para os seus trabalhos possam deixar sua mensagem, comentar se utilizou a proposta, como ela foi recebida, como se deu o trabalho com os/as estudantes, enfim, é um espaço para que o/a professor/a, pesquisador/a, estudante, público em geral, possa fazer sua contribuição.

Além do exposto acima para a escolha de um site, vivemos a sociedade da informação, onde cada vez mais a cultura digital por meio de celulares e da web se faz presente. O desafio que nos foi apresentado no contexto da pandemia do Covid-19 amplificou

o acesso a sites e blogs em busca de conhecimento e novos materiais. Se já vivíamos um processo de intensa procura, principalmente das novas gerações, de alcançar o maior número de benefícios com a utilização das tecnologias digitais, sem dúvida esse processo foi intensificado nesses últimos dois anos.

Em face de tal situação, um site para o ensino de história abre possibilidades interessantes para o trabalho do/a professor/a com seus estudantes, que certamente se sentirão mais conectados ao mundo no qual pertencem.

Lembramos que, a proposta metodológica apresentada no site *Ensinar história da Lagoa*, é composta por possibilidades e orientações, e não prescrições de como o/a professor/a deve proceder em seu trabalho. A premissa é que o professor/a seja um pesquisador/a, assim como a elaboração da proposta metodológica e do site foi para a autora, e faça uso do material disponibilizado (fontes, fichas, roteiro, atividades) de maneira que lhe faça sentido.

Com isso, enfatizamos a ideia do professor/a enquanto pesquisador/a autônomo/a, que pensa sua prática pedagógica, que se propõe a desenvolver novas estratégias no Ensino de História e que busca parcerias para projetos interdisciplinares. Assim, a proposta se apresenta também como inspiração para os professores de História interessados no trabalho pedagógico da interdisciplinaridade, promovendo o diálogo e entrelaçamento dos campos do conhecimento num movimento que amplia a compreensão do mundo.

Um dos objetivos para a elaboração do site foi construir um diálogo com professores com o intuito de apresentá-los a proposta metodológica deste trabalho e convidá-los a experimentá-la com seus estudantes de diferentes etapas escolares e contextos. Dessa forma, as atividades propostas podem ser desenvolvidas com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e das séries do Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História com o uso de fontes históricas, debatendo questões da História Local. O objeto de estudo para este trabalho é o bairro Lagoa da Conceição e as marcas que o bairro guarda de seu passado rural.

A minha vontade de conhecer a história da Lagoa nasceu logo que fui morar na região. O ano era 1998, eu tinha 16 anos e estava iniciando a minha caminhada longe de casa. Tudo era diferente do que eu conhecia. Do interior de São Paulo para Florianópolis, as diferenças eram enormes. Mas existiam na época alguns aspectos que chamavam muito a minha atenção e me conectavam com o lugar de onde eu vinha. Eram aspectos rurais que se traduziam em carros de boi, em farinhadas, no jeito simples dos moradores locais, num tempo mais devagar em que as coisas aconteciam. Aos poucos fui conhecendo a história dos morros de lavoura, do tempo das roças e dos engenhos e fui percebendo, ao longo dessas duas décadas que moro na região, que essas histórias e costumes foram se diluindo em meio às transformações cada vez mais rápidas que vêm ocorrendo no bairro e na cidade como um todo.

Como professora de História sempre busquei colocar para meus alunos a importância de se conhecer a própria história, a história da família, de conhecer a história do bairro, da cidade. Essa motivação ganhou um status diferente quando fui trabalhar na EEM Henrique Veras, escola do Estado que oferece o curso do Ensino Médio no período noturno, na Lagoa da Conceição. Para mim era fundamental que os estudantes conhecessem a história do bairro. O desenvolvimento da proposta aconteceu, inicialmente, no ano de 2019, mas em decorrência da pandemia da Covid-19 que se abateu sobre o mundo todo, não foi possível trabalhar a proposta com os/as estudantes. Essa primeira tentativa foi o embrião da proposta apresentada e desenvolvida nos últimos dois anos.

Assim, um dos objetivos do trabalho foi ampliar o estudo da história da Lagoa por meio de uma proposta de Educação Patrimonial para o ensino de história que envolvesse o uso de fontes históricas com intuito de promover uma reflexão acerca da presença e marcas do passado rural na Lagoa da Conceição através do tempo, mas a partir de questões do presente numa dinâmica que possibilita uma compreensão de que este lugar tem história e de que eles próprios - os/as estudantes - são agentes da história.

A proposta sempre teve como um dos seus alicerces a oficina de fontes históricas. Primeiro porque acredito que o acesso dos/das estudantes às fontes exige uma série de

mecanismos intelectuais na compreensão das diferentes formas de registro histórico e desenvolve a competência leitora dos estudantes numa relação constante que envolve a pesquisa e a produção do conhecimento histórico. Segundo porque como pesquisadora da Lagoa eu tinha acesso a algumas fontes históricas sobre o passado e presente, que poderiam ser objetos de estudo da história local. Dessa forma, criei um banco de dados que está totalmente disponibilizado nesta proposta.

Assim, era imprescindível as discussões sobre história local para a construção desta proposta. Para este local específico se mostrou necessário trazer para o debate com os/as estudantes a categoria de “paisagem cultural”. Ao pensar na Educação Patrimonial como uma perspectiva para se estudar a história local, a paisagem da Lagoa torna-se um objeto de estudo para se perceber as transformações ocorridas ao longo de um período bem grande de tempo. Assim, a categoria “paisagem cultural” nesta proposta buscou oferecer uma ferramenta que pudesse relacionar os aspectos culturais e naturais aos modos de ser e fazer da Lagoa, ou seja, como resultado da interação entre a dimensão material e imaterial, como os usos tradicionais da terra e da laguna (atividades agrícolas e pesqueiras) com os conhecimentos tradicionais, os modos de fazer, as práticas culturais desenvolvidas em torno das atividades tradicionais, a proposta intenciona identificar também as mudanças na paisagem cultural nos últimos anos e suas conexões com as formas do “saber-fazer” do momento presente.

O resultado deste trabalho se define numa proposta de ensino que promove o agenciamento e investigação de fontes históricas dentro e fora da sala de aula. Basicamente, a proposta está sustentada por dois momentos: a Oficina de fontes e o Roteiro-expedição. A oficina de fontes está apresentada e orientada para acontecer dentro e fora da sala de aula. Já o Roteiro-expedição é um momento que propõe que os estudantes possam experienciar, fora da sala de aula, o espaço através do seus sentidos, tornando-o em um lugar com afeto e repleto de valor. As atividades que foram propostas para este momento promovem o espaço como uma fonte histórica, que será investigada, experienciada. Tanto a oficina de fontes quanto o roteiro-expedição foram pensados a partir da pergunta “*Quais as marcas que a Lagoa da Conceição guarda de seu passado rural?*”, que ao orientar a proposta acabou por definir a escolha de determinadas fontes históricas e as indagações sugeridas às mesmas; a proposição do roteiro pelo Caminho da Costa da Lagoa e a sugestão de abordagem do mesmo.

Todo o material organizado para ser parte desta proposta metodológica está disponibilizado em um site na internet e com isso buscou-se proporcionar que o maior número de professores/as, pesquisadores/as, estudantes pudessem ter acesso de forma

facilitada. Ao longo do desenvolvimento do site ele se tornou parte da dimensão propositiva deste trabalho.

Algo relevante a se dizer é que todo o movimento de idealização e construção da proposta exigiu um trabalho enquanto professora-pesquisadora e pude trazer toda a experiência acumulada ao longo desses últimos dez anos na docência. Em alguns momentos, tive muita dificuldade em concretizar minhas ideias, fosse por questões relacionadas ao trabalho de desenvolver uma proposta que realmente viesse contribuir com o trabalho dos meus colegas professores, fosse por questões de organização do tempo, que se divide com o meu trabalho enquanto professora de duas instituições de ensino, contabilizando mais de 40 horas semanais. Enfatizo ainda, que nos últimos dois anos esta pesquisa foi desenvolvida juntamente ao ensino remoto, que exigiu de nós, professores/as de todas as áreas, adaptação, paciência, criatividade e inteligência emocional. Sinto que foi um período de muito aprendizado e de muita insegurança também.

Por outro lado, tenho certeza que este trabalho só veio a acrescentar para a minha prática enquanto professora e pesquisadora. Posso dizer que me sinto muito mais consciente e comprometida com as questões que apontei e sugeri nesta proposta metodológica para o Ensino de História. Entendo que todo o movimento feito para o desenvolvimento da pesquisa e proposta deverá e será sempre acionado para pensar minha prática docente nos projetos futuros. Depois de dois anos trabalhando em casa e não tendo a oportunidade de estar presencialmente com meus alunos e minhas alunas, sinto uma vontade enorme de adentrar pelos portões da escola, tirá-los de lá, sair pelas ruas e experienciar a cidade.

Acredito que o material produzido oferece diferentes possibilidades de ação para trabalhar com as fontes históricas em sala de aula e com a Educação Patrimonial em qualquer contexto, de qualquer cidade. Como sabemos, ainda é muito difícil para nós professores e professoras conseguirmos concretizar, como dito anteriormente, muitas das nossas ideias com relação ao ensino e a nossa prática docente. Muitas vezes, nos vemos amarrados a questões burocráticas, a um ensino que não acreditamos, com salas de aula lotadas, que impedem determinadas atividades, enfim há uma lista infinita de considerações que nos aprisionam a uma prática que não é efetiva e nem atraente para os/as estudantes.

Assim, ofereço este trabalho como uma pequena contribuição para o Ensino de História e convido professores e professoras a experimentarem esta proposta metodológica com seus/suas estudantes de diferentes etapas do ensino. Como dito anteriormente, esta proposta é fruto de um projeto iniciado em 2019, mas que ao não ser desenvolvido como

pretendido, permanece latente dentro de mim esperando por uma oportunidade de ser colocado em prática com estudantes da Lagoa da Conceição.

De modo geral, a proposta está para ser uma inspiração para aqueles que anseiam por novas abordagens dentro do campo do Ensino de História e pode ser adaptada, recriada e repensada para a realidade encontrada pelo/as professores/as em suas escolas, bairros e cidades. O importante é que possamos promover aulas de história onde os/as estudantes possam ser protagonistas de seu aprendizado na construção do conhecimento histórico. Entendo que essa ação possa sempre colocá-los como um sujeito histórico que pensa e repensa suas ações no mundo, que se permite ter empatia pelo outro e que se torna consciente de que o futuro é logo ali.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo. História Local e Ensino de História: Interrogação da Memória e Pesquisa como Princípio Educativo. In: GABRIEL, Carmen T.; MARTINS, Marcus Leonardo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs). **Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2016, p.59-79.

ADAMS, B. **Preservação urbana: gestão e resgate de uma história - patrimônio de Florianópolis**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2002.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo (SP), 1989. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

AVÉ-LALLEMANT, R. (1980). **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. (T. Cabral, Trad.) Belo Horizonte - São Paulo: Itatiaia - Universidade de São Paulo .

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, Eliane; SCHAEFER, Bebel O. **Vozes da Lagoa**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Fundação Banco do Brasil, 1995.

CAIMI, Flávia. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo, p.17-32, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03>

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009, 199 p.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Paisagem Cultural e Patrimônio: desafios e perspectivas. In: **1o Colóquio Ibero-americano. Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto Belo Horizonte - MG. 2010** – Brasília, DF: IPHAN; Belo Horizonte, MG: IEDS, 2017. _

_____. **Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio**. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>. Acesso em 26 de abril de 2021.

CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (Orgs.). **Patrimônio Cultural: Políticas e perspectivas de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

DELGADO, Andréa Ferreira. SILVA, Mônica Martins da. **Educação Patrimonial e Formação de professores: Pesquisa e produção de material didático sobre o patrimônio cultural da Ilha de Santa Catarina**. In: I Simpósio de Patrimônio Cultural de Santa Catarina - "Patrimônio Cultural: Saberes e Fazeres Partilhados", 21 e 22 de novembro de 2013. Florianópolis, SC.

ESTEBAN, M. Paz S. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERREIRA, Gilmara de Campos. **Morros de lavoura: A vida agrícola na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1875-1900)**. 2010. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 49-109.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla de Patrimônio Cultural. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 59-79.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Práticas de ensino em projeto de educação patrimonial: a produção de saberes educacionais**. IN: Pro -Posições | v . 24, n . 1 (70) | p . 93-107 | jan . / abr . 2013.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Patrimônio Cultural e Ensino de História**. Porto Alegre: Edelbra, 2014, p. 91-109.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como intelectuais**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GONÇALVES, Janice. **Da educação do público à participação cidadã: Sobre ações educativas e patrimônio cultural**. MOUSEION, Canoas, n.19, dez., 2014, p.83-97. ISSN 1981-7207.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro. **A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonâncias**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. (orgs). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.175- 185.

GUIMARÃES, Selva. Ensinar História: formar cidadãos no Brasil democrático. In: GUIMARÃES, Selva (Org.). **Ensino de História e Cidadania**. Campinas: Papyrus, 2016, p.75-105.

IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>

IPIUF - **Inventário Histórico Arquitetônico do Caminho da Costa da Lagoa**. Florianópolis, 1985.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia (org.). **Repensando o ensino de história**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.26-46.

LAVINA, R. Indígenas de Santa Catarina: História de Povos Invisíveis. p.76. In: BRANCHER, A.. História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 1999.

MIRANDA, Sonia Regina. **Formação de professores e ensino de História em limiares de memórias, saberes e sensibilidades**. Revista História Hoje, v. 2, nº 3, p. 149-167.2013.

MURTA, S.M.; ALBANO, C.(orgs.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, Território Brasilis, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In: **Professores de História**: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 81-111.

MONTEIRO, Ana Maria et al. **Pesquisa em Ensino de História**: Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2014.

PAIM, E. A. Epistemologia decolonial: uma ferramenta para ensinar histórias outras. In: **HH Magazine**: humanidades em rede. 2019. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/epistemologia-decolonial-uma-ferramenta-politica-para-ensinar-historias-outras/>. Acesso em 29 out. 2020.

PEREIRA, Leandro Balejos. **Ensino de história e o ofício do historiador**: a investigação do processo de patrimonialização do espaço físico da Escola Estadual Professor Olintho de Oliveira (Porto Alegre/RS) com alunos e alunas do 6º ano do ensino fundamental. (Dissertação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Porto Alegre, 2017.

RIBEIRO, Raphael Rajão e TORRES, Michelle Márcia Cobra. **Diálogos com a Educação Patrimonial e o Ensino de História em Instituições Arquivísticas**: Ações educativas no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Dossiê sobre “Difusão Cultural em Arquivos”. Revista Acervo do Arquivo Nacional. 2012. Disponível em: <http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/issue/view/2>

RIBEIRO, R.W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

_____. Um conceito, várias visões: paisagem cultural e a Unesco. In: **1o Colóquio Ibero-americano. Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto Belo Horizonte - MG. 2010**. – Brasília, DF: IPHAN; Belo Horizonte, MG: IEDS, 2017.

ROCHA, Helenice A. B. Uma Caixa de História Local nas mãos do professor. In: GABRIEL, C. T. et. al. **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016, p. 129- 148

PEREIRA, Júnia Sales; ORIÁ, Ricardo. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. In: RESGATE - vol. XX, n.23 - jan./jun. 2012 - p. 161-171.

PEREIRA, Nilton M.; SEFFNER, F. **O que pode o ensino de história?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista Anos 90. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008.

SILVA, Cristiani Bereta da. Conhecimento Histórico Escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 50-54.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **Memórias sobre a História de uma Cidade: A História como Labirinto**. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 47. p. 241-270. 2008.

TOLENTINO, Átila Bezerra, BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação patrimonial** [recurso eletrônico] : políticas, relações de poder e ações afirmativas / organização. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5)

TUAN, Y Fu. **Espaço e Lugar: uma Perspectiva da Experiência**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250p.